

PRÊMIO  
CAMILÔ  
CASTELO  
BRANCO



**BIS**

**JOSÉ  
CARDOSO  
PIRES**  
*O HÓSPEDE DE JOB*



O Hóspede de Job

João Cardoso Pires  
O Hóspede de Job

91100000062239

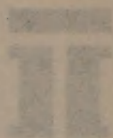




PRÉMIO CAMILO CASTELO BRANCO

**José Cardoso Pires**  
**O Hóspede de Job**

11.<sup>a</sup> edição





**Leya, SA**

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2  
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 1963, 2001 Herdeiros de José Cardoso Pires e Publicações D. Quixote  
© 2011, Herdeiros de José Cardoso Pires e Leya, SA

Capa: Rui Belo/Silva!designers

Revisão: Clara Joana Vitorino

11.ª edição Publicações D. Quixote, 1.ª edição BIS: Maio de 2011

Paginação: Heragráfica, Artes Gráficas

Depósito legal n.º 316 850/10

Impressão e acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

ISBN: 978-989-660-063-1

<http://bisleya.blogs.sapo.pt>

À memória de  
António Nuno Pires Neves,  
meu irmão  
(1931-1953)





## I

Espalmada em córregos secos, numa terra de barro e areão que encarquilha ao sol; rasgados os campos pela estrada longa de asfalto ou por baforadas ronceiras de comboio – assim, no despontar da charneca, fica Cercal Novo: um clarim, uma igreja abraçada ao quartel, meia dúzia de casas ao correr da estrada, e principalmente um silvo, um delicado traço de fumo a alastrar sobre a planície:

«Uuuuu...»

«Comboio de Évora», dizem os militares nas casernas.

«Comboio de Évora», diz-se na cadeia, na enfermaria e na Casa do Soldado. «Comboio de Évora, comboio dos corrêcios e de quem vai de licença.»

E ao balcão das vendas alguém canta:

Lá vai o comboio, lá vai

Lá vai ele a assobiar...

Estirado sobre um desses balcões, o cabo ferrador Três-Dezasseis assenta uma palmada no tampo de zinco:

«Chó!»

O grito varou de alto a baixo os dois recrutas que cantavam ao fundo da loja. Apanhou-os muito unidos, com o braço pelos ombros um do outro, e cortou-lhes a voz. Estavam sentados num banco comprido, como duas crianças amigas ou como os casais de namorados ao domingo nos jardins.

Agora os dois soldaditos molham os lábios (à imagem de certos animais quando esperam o ataque que os há-de devorar), mudos e atentos, e irremediavelmente presos àquele vulto que se debate contra o vinho para conseguir endireitar-se. Não se mexem nem dão sinal. Assistem às arrancadas, às indecisões, às teimosias do cabo, e tudo isso – movimentos desmantelados, arrancadas, indecisões – pode ainda fazer-lhes lembrar os comboios nas suas manobras de estação, saindo e entrando nos apeadeiros cheios de malas e de gente intrigada.

Também o tendeiro, do outro lado do balcão, não teve um gesto sequer. Não pensaria por certo em viagens e em comboios – estava, e está, como sempre: sentado numa indiferença de pedra, olhando a direito como se entre a sua pessoa e a porta que dá para a estrada não houvesse ninguém, positivamente ninguém. Nem mesmo esse militar em desespero de vinho que, a dois palmos dele, roça a cara pelo balcão, estende as unhas, os cotovelos, e é um mostrengo diante de dois recrutas assustados.

«Chó!»

Para medir o silêncio que cavou àquela ordem, Três-Dezasseis empertiga-se. Balança o corpo num mar grosso de vinho, tapa os ouvidos com as mãos. Mas mesmo através dos dedos, mesmo no meio do sono, sente o comboio a navegar:

«Uuuu... Uuu...»

«Chó!» Soluça, e ataca logo com novo grito: «Chó! Chó com a cantiguinha, já disse!»

Não se sabe se falou para calar de vez os recrutas, se o comboio, se os próprios soluços. Talvez tudo junto — o mundo, ele mesmo. E está alerta. Os outros nem piam.

«Uuuuu...»

«Mau...»

«Uuu...»

Três-Dezasseis cega, a taberna fica à mercê da sua ira e do apito que se perde lá fora. Tudo encolhido, tudo atento à provocação que vem de longe, do comboio. E ao sinal temido já se sabe: mais murros no balcão e o homem novamente aos berros.

«Chó, com catano! Chó!»

É uma disputa, um jogo entre o cabo e o comboio.

«Uuuuu...»

«Raios me partam... Chó, aí!»

«Chega», resmunga o tendeiro, enfasiado.

O cabo vira-se a ele, tão pronto como uma fera desconfiada:

«Chó também para você.»

O pior é que nesta dança repentina o corpo falha-lhe. As cardas das botas riscam o lajedo, o homem perde-se na tontura de uma volta em falso, mas, vá lá, consegue aguentar-se por milagre. Fica quieto, indeciso, e cortado por soluços. Pouco a pouco começa a vergar, a ceder, e o odre de vinho que ele é desaba outra vez sobre o balcão.

«Chó», rosna ainda, mergulhado numa grande modorra.



## II

Os recrutas sentados num banco de pau ouvem-no agora rir em segredo. «Comboio de Évora», vai dizendo ele; e ri; «Eh, eh, comboio de Évora.»

Depois vêem-no alongar o braço à procura da medida de vinho e, rodando sobre si mesmo, ficar estirado em cima do balcão, a cobiçar o copo com olhos turvos.

«Comboio de Évora, comboio de Vila Real ou dos quintos dos infernos, o que eu quero é que tu te trabalhes.» Cuspiu para o lado: «Que te trabalhes.»

Silêncio. Tendeiro e recrutas têm um ouvido nele, outro na noite – no silvo que a noite consegue transportar.

Mas Três-Dezasseis mira e remira o copo que tem na mão e quando fala aperta-o, cheio de rancor. Refere-se ainda aos comboios, se bem que noutro tom:

«Comboios de mil e seiscentos diabos. Comboios e mais comboios por todo o lado e a esta hora em Álvaro já não há quem se lembre de mim.»

Lamentou-se para a bebida, sua companheira naquela altura. Vai levá-la à boca, atirá-la às goelas para arrumar definitivamente essa maldição. Mas arrepende-se e

pousa-a no tampo de zinco. Com força, porque àquela hora em Álvaro já ninguém se lembra dele.

«Ninguém, conho.»

A recordação de Álvaro deve tê-lo amolecido ou, pelo menos, afastado do combate com o comboio da planície, com a liberdade e com tudo quanto podia trazer a uma vila de tropa o apito indomável duma locomotiva. Os beijos negros de sarro começam a soltar-se, as palavras aclaram-se, mais brandas, mais seguras.

«Ninguém se lembra de mim e ainda bem.» O cabo arrasta o copo, acena-lhe tristemente: «O caso é esse, ninguém se lembra...»

Bem entendido, nada disto pode interessar a um taberneiro no seu negócio. Para ele, cumprir o tempo, assistir à freguesia a horas tão enfadonhas como esta, já é muito. O homem aqui presente, trajando de negro, fita de luto no boné, cigarro apagado na boca, está portanto para além da curiosidade, para além dos soldados e da tenda. Consulta o relógio, puxa-o pela fita de nastro (também negra), mas verá sequer as horas? Não é de crer. O cigarro continua pendurado, seco, o cabo Três-Dezas-seis ainda se justifica diante do copo de vinho, os recrutas tremem. É tudo.

«Esqueceram-me, que o sei eu. Três-Dezas-seis em Álvaro já não vale coisíssima nenhuma. E ainda bem. Verdade. Ainda bem, pois então. Vamos que eu aparecia lá na terra e que algum diabo se lembrava de me perguntar: *Então, moço, que andaste tu a fazer neste tempo todo?* É um supor, mas vamos que alguém se lembrava de perguntar?»

Pôs a questão a si mesmo, mas de qualquer maneira pretende uma resposta venha ela donde vier.

«Vamos, cara linda. Respondias, tu?»

«Eu?» arrisca um dos recrutas; e o caso é que o cabo nem deu por ele, de tal modo estava preso à imagem de Álvaro e à conversa que tecia consigo mesmo.



«Parece que estou a ouvir a minha velha: *Explica-te, alma de Deus, conta lá o que fizeste na tropa...*»

Quase sem esforço, Três-Dezasseis aproxima-se dos companheiros. Vem devagar, tresandando a sarro e a aspereza, e estaca diante das duas cabeças rapadas que se erguem para ele:

«Catorze meses fora de casa merecem uma resposta, conho. E o Três-Dezasseis à rasca, o Três-Dezasseis sem atinar com o que havia de dizer. Cabo ferrador? *Minha mãe, saiba você que fui cabo ferrador...* Ná. É curto, cara linda. Talvez artilheiro... *Minha mãe, saiba você que fui artilheiro e que aprendi todas as peças dum obus...*»

«Isso mesmo», diz um dos recrutas, o mais pequeno.

«Isso mesmo o quê, praça nova?»

«Isso. Bastava que o nosso cabo respondesse que tinha sido artilheiro.»

Três-Dezasseis encolhe os ombros, com enfado:

«Vê tu, recruta, se é resposta que se dê a uma velha. *Artilheiro...*»

«Bom, artilheiro toda a gente sabe o que é.»

«Toda a gente? Então o que é? Caluda, deixa este gajo falar.»

«Cá por mim, qualquer homem que assente praça em Artilharia...»

«Caluda, recruta duma cana. Esse que sabe, esse que se explique.»

«Bom», recomeça o outro, o mais pequeno. «Artilheiro é todo aquele que lida com peças e com obuses.»

«Obuses?» Três-Dezasseis nem quer acreditar no que ouviu. «Obuses. Vejam bem a resposta deste lanzudo. Obuses.»

«Obuses, e então? É mal respondido?»

«Dizes tu obuses. E cuidas que fizeste uma figura real.»

«Então, nosso cabo? O artilheiro não trabalha com obuses?»

«Mas não é explicação, recruta enrascado. Um paisano pode muito bem desconhecer esse termo de obus. O que é, sabes tu?»

Sentados diante de Três-Dezasseis, os soldaditos giram os olhos, atormentados com tanta pergunta.

«A gente ainda não deu essa instrução», desculpa-se o mais pequeno.

E o maior:

«Não é preciso dar nenhuma instrução para saber que é uma arma, acho eu. Para todos os efeitos há-de ser uma arma, um fogo para guerra.»

«O obus?»

«O obus, nosso cabo.»

«Bonito. Na tua alta espertallice achas então que é um fogo para guerra. É isso?»

«Sim senhor, uma arma contra as nações. Um fogo contra o inimigo.»

Muito bem, Três-Dezasseis está informado. Limita-se apenas a querer saber a que guerra se destina esse fogo, e que é dele, esse inimigo.

«Vá lá, recruta safo. Atrapalhaste-te ou quê?»

Dirigiu-se, é certo, aos companheiros sentados no banco mas olhando principalmente para o homem da tenda. E isto significava que se sentia verdadeiramente orgulhoso pela dificuldade da pergunta que acabava de fazer e também que, de certo modo, era para o tendeiro que tinha falado; ou que, pelo menos, esperava dele algum acordo.

«O inimigo?» O soldado pequeno hesita. «O inimigo... Já sei! São as mulas, nosso cabo.»

«Alma do diabo», grita o segundo recruta, e desata às gargalhadas batendo com as botas no chão.

Três-Dezasseis, esse sorri de dó. De piedade, de nojo.



### III

As mulas – tinha respondido o recruta pequeno; e para ele era isso o inimigo. «Fogo na mula branca», gracejam os artilheiros entre si, ao receberem ordem de disparar; «Porrada na mula», comentam os praças velhas diante do castigo injusto, da humilhação do tropa.

O recruta maior rebola-se às gargalhadas em cima do banco:

«Filho da mãe... Ai, o filho da mãe...» Torce-se, deita as mãos à barriga, numa alegria que ofende o companheiro e o faz corar até às orelhas. «Ih, ih... Ai, o filho da mãe...»

O outro ouve, suporta encontrões e risos, a vergonha da sua frase infeliz. Mas a paciência tem limites. Uma resposta, mesmo uma resposta desastrada, não pode pesar para todo o sempre sobre a cabeça de um soldado sem experiência, e este recruta, percebendo isso, dá uma cotovelada no companheiro e não desarma:

«As mulas, e então? A gente não diz *fogo na mula branca?*»

Pior ainda. O riso volta com mais força, o banco sacode-se e quase se desmancha com as gargalhadas do

outro. Só Três-Dezasseis acompanha o espectáculo com o tal sorriso de piedade, balançando o corpo ensonado como se não percebesse a razão de tudo aquilo. Via-se que não achava graça aos dois recrutas, que os deixava muito simplesmente a contas um com o outro até se cansarem ou até compreenderem por si próprios a sua insignificância e o seu desconhecimento da vida militar. De resto, *fogo na mula branca* era uma razão de caserna, nada mais.

«Um dito», pensa o cabo, especado diante dos recrutas. «Fogo na mula branca é um dito como qualquer outro, próprio do soldado e próprio do artilheiro. Fogo na mula branca, fogo no inimigo.»

E em voz alta:

«Alguma vez se viu alguém fazer fogo contra uma mula? Pára lá com isso, recruta brincalhão. Estou-te a perguntar se alguma vez se viu fazer fogo contra uma mula.»

«Como?», diz o mais pequeno.

E o maior, apanhado de riso na boca:

«Eu, nosso cabo...»

«Caluda. Pergunto se já alguma vez se viu fazer fogo contra uma mula.»

O que ria responde que não com a cabeça, o outro desculpa-se:

«Bem... É uma resposta...»

«Resposta, a mula branca? É um dito, recruta enrascado. Expliquei-me bem? É um dito, não é um inimigo.»

Ao fundo da loja o tendeiro boceja alto. Está indiferente ao tempo, incapaz, como se sabe, de toda a curiosidade. Em vez de impostos, de copos de vinho ou de moedas em cima do balcão, discutem-se ali as razões do militar; pretende-se saber o que significa a Mula Branca e se é, com efeito, nela que está o inimigo.

«Mulas são bestas, aqui e em qualquer parte do mundo.»

«Embora», diz o soldado pequeno. «Há casos, nosso cabo, em que um homem pode estar sujeito a ter uma besta por inimigo. Na minha terra, um que chamavam o Grafonola...»

«Isso foi lá na tua terra.»

«E pronto, lá está você no gozo. Mas este aqui que diga se não é verdade esse tal Grafonola. É ou não é verdade, pá?»

«Gaitinha, gaitinha, que assim não nos entendemos. Falo de mulas e vocês vêm-me com Grafonolas. Mulas. De mulas é que se está a falar. Entendido?» Silêncio. O cabo ferrador soprou um sorriso para longe, cheio de autoridade. Dir-se-ia que dava o assunto por arrumado, mas não: dentro em pouco estava na mesma, a contas com as mulas. «São como tudo neste mundo. Mulas, garanto-vos eu, há-as boas e há-as ruins. Além de que são animais de trabalho.»

«Ninguém diz menos...»

«Chó, recruta, que fala o cabo. Mulas é preciso conhecê-las para as saber levar aonde se quer. Há animal desses que se agarra a um arado que nem o boi mais valente. E para cavalgar no cascalho? E para acarretar esterco, lenha ou seja o que for?»

Empinado sobre os companheiros, Três-Dezasseis conta que se não fossem as mulas nunca a gente de Álvaro conseguiria governar-se.

«Sem elas, metade da minha terra andava com a outra metade às cavalitas... Faço-me compreender?»

Os recrutas aceitam, compreendem. Pelo que lhes chegara ao conhecimento do passado do cabo, Álvaro, terra do inferno, ficava nas voltas dos penhascos da raia onde só as bestas de carga conseguiam chegar. Burros e mulas – as mulas, sobretudo, que são animais castigados e servos do pobre, embora rancoroso.

Mas, pergunta-se, pode haver pior sorte do que a de nascer para criado do pobre? Haverá? Daí, o ódio das

mulas – destas da tropa ou de qualquer outro dono. As de Álvaro lá andam, coitadas, e sabe Deus como: escravas do pobre e em campo pobre. Lá as vamos achar abrindo lume na rocha com os cravos das ferraduras, mergulhando em valados de tojo ou batendo trilhos de contrabandistas. E são criaturas úteis, valiosíssimas, ainda que, à falta de melhor, alimentadas de rancor.

«Recruta, para falar de mulas é preciso ter lidado com elas.»

Cabo e soldados amontoam-se ao canto da loja, a sós com aquele assunto. Pegam-se uns aos outros, lambem os beijos em seco; tropeçam na voz – conversa de bêbados, nevoenta e teimosa (pensará, se é que pensa, o tendeiro).

«Muito certo, nosso cabo. Mas as mulas daqui são outras.»

«São, se tu quiseses, como os soldados corrécios», torna o cabo Três-Dezasseis, cheio de boa vontade. «E onde está o mal? Não as obrigam a fazer tropa toda a vida?»

«Não é motivo, nosso cabo.»

«Parece-te. Motivo e bem motivo. Fora do quartel essas gajas seriam como quaisquer outras, mas, é claro, aqui portam-se como se sabe.»

«Velhacas. Traçadas, contrárias ao praça...»

E Três-Dezasseis, num tom manso e matreiro:

«Velhacas as mulas? Que sabem vocês disso? Com que direito desfazem assim dos animais?»

Num arranco de surpresa deita as unhas à camisa e abre-a, mostrando como testemunha um peito que não o deixa mentir. Seco como o de um verdadeiro camponês e, o que é mais importante, todo lavrado de marcas: coices da mula Rosa, rasgões de cabresto, dentadas do macho Cinco, etc.

«Velhacas, dizem vocês?»

Aos olhos abismados (amedrontados, até) dos recrutas, o cabo ferrador, a chasquear de riso por cima deles e às punhadas ao peito, apresenta-se como uma figura de portal, homem, sem dúvida (um homem banhado pela luz crua do gasómetro que espirra sombras pelos cantos da casa e que o cobre de uma cinza fria, luminosa), mas principalmente um mártir de igreja ou herói da História que aponta medalhas em vez de cicatrizes de curral.

«Andem com elas», ameaça. «Metam-se com as mulas e depois digam-me.»

Mostra-se, bate no peito, defende esses seres caluniados, lembrando respeito, compreensão, como se fosse amigo e defensor das muars de todas as pintas, desde os machos burreiros às mulas espanholas, que são matronas alentadas e doidas por sangue – mulas, em suma.

Simplesmente, o sono e o vinho há muito que tinham toldado os dois soldaditos. Tudo o que o cabo lhes conta afunda-se neles com o peso das memórias tresnoitadas. O praça velha Três-Dezasseis, atirando murros a si mesmo, desafiando o mundo e abrindo as goelas lá no alto, quase a rasar o tecto da locanda, não está ali, mas por cima deles, muito distante – talvez nos cumes de Álvaro, a esbracejar em campo aberto por entre revoadas de cascos afiados e de focinhos sangrentos. E as mulas de todos os quartéis do país embatem-lhe no peito coberto de cicatrizes (aliás medalhas); espojam-se à sua volta; correm desalvoradas, arrastando os arreios; divertem-se e mordem-se umas às outras; escoucinham, riem. Riem propositadamente, para desgraça e terror do soldado.



#### IV

Cercal Novo (disse-se) é um clarim pousado à margem da charneca. É um eco de passos rondando ao luar, uma penitência de cinturões e de botas cardadas; uma procissão, uma guerra entre muros. É, nas tardes de domingo, dois soldados de mão dada, passeando, estrada abaixo, estrada acima, sem jamais encararem a planície.

Os militares nas tabernas, os outros que passeiam ou aqueles que fazem guarda a uma baioneta não podem ver a desolação que vai nos campos. Pensam na deles, na sua desolação.

«*No Cercal castiga-se muito e come-se mal...*» É com esta lição bem assente que os soldados deixam amigos, enxada e família para se entregarem à triste vida da caserna. Na grande maioria são homens-operários, homens-camponeses cobertos com uma farda que cobriu antes deles outros operários, outros camponeses ou pescadores, e essa roupa, esse simples número de regimento, alheiam-nos da terra, da planície que se abre a dois passos dali.

Dir-se-á: têm o eco do comboio e as notícias dos seus para os lembrar. Pior, nesse caso: o comboio é o remorso do prisioneiro (Três-Dezasseis, não vamos mais longe,

serve de prova) e as notícias da família são um segundo castigo para quem sofre à distância a desgraça dos outros – principalmente nesta quadra do ano em que os campos andam varridos pelos ventos da fome.

Na realidade, há muito que os ranchos de fora, acabadas as ceifas, regressaram às suas casas, uns, os gaibéus e os ratinhos, em direcção ao norte, outros, os algarvios, em direcção ao sul. E todos eles insultados, à despedida, pelos olhares que os alentejanos lhes deitavam:

«Judas miseráveis, Judas.»

Eles compreendiam. Ouviam e baixavam a cabeça. Tinham-se deixado ajustar por jornas que os trabalhadores da região sempre recusaram e, que remédio, ouviam. Mas perguntavam à sua consciência se seria justo vir de tão longe para voltar à mulher e aos filhos de mãos a abanar. «Seria?», perguntavam.

Por isso regressaram às suas terras, atravessando as vilas em rebanhos de silêncio. Tinham chegado a cantar (os ranchos de algarvios, sobretudo esses), viajando de concertina e flor no chapéu e esperançados em dias de pão e de risonha camaradagem, e afinal voltavam de orelha murcha, renegados.

Depois deles a charneca ficou deserta, as praças cheias de ganhões ao alto. Ervas-do-diabo despontaram por toda a parte, rompendo por entre o restolho com a avidez dum fogo rasteiro, famílias de cobras invadiram os pedregais e, não tardou muito, chegaram os temidos ventos de Setembro, os ventos que já se esperavam. Desvairados, correram à larga pelos campos, semearam tudo de pedras e de cardos e salpicaram o horizonte de uns gafanhotos de África, velhos, pesados e escuros. Pareciam cavacos ardidos levados na ventania, e devoraram a terra, deixavam-na no osso.

Em tão larga devastação apenas o vulto de alguma debulhadora, coberta com panais, se erguia na planície.



Tal como estava, abandonada nas extensões a perder de vista e minada por bichos e por silvas, por pó e vendavais, essa máquina amortalhada era uma ruína perdida e um aviso. «Estou aqui», lembrava ela aos alentejanos de braços caídos. «Com as minhas correias, meu nervoso insaciável, faço o trabalho de todos vós.»

O resultado vê-se: ao sul, no lugar de Cimadas, rondam patrulhas da Guarda.

Na véspera, as mulheres tinham marchado sobre a Vila e, todas em coro, apresentaram-se na Câmara. Pediam pão para casa, trabalho para os maridos.

«Temos política», disseram os escriturários à boca pequena. E o sargento Leandro, da GNR, caçou a mais nova das Sotas e trancou-se com ela no posto: «Ora conta, mocinha. Que maluqueira deu agora nos de Cimadas?»

Correndo as ruas, e de porta em porta, as camponesas de Cimadas chamavam as da Vila, que eram mulheres como elas, com filhos e necessidades.

«Que é isto? Que é isto?», piava o veterinário, aos saltinhos na farmácia.

«Caso sério», assoprava baixinho um vereador, entre as cortinas da sala.

Assoprava ele, piava o outro, ladrava o sargento Leandro por ordem, ordem, e mais ordem. A linguagem dos animais com medo.

«Ordem ou vai tudo raso.»

Com palavras de toda a espécie e principalmente com os seus soldados, Leandro conseguiu afastar as mulheres para a estrada de Cimadas. Era noite quando elas deixaram a Vila e mais noite ainda quando avistaram o telheiro esbarrondado da família dos Sotas, à entrada do casal. Aí, emudeceram: a velha Casimira esperava-as.

«Que é dela, a minha Floripes?»

Ninguém lhe respondeu. E como ninguém lhe respondesse, a velha, na ponta do cabeça, entre paredões

apodrecidos, arregalou muito os olhos e pôs-se a crescer como se alguma coisa desconforme a fosse tomando por dentro. Ao ponto de que, não podendo sustentar mais o espanto, a dor, essa coisa que lhe enchia o peito e que era maior do que ela, teve um clarão repentino e espetou os braços ao céu:

«Ai que ma levaram!»

O grito rasgou-lhe a alma. Sem sair do seu posto, sem permitir que alguém a segurasse, pôs-se a insultar o mundo, a Guarda, ela mesma e a sua sorte infeliz. As palavras não lhe bastavam, enterrava os dedos nos cabelos, encrespava-se, queria acordar.

«Ai, os malsoados que ma roubaram. Ai, que me roubaram a minha querida neta. Que vai ser de mim, Jesus? Que vai ser de mim, senhores? Que vai ser de todos nós, sem a minha querida Nina?»

Outros vultos, homens e mulheres, tinham deslizado pelos buracos do casebre e cercavam-na. Era a ninhada de filhos e de netos que a velha ali tinha criado. À tona dessa família, a mulher sacudia o seu perfil esfarpado e luarento. Não chorava, tinha — isso, sim — uns olhos bravios, cortantes que nem duas unhas de pedra.

«Ai, a minha Floripes.»

De manhã, ainda ela rouquejava, morta de cansaço, entraram no povoado dois guardas a cavalo. Apenas os viu, desceu a ladeira a correr, descomposta e desgrenhada.

«Levem-me para a minha neta. Por tudo, senhores.»

Os guardas, do alto dos cavalos, empurraram-na mansamente:

«Sossegue, tiazinha. Volte para casa, que amanhã já cá a tem.»

«Levem-me agora. Façam-me isso, levem-me com vossemecês.»

Casimira agarrava-se aos estribos e às polainas dos soldados. Ansiava, com tremores no peito, certamente

os tremores que faziam as lágrimas guardadas no fundo dela.

«Levem-me para onde a mocinha. Não vêem que é minha neta? Não vêem, caramba?»

Do casebre, os Sotas olhavam a avó grande ao fundo da ladeira, diante de dois cavalos inquietos. Pedia, juntava as mãos para que a atendessem mas era obrigada a recuar à frente das feras, subindo o caminho por onde tinha vindo. Então o povo de Cimadas começou a avançar, enquanto que os habitantes do telheiro desciam já a ladeira, ao encontro deles. Aproximavam-se devagar, uns de baixo, outros de cima, e calados, medindo os passos. Entre os dois grupos, os cavaleiros do sargento Leandro erguiam as carabinas.

«Volte para casa», ordenavam, fazendo bailar as montadas diante da infeliz.

Cavalgavam de lado, de forma a vigiarem a família dos Sotas e a gente de Cimadas. E a velha, sempre às arrecuas, cambaleava, amparada pelos filhos e pelos netos, e logo que se achava firme, afastava-os com um gesto. Agora não falava, não pedia. Tropeçava, levantava-se; cedia um metro, parava; estava rota e empedernida. Tinha sangue nas mãos, terra nos olhos. Terra – lágrimas, nunca.

Mas a ladeira acabava sem se esperar nas paredes esfreladas do casebre. De modo que a mulher, ao ver-se lá em cima, encurralada com toda a família, abriu os braços e desta vez enfrentou as patas dos cavalos. Embateu numa muralha de carne e de suor salgado, sentiu-se coberta de bafo e de baba quente e, sem dar por nada, absolutamente por nada, encontrou-se no chão, de joelhos.

«Senhora», acudiram os Sotas a erguê-la.

Casimira pôs os olhos nos guardas. Deixou-se levantar e continuou a fitá-los, sem se desviar um palmo que fosse; por fim, quando estava de pé, voltou-se a toda a pressa e fugiu para casa com as mãos na cabeça.

A meio da ladeira os homens de Cimadas mostraram-se impassíveis, de cigarro na boca e queixos cerrados. Os cavaleiros, quando deixaram a pobre casa dos Sotas, meteram pelo outro lado do cabeça e, assim, evitaram abrir caminho por entre os camponeses.

## V

No largo de terra batida passeiam dois cavaleiros armados e perguntam com o olhar se é isto Cimadas – este terreiro, este poço.

Nem uma árvore. Tudo apagado, tudo branco; alto silêncio do meio-dia. Os cavaleiros, que trazem farda de cotim e carabina na sela, empinam as montadas ao sol. Fazem-nas rodar, movem-nas como numa arena deserta. Sabem muito bem que há gente na taberna e, a cada porta do largo, uma mulher muda a espiá-los. Mas não parecem almas vivas, mulheres; por consequência os enviados do sargento Leandro, ao passarem os olhos em redor, pelas paredes, pelas casas, também não se detêm nos vultos delas. São sinais apenas, simples testemunhos.

Os guardas sempre que querem dar de beber aos cavalos acercam-se do poço. Soltam-lhes o freio para os deixar mais à vontade, afagam-nos. Podem até sorrir-lhes, assobiar-lhes.

«Empestam-nos a água», segredam os homens na taberna.

Estão diante dum baralho de cartas, mas todos de costas para o terreiro. Não necessitam de se voltar para saber

o que se passa lá fora porque, pela distância donde lhes vêm os sons, pela espécie de ruídos que fazem os cascos dos animais, na terra dura ou no empedrado, adivinham o ponto exacto em que se encontram os cavaleiros e quais as razões que os levaram lá.

Tudo chega até eles com uma clareza terrível. Lêem os sons, decifram os passos como num livro aberto. Agora sentem rolar o cascalho, patadas nervosas: os guardas sobem com certeza a ladeira da casa dos Sotas para procurarem avistar, desse alto, a estrada da Vila e a patrulha que os virá render. Agora admitamos que param no largo junto do poço, que se ouve um corpo saltando para o chão: alguém se apeou. Irá dar água à montada ou passear a pé para descansar as pernas? «Escutem», recomenda uma voz dentro de cada jogador da taberna.

E eis senão quando, na manhã parada começa a gemer uma roldana. Lenta, muito lenta, num choro abandonado – outro ruído que a ninguém engana. Daí a nada há-de sentir-se o balde a espadanar no fundo do poço e há-de ouvir-se um guarda, a voz dele e as palmadas amigas que dá no pescoço do cavalo, incitando-o a beber:

«Eh-oh. Eh-la-lala-laa...»

Nos bancos da taberna, os camponeses soltam longos suspiros:

«Muita água gastam esses malditos.»

«Fazem de propósito. Sujam-nos o poço e, não contentes com isso, querem secá-lo.»

«Mandaram-nos, tio Aníbal. Eles que assim fazem é porque receberam ordens para tal.»

«Que dizes tu? Pois haverá alguma ordem que mande estragar a água do semelhante? São eles, fica tu sabendo. Eles é que não têm dez-réis de vergonha para se prestarem a uma coisa destas.»

«Prestam-se, tio Aníbal, ao que muito bem lhes mandarem.»

«Não digas asneiras.»

«Não digo? Tivesse você feito tropa e já sabia o que é uma ordem para o militar. Ai do que se fizer valente, fique sabendo. Ai dele, tio Aníbal.»

«Em todo o caso...», protesta o velho que ali tratam por Aníbal. «Em todo o caso...»

Na sua mocidade trabalhara em Évora, capital de três regimentos, e de ano para ano fora conhecendo gerações e gerações de soldados, desde os velhos de quando era criança, os esquecidos dragões do Rei, ao filho que hoje tinha em Cercal Novo e lhe escrevia cartas de caserna com a letra demorada e o aparo cauteloso dos rapazes na escola.

Aníbal alegrava-se com essas notícias do filho-soldado e principalmente com os progressos que lhe encontrava na escrita. Ele, velho de vida longa e amigo de leituras, e que, embora sabendo bastante mais do que soletrar, conservava a prodigiosa memória dos analfabetos, ele, velho, repetia linha por linha as últimas cartas recebidas. Na sua solidão de viúvo, consolava-se avaliando os benefícios do militar, apreciando o muito que se aprende nos quartéis, quer em escrita e em contas, quer em conhecimento da vida e das armas.

«Um soldado é um filho da pátria», comentava muitas vezes – e demonstrava infalivelmente que os pais de um militar, por terem sido quem lhes deu o ser, deviam considerar-se, também eles, benfeitores da mesma pátria, hóspedes dos batalhões sempre que os procurassem. Recordava, por isso, os esfumados aquartelamentos de Évora, tão familiares, tão visitados no seu tempo por parentes que vinham de longe e que merendavam com os soldados nas paradas ou à sombra das guaritas; e mais para trás, muito mais para trás ainda, punha-se a imaginar as vivandeiras que, segundo é voz corrente, acompanhavam noutras eras as grandes marchas dos exércitos e que



na realidade se comportavam como soldadesas, amparo da carne e alegria do militar. Nesse tempo antigo, concluía o velho, dava-se tudo aos recrutas: pão, mulheres e poder.

«Mas vivandeiras?», observava neste ponto. «Há quantos séculos não há disso!»

Sempre que, a propósito de tropa, recuava às histórias que lhe tinham contado na infância os dragões do Rei, evocava as vivandeiras e já sabia que acabava por fazer a eterna pergunta a si mesmo: «Vivandeiras? Estarei eu enganado ou existiram de facto essas mulheres?»

Nisto, como noutras coisas, procurava separar, na sua memória privilegiada, aquilo que lhe ficara dos livros, do muito que os seus olhos tinham presenciado pela vida fora. Essas dúvidas, com a idade, tornavam-se mais constantes, de modo que o velho julgava às vezes ter lido ou imaginado cenas a que na verdade assistira e, naturalmente, inquietava-se, acreditando que era já a cabeça a enfraquecer sob o peso dos anos. Só as histórias mais remotas, por muito estranho que pareça, lhe surgiam com uma clareza de espantar. Mesmo assim duvidava de muitas delas porque era só, velho e viúvo, e não tinha testemunhas que garantissem que certos casos, certas lembranças, não viessem de folhetos ou de conversas mil vezes repetidas dentro dele até se terem transformado em realidade.

Fosse como fosse, Aníbal acompanhara a vida de caserna pela voz dos muito antigos e, passados tantos anos, voltava a conhecê-la pelas cartas do filho-soldado. Não ignorava que era diferente da que tinham gozado os esquecidos dragões do Rei e mesmo daquela que observara nos aquartelamentos de Évora. Hoje dava-se mais instrução e menos castigo, mais asseio também — reconhecia ele; não se viam fileiras de soldados com as calças ao fundo das pernas, apresentando sexos monstruosos empestados de venéreo. Nem existiam vivandeiras, se é que alguma vez existiram.



«Descobriram-se remédios, foi o que foi.»

O velho considera tudo isto enquanto os jogadores que estão com ele continuam de cartas na mão, empenhados em tudo menos no jogo. Preocupam-se com os cavaleiros de Leandro, com a água que é de todos, e um dos presentes refere-se a Floripes, prisioneira na Vila.

«Estará ainda no posto?», pergunta. «Estará na cadeia? Em Beja? Em Lisboa?»

«No Cortiçal começaram pelo professor e pelos moços de fora. Aqui começam pelas mulheres. Pouca vergonha. Levam-nos as mulheres, sujam-nos a água, guardam-nos a casa... Qualquer dia nem licença nos dão para abaixar as calças atrás dum balceiro.»

«Espere», diz um dos jogadores. «Estão a prender os cavalos ao eixo da roldana.»

Os outros não se voltam. Continuam, por cima das cartas, atentos ao relato do companheiro que está de vigia ao largo.

«Traçados. Com tanto sítio para os amarrar e foram escolher a roldana. Isso, prendam-nos mais curtos, almas do diabo. Mais curtos, vá.»

«Amarraram-nos ao eixo ou à manivela?»

«Ao eixo. E agora começaram a desaparelhá-los. Já tiraram os selins.»

«Não me digas que vão lavar os animais em cima da nossa própria água.»

«Admire-se. Por enquanto estão a limpá-los do suor.»

«À limpá-los com quê?»

«Com palha. Queira Deus que os bichos não se espantem.»

«Não te apoquentes. Se se espantarem tanto melhor.»

«Pois sim, mas levam a roldana atrás, tio Aníbal. Há muito que eu digo que devíamos ter posto ali outro eixo.»

«O eixo ainda é o menos», acrescenta outra voz. «O pior é o suporte. Mais Inverno, menos Inverno, cai tudo para um monte.»

E uma outra ainda:

«Em meu entender, o melhor seria esperar pela limpeza do poço. Desmonta-se a roldana, põe-se outro balde...»

«Para quê outro balde? Com dois remendos já este fica como novo.»

Diante do baralho, mas sem mexerem uma carta, os camponeses conferenciam no tom dos conspiradores em segredo. Não falam dos guardas porque já venceram a realidade que eles são. Discutem, para longe dessas presenças e desses cavalos, o futuro de Cimadas – isto é, um balde, um largo com vida, aquilo que tem de permanecer.

«O balde», diz um, «está condenado. Depois de ter servido às bestas não podemos aproveitar-nos dele.»

«Lava-se. Bem lavado e com dois remendos fica tão bom como antes.»

E o jogador que espreita o terreiro:

«Eu não dizia? A roldana começa a dar de si.» Aníbal atira uma punhada na mesa:

«Vou avisá-los. Se não nos pomos ao alto, esses algozes acabam-nos com tudo.»

Felizmente que os companheiros lhe deitam a mão a tempo e tão depressa que antes que o velho chegue à porta da rua, já a passagem lhe está fechada.

«Tio Aníbal... Vamos, tio Aníbal...» Procuram convencê-lo com bons modos, quando, do meio do grupo, alguém levanta a voz apontando para os guardas:

«Que é aquilo?»

Ficam todos de boca aberta: sentados no muro do poço, os cavaleiros iam tirando de uma caixa de couro pequenos pedaços de metal que faiscavam ao sol como moedas.

«Balas», anuncia o taberneiro, lentamente. «Estão a contá-las que é para darem uma relação ao comandante.»

## VI

Os guardas de quem se fala na taberna foram sentar-se ao portão dum curral. Desabotoaram a camisa, abandonaram o corpo, e cada qual, cismando em suas coisas, olha as galinhas que rapam em volta do poço, à sombra da barriga dos cavalos. Entre ambos estão as marmitas do almoço, os capacetes e as carabinas arrumadas à parede; por cima, o sol a pino e o beiral donde escorre uma réstia de frescura. Os guardas esperam por outros cavaleiros que os hão-de revezar, pois deixaram o posto ainda de noite e já bateram muitas léguas em redor.

São soldados de Leandro, o sargento da Vila. Correram as trevas, guiados por uma luz, pelo ladrar dos cães das herdades ou, melhor ainda, entregando-se à preciosa memória dos cavalos que já se habituaram, de outras rondas, a todos os trilhos que convinha seguir.

Isso era mau, entendia um destes guardas que descansam agora em Cimadas. Os foragidos acabavam por conhecer o caminho certo das patrulhas e, naturalmente, passavam a evitá-lo. Mas era também a maneira mais segura de se chegar ao destino e a mais rápida (afirmava o mesmo guarda). Prender a montada em qualquer sítio e seguir

a pé seria pior e até arriscado porque durante uma marcha às cegas perdem-se quase sempre os sinais que se levantam: uma luz, um galo tresnoitado, cães, principalmente.

Com um cavalo, não. Ouvindo os menores ruídos, pressentindo-os mesmo tão distantes que não chegassem a ser o bafo de um eco, uma prega na escuridão, o cavalo não se engana; tem um estremecimento e ri para a noite com nova alegria porque acabara de apanhar uma pista. E se um animal de tão bons sentidos levanta qualquer rasto, qualquer cheiro, não se conhecem forças no mundo que lho apaguem. O melhor é largá-lo, confiar naquilo que existe de mais rigoroso num cavalo – a sua valiosíssima memória.

«Há novidade?», bradavam os guardas quando chegavam ao termo do rasto perseguido – à herdade iluminada, ao abrigo do pastor ou ao portão defendido pelos cães.

Nem sempre encontravam resposta pronta. Num caso ou noutro abriam-se janelas de mansinho e os cavaleiros varriam, palmo a palmo, com o foco das suas lanternas, os muros, as sombras e os portões.

«Fala a Guarda! Ó da casa!»

No monte dos Maias recebia-os o feitor, com um grande lobo-de-alsácia pela trela. Oferecia-lhes café e descrevia alcateias de camponeses que assaltavam as redondezas. Os guardas ouviam, tornavam a ouvir, acenando com a cabeça. Não adiantavam grande coisa. Sabiam que se tratava de ganhões sem trabalho que infelizmente corriam os restolhais, procurando sustento na caça.

«Se não têm política é o menos», respondiam.

«Como é o menos? Então a Venatória permite que se cace no defeso? Isso não é crime, senhores guardas? Não é contra o alheio, digam-me?»

Os cavaleiros do sargento Leandro habituaram-se a estas queixas contra os malteses com fome. Ao romper

da manhã iriam levantá-los aos montados, surpreendendo-os à cajadada nas moitas, e afugentavam-nos.

Descobriam-nos, dum modo geral, em pequenos bandos, ou isolados como vultos solitários, vultos breves, esfiapados na frescura e na primeira claridade do dia. Láparos, pássaros velhos, tudo o que viesse ao alcance desses ganhões morria. Depois saltavam à estrada e sacudiam os despojos à passagem de turistas e de viajantes:

«Amigo, compre-me esta caça.»

Não esmolavam, expunham apenas a sua necessidade:

«Amigo, compre-me esta caça.»

Os guardas espantavam-nos só com as suas figuras perfiladas no alto dos cavalos. Compreendiam que, na cega perseguição em que se meteram, iam igualmente arrastados no mesmo vento que varre a planície e que leva por diante malteses e caça pobre. Mas, soldados da lei, viam-se diante dos lavradores inquietos, os tais que lhes serviam café e que não dormiam com o pavor das alcateias, e, acenando que sim, continuavam a cavalgada de Setembro, dia e noite, noite e dia, através dos campos, até à pausa da ordem naquele largo de Cimadas.

Agora, sentados no chão à porta dum curral, meditam possivelmente em tudo isso: nos feitores, no largo abraçado de sol, nos cavalos que estão amarrados ao poço, tristemente. À volta do largo já não têm mulheres a espiá-los, embora as adivinhem, escondidas lá no fundo das casas, segurando os filhos curiosos. Devem estar a comer, em família – e em silêncio por causa do abandono que vai nos campos. «Mas comer o quê?», perguntam os guardas consigo mesmos. «E os da taberna? Não comem?»

Os da taberna tecem rancores por cima do baralho. Ao cabo de muito segredarem, resolveram envenenar o poço mas foram forçados a desistir. Alguém os tinha chamado à razão – o dono da casa.

«De que vale envenená-lo», observara ele, «se não temos outro sítio onde ir buscar água?»

Ninguém discutiu. As nascentes da planície, tal como se encontram nesta época do ano, consomem-se com meia dúzia de baldes, e os poços, poços com fundura e balceiros a defendê-los do calor, não guardam sequer uma lágrima de água.

«Além de que não ganhávamos nada com isso», tornara o taberneiro. «Bem pensado, que ganhávamos nós em envenenar o poço? Morriam os cavalos e olha lá.»

«E eles?»

«Os guardas? Estás bem livre dessa. Então tu não vês que eles só bebem pelos cantis? Ainda não reparaste que os trazem cheios do posto?»

«Vinho e pólvora», suspirou Aníbal. «Quando vão para a guerra é isso que os tropas levam nos cantis.»

«Não me consta», disse um azeiteiro que vivia em Cimadas e que, em mil novecentos e dezanove-vinte, fizera serviço militar em Beja. «Nunca ouvi dizer semelhante coisa.»

E o taberneiro:

«Talvez na guerra seja assim. Mas, que eu saiba, isto não é guerra nenhuma, tio Aníbal.»

O velho não respondeu logo: olhou o cão deitado a seus pés. Limitara-se a ignorar a observação que lhe era feita e que, afinal, vinha dum homem de fora. Mas por isso mesmo não devia calar-se, pensou. Pelo contrário. E em voz sumida, discreta, corrigiu o azeiteiro, homem de fora:

«Para essa gente, amigo, não é outra coisa. Para a Guarda é isto a guerra.»

«Pois nesse caso é diferente do que eu julgava», disse o azeiteiro (e o velho confirmou que sim, que era). «Nunca ninguém me ensinou que fosse isto a guerra. E fiz tropa na pior altura.»

«Porquê na pior altura?», perguntaram-lhe.

«Porque foi nos anos de dezanove-vinte, numa altura em que toda a gente tinha medo de ser chamada.»

«Havia manobras?»

«Pior, havia medo, tudo temia uma nova guerra. Os moços fugiam de ir às sortes, alguns chegavam a cortar este dedo para não poderem dar ao gatilho. E mais: a família dos que ficavam apurados punha luto como se eles tivessem morrido. Recorda-se, tio Aníbal?»

O velho concordou com um fechar de olhos. Estava sentado muito direito, de costas contra a parede e com as mãos espalmadas nos joelhos, como é hábito dos velhos quando ouvem coisas do passado e sonham através delas. Este ia escutando, e para não se deixar seduzir com as aventuras do azeiteiro dizia com os seus botões: «São histórias de soldados, são histórias de soldados. No fundo tão falsas como as que contam os caçadores.» E fazia uma festa ao cão que tinha a seus pés.

No entanto ele próprio era caçador – ou, antes, tinha sido – e, por sinal, boa espingarda. Mas decerto por isso, por ter sido, é que avaliava a necessidade de mentir que existe num caçador, uma vez que são raros os grandes momentos de uma vida gasta na caça. Raríssimos, se formos a medir bem as circunstâncias.

«A tropa é sempre a mesma», disse para o azeiteiro.

«Sempre a mesma? Vossemecê que assim fala é que nunca fez tropa. No meu tempo, tio Aníbal, só a mochila pesava duas arrobas.»

«Duas arrobas?»

«Duas arrobas, duas arrobas. Não há homem da minha idade que não se lembre das mochilas. Ficaram célebres. Passado muito tempo ainda se dizia: *mochilas do ano dezanove.*»

O azeiteiro, que tinha sido impedido de capitães e que depois, na época difícil de mil novecentos e dezanove, mil novecentos e vinte, conseguira salvar-se da tropa, não



escapara, apesar de toda a sua esperteza, às terríveis mochilas. Ao que parece, enganara meio mundo, médicos até. Chegara ao cúmulo de se apresentar na enfermaria carregadinho de febres e não houve doutor capaz de adivinhar que todo esse mal vinha de um simples dente de alho enfiado no rabo e embebido num líquido que fornecera certo farmacêutico de Beringel.

Pois, bem. O azeiteiro fizera tudo isso; largara a farda, levara a melhor em complicações de toda a ordem mas uma coisa lhe tinha ficado atravessada: as mochilas.

«Com essas é que não houve maneira», confessava ele, coçando a cabeça. «Fizesse-se o que se fizesse ninguém se livrava das mochilas.»

«Nem os cabos?»

«No meu tempo nem os cabos.»

«E os sargentos?»

«Os sargentos, quanto mais não fosse, tinham as marchas... Marchas às vezes de vinte quilómetros com pistola e capacete.»

«Mas sem mochila...»

«Está visto... Os sargentos sem mochila. Quando digo *ninguém* refiro-me ao soldado.»

E Aníbal, de parte, com os seus botões:

«Mentiras de caçador. Vinte quilómetros e não sei mais quê para agarrar um coelho.»

«Tanto quilómetro de marcha?», pergunta a sua curiosidade de homem calejado perante o azeiteiro valentão. «Para quê tanto quilómetro, não me dizes?»

«Para que sim, tio Aníbal. Para castigar o corpo, sei lá.»

«Há mesmo quem afirme», acrescentou o taberneiro, «que se o nosso soldado não fosse tão sacrificado não seria valente na guerra como é.»

«Verdade», disse o velho Aníbal, recordando-se imediatamente dos livros de História que tanto gostava de ler. «Exemplos não faltam.»



Sabia páginas inteiras de cor e perdia-se a repeti-las, desde que tivesse gente disposta a escutá-lo. Não se importava que fosse gente distraída ou que, por questão de delicadeza, não acompanhasse, senão com o silêncio, aquilo que gostosamente ia descrevendo. Respeitavam a leitura, já não era mau; e tinha companhia, o que ainda era melhor.

«Vossemecê só pensa em histórias e em sonhos dos antigos», censuravam-no muitas vezes. Mas o velho, como apreciava secretamente adormecer e sonhar (e aos sessenta e oito anos continuava a ter sonhos todas as noites e a recordar-se deles pelo menos durante a manhã seguinte), o velho não se ofendia. Justificava-se respondendo que não se tratava de histórias mas de passagens do real – «passagens do livro dos portugueses», explicava.

Ali, na taberna, olhando o despertador em cima do balcão e lembrando-se de que há muitos meses não lia o *folheto dos mouros* que comprara numa feira, levantou-se e despediu-se. Não queria saber de mais mentiras de caçador, ou seja, de aventuras de azeiteiros. Tinha mais que fazer.

Meteu ao correr das casas, dando uma volta larga no terreiro para não passar pelos guardas. Atrás dele ia o cão, mas tão mole, tão derrotado pelo calor que seguia a passo certo, de focinho baixo e de língua caída a rasar o pó.

Da porta do curral os cavaleiros do sargento Leandro acompanharam com o olhar a marcha daquelas duas figuras. Depois um deles indicou com o queixo a taberna e perguntou ao camarada como se perguntasse a si mesmo:

«E os outros? Não comem?»

A voz ficou no ar, pairando diante deles. Cimadas era o que se via. Uma alvura, um silêncio. E um velho atra-

vessando o deserto, a reler na memória as linhas corridas de um folheto:

*«Rompia a manhã sobre os limoeiros do castelo quando as aias do poderoso Yacub, da bela cidade de Ulisses, anunciaram em alvoroço a armada dos garbosos lusitanos...»*

## VII

Vejamos o crime de Floripes:

O sargento Leandro da GNR fechou-a, dois dias e duas noites, numa arrecadação do posto e quando lhe pareceu que era a hora de falar chamou-a ao gabinete.

«Quem é o cabeça do levantamento?», perguntou.

Perguntou mais:

«Por que razão não aceitaram os de Cimadas a jorna do lavrador do Lousado?»

Floripes respondeu que não podiam aceitar a jorna do lavrador do Lousado por ser igual à do ano anterior, que já nessa época tinha sido muito baixa. Havia ainda outro motivo que era o de terem metido no Lousado mais máquinas à lavoura e não garantirem o mesmo tempo de contrato dos outros anos. Pelas contas do pessoal os dias de trabalho ficavam reduzidos a dois terços daquilo que era habitual.

«Bem vejo, bem vejo. E por que razão não foram vocês pela jorna da Herdade dos Tojais? Não vos chegava, diz?»

«Na dos Tojais pagavam mais dois mil réis mas cor-tavam-nos a sesta.»

«E vocês queriam era dormir, não é isso? Está bom, está bom. Andam todos a pedir pão mas quando alguém o oferece rejeitam-no.»

Floripes calou-se.

O posto era o gabinete de Leandro, um quarto e uma arrecadação, simplesmente. Era, no fundo, uma casa modesta como a de qualquer camponês da Vila – mas fria. Uma pousada de viajantes armados, uns que chegam, outros que partem, sem tempo para depositarem nela num pouco do seu gosto de gente, da sua intimidade.

Floripes já não se encontrava no gabinete do sargento. Tinham-na levado para o quarto ao lado, que servia de dormitório dos guardas, e ela, sozinha, diante de três camas, três cobertores de tropa, três capotes pendurados à cabeceira, estremeceu. «Irão abusar de mim?»

Havia uma janela baixa, sem grades, apenas com o mastro da bandeira levantado no parapeito. Isso descansou-a. Depois espreitou para uma mesa de pinho que estava junto à parede: livros de estudo, caneta, papel, um tabuleiro de damas, tudo muito arrumado, como é próprio dos militares de ofício que preenchem o tempo amarrados a uma secretária. Espreitou a medo, um olho na porta, outro nas coisas que a rodeavam e, assim, foi medindo o terreno até entrar um guarda. Nesse momento estava descalça e com os sapatos na mão.

O guarda, sem polainas nem pistola, parecia um moço que gozasse em casa um tempo de licença, trazendo ainda as calças de militar, os hábitos e o cheiro do militar, mas de cabeça descoberta; de alpargatas e camisa desaperitada. Chegou, muito despreocupado, com um cântaro e um púcaro de folha na mão, e a primeira coisa que fez foi cerrar as portadas da janela. Em seguida destapou o cântaro do pano molhado que o cobria, bebeu e estendeu o púcaro à rapariga de Cimadas:

«És servida?»

Floripes aceitou porque tinha de prevenir-se para o resto da noite, contra o calor e contra o cansaço que talvez se apoderasse dela. Sentia um grande sossego na Vila e, de pé, escondendo os sapatos atrás das costas, esperava. No quarto ao lado o sargento Leandro agarrava-se à manivela do telefone:

«Pronto. Fala Leandro, meu alferes. Sim, meu alferes... Muito bem, meu alferes...»

Aqui por uma palavra, mais adiante por outra, a rapariga veio a apurar que as mulheres de Cimadas há muito que tinham abandonado a Vila. Então pôs-se a sondar os motivos que a podiam ter trazido ali e o que queriam dela, afinal. «Assustar-me? Castigar-me para exemplo?» E olhou o guarda novo.

Mas o guarda é que não parecia dar por ela. Tinha-se sentado à mesa de pinho (de frente para a prisioneira, bem entendido) escrevendo num caderno de exercícios com uma caneta de tinta permanente que molhava no tinteiro letra a letra. Nem a voz de Leandro nem a presença da rapariga de Cimadas o desviavam da sua tarefa. Folheava o compêndio à procura de respostas, mordida a caneta, pensativo, e, de quando em quando, deixava sair uma palavra, um nome.

«Grécia», murmurou numa dessas ocasiões. Fitou a prisioneira de um modo tão vago, tão alheado, que bem se via que procurava alguma coisa que não estava nela. Depois correu os dedos pelo compêndio: «Capital da Grécia... capital da Grécia...»

«Atenas», disse Floripes, que era na família dos Sotas a que tinha feito todos os exames, a que lia os jornais. O guarda ficou suspenso; olhou-a desconfiado:

«Atenas?»

«Sim senhor, Atenas. Capital da Jugoslávia, Belgrado... capital da Bulgária, Sófia... capital da Grécia, Atenas...»

*Atenas*, escreveu o guarda no espaço branco do caderno: *A-te-nas*, e ficou-se a examinar o aparo, novamente muito alheado. Às duas por três, despertou:

«E rios? Também sabes os rios?»

«Conforme», disse a rapariga chegando-se à mesa. «Que rio é?»

«Mondego.»

«Mondego? *O Mondego é o maior curso de água que nasce em Portugal, banha Coimbra e Montemor e vai desaguar na Figueira da Foz...*»

«Afluentes», cortou o guarda novo. «Aqui só pedem os afluentes.»

«Um momento. *Banha Coimbra e Montemor e vai desaguar na Figueira... Principais afluentes são o Alva, o Dão, o Ceira... Cá está...*» Apontou duas ou três linhas do mapa por preencher: «Aqui deve ser o Dão. O Dão, o Alva, o Arouca...»

Prisioneira e guarda estavam muito juntos sobre o caderno e o compêndio.

«Escreva. Primeiro o *Dão*, depois o *Alva*, depois o *Arouca...*»

«Se isto se compreende», protestou baixinho o homem. «Tanta exigência para um simples exame de cabo.»

«Aqui nesta pergunta é *Tejo*.»

«Aqui, onde?»

«Aqui: *o maior rio da Península...*»

«Obrigado pela novidade. O que interessa são os afluentes e os portos.»

«Afluentes do Tejo?»

«De todos. O Tejo nunca eles perguntam. Agora vai para o teu lugar. Podes muito bem responder donde estavas.»

Floripes obedeceu. Disfarçadamente, enquanto o guarda novo ia escrevendo e procurando respostas, sen-

tou-se à beira duma tarimba mas quando o viu levantar a cabeça, endireitou-se, muito rápida.

«Esconde os sapatos», disse-lhe então ele. «Se os outros te vêem calçada, já não tos deixam tirar.» Tornou a debruçar-se sobre os cadernos. «Sempre estás mais à vontade sem sapatos...», acrescentou.





## VIII

Eram dois velhos fazendo uma jornada ao luar — nomeadamente, Casimira, que sempre fora o braço e o tronco dos Sotas, e Aníbal, o pai do soldado.

Explicava ele: «Vou-me à Vila, comadre, para pedir conselho às autoridades. Sempre quero saber se isso do amparo na tropa é ou não é legítimo num caso como o meu.»

E ela: «Fie-se nisso, fie. Veja o amparo que esses malditos me têm dado...»

O velho, outra vez: «Aqui, se me dá licença, a questão é outra. Há uma lei para as famílias que ficam sem sustento quando um moço vai à recruta. Estou viúvo e cansado e se fiz um filho tarde é cá comigo. Cumpra-se a lei e deixe-se o resto.»

Atravessavam a direito pelos campos em paz. Ouviam de vez em quando um restolhar de bichos, um pio de ave espetado na noite abafada e, num ou noutro arrozal, a conversa das rãs nos pauis.

«Vou», pisava e repisava Aníbal, «e se não me souberem dar resposta dirijo-me ao Cercal Novo. Vou-me até lá, pois então. Quem me garante a mim que pelo caminho não arranjo trabalho?»

«Trabalho com a carestia que vai por toda a parte?»

«Tudo é possível, comadre. O que falta num lado sobra noutro. Mas, como digo, o meu destino é o Cercal. Chego lá e ponho-os entre a faca e a parede. Quem, como eu, entrega um filho à nação merece ser recompensado.»

A velha enerva-se com estas opiniões. Não era capaz de entender que espécie de recompensa pretendia aquele homem e o que seria dos quartéis se todas as famílias comessem a exigir satisfações pelos filhos que lá tinham.

«É diferente», teimava o velho. «No meu caso trata-se de amparo e não de favor. Levanta-se um auto e, das duas uma: ou o moço vem para casa ou me dão uma mesada.» E a seguir, baixinho, para ele mesmo: «Não o deixarão sair, bem sei. Moços como o meu Abílio fazem falta em qualquer regimento...»

Durante toda a viagem, Aníbal não se cansou de descrever como deve tratar-se o soldado em face da justiça e como, na condição de sacrificado em benefício da pátria, não pode deixar de ser um hóspede modesto de todos nós, do país em geral, seja qual for o seu grau e a sua especialidade. Daí os autos de amparo que os oficiais levantam às famílias dos soldados pobres e muito particularmente num caso como o dele, Aníbal, que tinha sido um dos trabalhadores mais poderosos da comarca e que hoje se encontrava só, sem o filho. Garantia que era uma lei dos antigos e que continuava a existir com certeza porque na tropa as leis, mesmo velhas, conservam-se através de anos e anos, apesar de se lhes juntarem umas outras, as modernas. «São leis da razão e por isso nunca morrem. Ainda hoje temos muitos decretos antigos a governar-nos. Não vejo motivo de espanto que assim seja.»

O amparo seria um desses decretos (ou leis, tanto fazia) – e estava certo porque, sem dúvida, tinha sido inventado pelos portugueses de outras eras, quando os

exércitos necessitavam de chamar muita gente para descobrir mundo e batalhar contra os mouros. Só assim – concluía Aníbal – era possível compreender que o povo combatesse naquele tempo com a fúria com que realmente combatia. «O que não deixa de ser estranho, se fizermos as contas aos mortos que lá ficavam», comentava ele em pensamento. «Mas enfim... Mais estranho ainda é eu não ter lido isto em parte nenhuma e bater assim tão certo. O auto de amparo? Não. As razões da lei, isso dos soldados lutarem com fúria...»

Os dois velhos seguiram pela charneca, assinalados de quando em quando por um pio de mocho ou pelo cantar das cigarras que fervilhavam no segredo das ervas. Andaram, andaram, até que vieram desembocar na estrada da Vila. Aí tudo mudou. Logo à primeira curva encontraram patrulhas a cavalo e, mais adiante, um *jeep* carregado de guardas com metralhadoras e capacetes de aço.

«Olá?» Aníbal tocou no braço de Casimira.

A partir desse instante quase não trocaram palavra. Mal pressentiam um ruído de motor voltavam-se, mas logo continuavam em frente, rumo à Vila.

Não se olhavam, não desviavam a atenção do caminho inundado de luar. Acompanhavam o eco dos próprios passos, muitos claros nessa noite sem aragem, e assim, alheios e a par, e levando o mesmo destino, lembravam um casal de muitos anos que se alongasse pela vida fora, sem segredos nem novidades para contar.

A certa altura passou um carro negro a uma velocidade infernal. Sumiu-se, como tinha aparecido, num sopro. Casimira levou as mãos ao peito:

«Credo.»

Mas ao chegarem à curva o sobressalto foi ainda maior. A uma centena de metros estava parado o automóvel negro.

O que foi, o que não foi, os velhos hesitaram. Sentiram qualquer suspeita a quebrar-lhes a marcha. E à medida que os seus passos, mais lentos, mais incertos, avançavam, iam distinguindo melhor o que se passava. Na berma da estrada um motociclista abria uma caixa a um indivíduo que saía do carro. Quem quer que era girava uma lanterna de pilhas e remexia, dobrado sobre o foco de luz, aquilo que o outro lhe mostrava. «Polícia?» Aníbal retardou o passo. «Fiscais?»

Fosse quem fosse, a verdade é que o sujeito da lanterna não tomou muito tempo ao da caixa. O carro negro arrancou e o motociclista, por sua vez, pôs-se a dar pedaladas furiosas para ligar o motor.

Já perto dele os velhos de Cimadas reconheceram a mala de zinco que vinha sobre a roda traseira da moto e, por aí, souberam logo que se tratava do relojoeiro da Vila, em viagem para uma das suas visitas aos povoados. Iam, portanto, para o cumprimentar e atravessavam a estrada na direcção dele, quando a moto estalou num ronco desesperado, abalando com o relojoeiro pelos ares, para longe dali e da Vila.

«Está tudo doido», exclamou a velha Casimira. «Veja o compadre que nem nos conheceu.»

Aníbal não disse que sim nem que não. Tinha-se voltado para trás, atraído pela correria do relojoeiro-ourives. Imaginava o que poderia ter ele de especial naquela caixa de zinco, além dos mapas das marcas de ouro, das pinças e dos delicados maquinismos da sua arte. Nada, pelos vistos. Se bem que muito bom ourives como aquele, girando de terra para terra, fosse o melhor correio das novidades que os jornais não contam. «Está bonito, está», resmungou Aníbal como se, com isso, fizesse uma despedida de largo ao relojoeiro.

Mas do homem não restava nem som nem rastro. Atirara-se à noite, picado por seiscentos diabos e lá ia

(onde?), ele e o seu mistério, encavalitado numa motocicleta a cuspir lume pelo rabo.

«Comadre...»

A velha é que não parara. Caminhando para a Vila, julgava ainda ouvir os uivos do automóvel negro.



## IX

Desvairado, a ulular, o carro negro correu as ruas da Vila. Na cadeia da praça um condenado que fumava, sentado no catre, pendurou-se nas grades e já nada viu; à boca do forno o padeiro madrugador soltou os punhos da masseira do pão do dia; e o guarda que estudava no dormitório do posto escondeu o caderno e o tinteiro na gaveta e foi a correr à janela. Abriu as portadas: uma nesga, somente, o bastante para que Floripes, por cima do ombro dele, pudesse ver sair de um Volkswagen negro dois homens algemados e um gordo que vinha ao volante.

«Psiu», fez-lhe o guarda novo, empurrando-a para o fundo da camarata. Deteve-se ainda uns momentos, depois voltou, muito ligeiro, para a mesa de pinho, todo ouvidos ao que acontecia.

No gabinete de Leandro começara a agitação: cadeiras que se arrastavam, troca de saudações, uma máquina que escrevia e a manivela do telefone a rodar, a vencer distâncias pela noite. Ouviu-se um berro do sargento:

«A presa!»

À rapariga de Cimadas a ordem de Leandro soou-lhe como uma chicotada. Sentiu um arrepio e logo a seguir

uma dor morna no estômago, um mal-estar lento e teimoso, e calculou que era o medo, a dor do medo. Percebeu também que tinha a mão do guarda pousada no ombro – solta, sem vontade. Não era uma garra de carasco, nem tão-pouco um sinal encorajador; era, quanto muito, o gesto quase simbólico do carcereiro que se prepara para desligar-se da presa.

Floripes retirou para longe de si a mão que se demorara sobre ela. Depois, descalça e compondo o cabelo, encaminhou-se para a porta.

«Vira-te para a parede», ouviu dizer no corredor; e notou que era um dos algemados dando uma ordem ao outro. Passou por esses vultos, ambos espalmados e unidos na penumbra, e não lhe deram tempo para mais nada. Acabava de entrar no gabinete de Leandro.

Ali havia o sargento e havia um homem gordo de samarra e boina à espanhola que, mal ela chegou, não fez outra coisa senão mirá-la. Rodeou-a, mediu-a dos pés à cabeça, pela frente, pelas costas, como quem aprecia um animal de feira.

O sargento alinhou meia dúzia de fotografias sobre o tampo da secretária:

«Ora muito bem, mocinha. Conheces algum destes fulanos?»

E ainda não acabara a pergunta já tinha junto dele o gordo de boina à espanhola, pronto a estudar a prisioneira, à medida que ela passava, um por um, os retratos. Cara triste e ensonada – mas atento por baixo de toda a sua moleza. Deitado para trás na cadeira, o sargento desfrutava o espectáculo. No fim de tudo, sorriu:

«Não conheces ninguém, não é assim?»

«Não, senhor.»

«Pois é. Tens fraca memória, coitadinha. Tens fraca memória, não tens?» Leandro virou-se para o gordo: «Come muito queijo, compreende o senhor? E é pena.



Uma mocinha como ela até parece mal ser tão esquecida. Lá em casa não te dão ovos, menina?»

Falou-lhe com a voz arrastada de um pai desgostoso, e não deixava de a sondar, olhos nos olhos. Mesmo calado, sondava-a.

O homem gordo tirou uma carteira do bolso da samarra. Cheio de vagares, pôs-se à procura de qualquer coisa entre os muitos papéis que guardava nela e até nisto se comportava como um negociante de mercados: cuspia em dois dedos para folhear a papelada e mexia os beiços ao ler um ou outro apontamento. O ar reservado e, digamos assim, cauteloso com que passava revista a esses documentos era bem o dos feirantes quando recorrem às suas volumosas carteiras para descobrir uma factura, uma nota ou uma referência capazes de decidirem um negócio.

«Continue, continue», disse o gordo, sentindo que a conversa com a presa tinha sido interrompida por causa dele.

Leandro voltou-se para a rapariga:

«Então?»

Nesse instante preciso o homem da samarra achou, enfim, o que pretendia – mais um retrato. Dobrou-se sobre a secretária com a lentidão do costume e colocou-o na fila dos outros. O sargento caiu imediatamente em cima da prisioneira com a pergunta de sempre:

«Também não conheces?»

Floripes fez que não com a cabeça.

«É o que eu digo», tornou Leandro. «Comes muito queijo e o resultado é este. Mas agora vais passar a pedir ovos, está combinado? Gostas de ovos?»

«Vou lá para dentro», disse o da boina e da samarra. Tinha voz rouca, de bebedor. Juntou todas as fotografias e, fitando continuamente a rapariga, guardou-as num sobrescrito. «Onde é?»

Leandro levantou-se num salto:

«Na porta ao fundo. Eu acompanho-o, tenha a bondade...»

Conversaram no corredor, em tom reservado, discreto. Referiram-se a presos de várias ordens e parece que à desvantagem de os misturar seja a que pretexto for; nesse assunto o gordo dizia que tinha apenas uma opinião, que de maneira nenhuma lhe competia intrometer-se no serviço da Guarda. «O que o vosso comandante decidir está muito bem», declarava.

O sargento voltou ao gabinete. Bocejava, coçando-se todo de preguiça e de sono.

«Ai, ai... Vocês sempre arranjam cada alhada.»

Pôs-se a arrumar papéis, autos, guias de marcha, e entretanto ia dando conselhos e opiniões à rapariga de Cima das:

«Metem-se em sarilhos. Dão cabo da vida e afinal porquê? Não adivinhas, pequena? Sim, porquê? Não sabes? Pois sei eu: por causa das patranhas que vos metem na cabeça. Por causa desses subversivos que andam para aí à solta. Sabes o que é um subversivo?»

«Eu não, senhor...»

«Juras? Deixa, não jures que eu não quero que jures falso. Só gostava de saber que necessidade tens tu de mentir. Não vês que só te prejudicas?»

Floripes suspirou fundo, a chamar a si toda a resignação.

«Mas eu não fiz mal nenhum, senhor sargento. Não me acusa a consciência de ter feito tanto como isto.»

«Fizeste. Cala-te muito bem caladinha que fizeste. Olhaste para aqueles retratos e quiseste-me enganar.»

«Eu?»

«Tu, tu», gritou o sargento, como se estivesse carregado de indignação. E logo muito manso: «Bom, a gente tem tempo. Amanhã vais para a cadeia a ver se espertas.»

Agarrou-se ao telefone. Enquanto dava à manivela e depois quando se pôs a fitar o tecto, esperando pela voz que lhe havia de responder, fez um ar enjoado:

«Nunca se sabe, mocinha. Hoje somos nós, amanhã será a polícia de Lisboa que te trata da saúde. Mas para já dás entrada na cadeia. Embora», observou, «tu não pertences aos presos comuns...»



## X

«Prepara-te», tinha dito um dos homens algemados para o outro que vinha preso a ele. «Faz as tuas necessidades, que até Lisboa não tens tempo.»

E quando chegaram de madrugada à Vila, o mesmo homem repetiu o aviso:

«Vê bem se precisas de alguma coisa.»

«Só urinar», respondeu o preso numa sombra de voz.

Apearam-se, já o sabemos, à entrada do posto da GNR. O gordo entrou, mas os dois algemados demoraram-se cá fora, ao pé do Volkswagen preto. Um deles mal se mexeu, só assistiu.

«Vamos, faz mesmo aí.»

O segundo algemado hesitou, procurava um sítio menos desprotegido, uma parede, um canto que fosse.

«Faz mesmo aqui», tornou o primeiro. «A esta hora está tudo a dormir.» E vendo o outro de perna aberta e o jacto ruidoso que batia na calçada, a espuma e o fumo ligeiro que soltava, lembrou-se dos cavalos quando urinam.

«Estavas apertado, pá. Queres mais alguma coisa?»

«Água», pediu o homem.

Bebeu no dormitório do posto três púcaros seguidos que lhe dera o guarda novo. Nessa ocasião já estava desalgemado, já fora visto pelo sargento Leandro e por três praças que tinham sido chamados para o reconhecer. Agora matava a sede na presença do polícia que o trouxera preso pelo pulso e que, vendo-o beber com tamanha sofreguidão, não podia deixar de recordar novamente a largueza dos animais ao satisfazerem as suas necessidades.

«Chiça, camarada. Metes mais água no bucho que um cavalo.»

Sorria e conversava com o espavento dos rapazes e, na verdade, quase não tinha barba. Usava as unhas envernizadas, anel de brasão, colete de fina camurça. Era o que se pode chamar um polícia-rapaz, polícia da cidade, e o prisioneiro um camponês miúdo, sugado pelo sol.

«Bom», desabafou ele, atirando as algemas para cima da cama. «Que se lixem os anéis. Agora estamos divorciados.»

O guarda que estava no dormitório sorriu e, ainda a sorrir, voltou-se para o camponês que tinha vindo algemado. Pareceu-lhe entontecido, cego de sono. Esfregava o pulso magoado e oscilava dentro de umas botas pesadas e enormes para tão reduzido corpo. O guarda novo pensou em dois blocos de cimento ou em duas sapatorras de ferro – tudo menos botas.

«Donde é o homem?», quis saber.

«De longe», respondeu o rapaz. Despiu o casaco, dobrando-o cuidadosamente sobre a tarimba. «É pardal de voo largo. Não é verdade, compadre?»

O outro piscava os olhos, continuando a esfregar o pulso e a balançar para diante e para trás. Bastava reparar nele, ainda que só de relance, para se reconhecer que era um trabalhador de jorna, um dos muitos que há por esse país, de cabelo em franja, bigode de mosca, colete e

camisa de riscado. Mas donde vinha? Há quantas noites não dormia? E o guarda insistiu:

«Trabalhava nalgum rancho?»

«Acho que sim. Andavas na cortiça, não era?»

Como resposta, o preso passou a língua pelos lábios ressequidos – apenas isso.

«Está envergonhado, não fala», comentou o rapaz, e isso dum modo vago, distraído, porque, acima de tudo, o que o preocupava naquele instante era também o braço em que trouxera a algaema. Apalpava-o, movia-o para o desentorpecer. Teve então um pensamento, e riu: «Olha, vieste da cortiça e agora vais para o cortiço. Queres melhor, pá?»

Dissera aquilo mas pusera-se logo sério, quase arrependido.

«Não», emendou como quem pede desculpa. «Aqui o nosso compadre é um tipo porreirinho.»

Sentado na tarimba, desfez o nó da gravata, desapertou o cinto. Podia estender-se, repousar um pouco, pois os camponeses, regra geral, resistem à fadiga durante muitos dias. Balançam, piscam os olhos, não passam daquilo. Estonteados de sono, conseguem descansar pequenas fracções de minuto (que quando acordam lhes parecem horas), dormindo mesmo de pé. São dessa força. Dormem de pé, alimentam-se e mijam de pé. Como os cavalos.

«Mas este compadre é um tipo porreirinho», tornou o rapaz para o guarda. «A sério, um tipo porreirinho. É pena não gostar de falar, mas paciência. Cada qual tem o seu feitio.»

Não chegara a estender-se na cama; passeava. Girava em mangas de camisa e de coldre à cinta, em constante movimento para não se deixar abater pelo sono. Passeava e falava, dirigindo-se a todos em geral, ao guarda, ao prisioneiro, a ele próprio. E agora ia fumar. Convidou o guarda novo:

«Um cigarro?»

«Obrigado, não gasto.»

«Faz você muito bem. Aquele ali é que devia seguir-lhe o exemplo.»

«Porquê? Fuma muito?» O guarda mediu o campo-nês.

«Sei lá se fuma muito. O bastante para me chatear.»

«Mas», tornou o guarda, pondo os olhos no chão, «os fumadores nunca se incomodam com o fumo dos outros. Pelo menos é o que eu tenho ouvido dizer.» Sentia-se um tanto comprometido – certamente por falar do prisioneiro como se ele não estivesse presente.

Por sua vez, o polícia-rapaz começava de facto a estar cansado. Ouvira os primeiros galos da madrugada, sinal de que a noite e o dia se enfrentavam num traço frio do horizonte e de que estava a atravessar o momento de maior quebranto das noites de vigília. Guardas e prisioneiros, mesmo que mergulhados num cubículo à eterna luz da electricidade, apercebem-se desse momento e o rapaz também não o ignorou. Por essa razão preferiu não se sentar na tarimba, como seria seu desejo, procurando vencer a fadiga com algumas histórias que contou ao guarda novo.

Contou, para começar, como por várias vezes se vira obrigado a oferecer cigarros ao camponês (já que, com a mão presa, o homem seria incapaz de usar da onça e das mortallas) e como em quarenta e oito horas não conseguira livrar-se dele, viajando de Herodes para Pilatos com aquela sombra a persegui-lo.

«Desde Ferreira, veja você.»

«Ah», fez o guarda olhando de novo o preso. «É então de Ferreira?»

«Pior, é algarvio. Mas quando chegarmos a Lisboa já nos vai explicar o que fazia em Ferreira no dia do levantamento. Vais ou não vais, compadre?»



Palavras não eram ditas, entrava-lhes pela porta o homem gordo. Vinha a sacudir a cabeça desolado com qualquer notícia que acabava de receber.

«Calcule que estão a misturar essa malta com os detidos comuns.»

«Boa», disse o rapaz. «Acabam por sair daqui mais presos políticos do que aqueles que para cá vieram.»

O gordo atirou-se para cima duma cama:

«Parece que têm falta de alojamento.... É com eles. Pela nossa parte, assim que tivermos o telefonema marcamos.»

«E este compadre?»

«Esse compadre», respondeu o agente gordo estendido na tarimba e voltado para o tecto, «é nosso. E você prepare-se. Para lá já não sou eu quem vai ao volante.»

Nem mesmo deitado tirara a boina. Estava ao comprido, de samarra e botins. Daí a pouco dormia.

«É isto», lamentou-se o rapaz, passeando sempre; veio junto do preso, bateu-lhe no ombro, num gesto amigo: «Estamos destinados um ao outro. Viajas comigo, mijas comigo, fumas os meus cigarros... Queres melhor, pá?»

Foi então que apareceu Floripes, vinda do gabinete de Leandro. Ao deparar com aquele camponês de pé, a balouçar numa grande névoa, a barba crescida, os olhos como duas frestas de sono, ficou abismada. Era o mesmo homem que, pouco antes, lhe tinham mostrado numa das fotografias.



## XI

E Cercal Novo?

Cercal Novo lá está na sua muralha de armas. Como sempre, tem cães e pedintes devorando as sobras do rancho à porta do quartel; lavadeiras que recebem lençóis manchados de esperma – sonhos dos militares; e, naturalmente, conversas acerca da desdita da tropa, como aquela do cabo Três-Dezasseis, o homem de Álvaro.

Parte dos soldados encontra-se na caserna ou na cantina, parte talvez na parada, e a restante, de certeza a restante, no polígono de tiro à espera duma ordem.

A ordem será:

«Bateria tal... Fogo!»

«... Na mula branca», juntarão os recrutas em pensamento.

Mula Branca, conforme foi explicado por Três-Dezasseis, é um dito; nunca um alvo. Alvo, aquilo que a pólvora procura, é certa zona tracejada no mapa dos exercícios que cobre os campos mais afastados do polígono. Não tarda que a metralha remexa todo esse território, tantos graus à esquerda de, por exemplo, um moinho, tantos metros à retaguarda dum regato – coisas que nós

não conseguimos ver daqui mas que não podem realmente deixar de existir porque figuram no mapa.

E o mapa não falha. É, a bem dizer, a face da Terra espalmada sobre o papel. Uns riscos indicam bosques, outros, de cor azul, marcam os rios, rios mesmo secos; há sinais para as pontes, para as estradas que nos levam à família, para as baterias em posição. A própria ventania, o próprio tempo, estão no mapa em setas de todos os sentidos e em números que os comandos tiram das tabelas. Assim, se faz mau tempo as ordens são umas, se faz sol as ordens são outras e o mapa risca-se de maneira diferente.

Mas suponhamos que faz mau tempo; que chove, digamos.

Muito bem, chove. Se chove, é natural que os soldados, nos seus capotes de chumbo e água, se aconcheguem uns aos outros atrás das peças (estamos a vê-los encharcados até aos ossos, vestidos de cinza molhada...) e que um condutor-auto salte para o volante da sua carrinha e fique ali quieto, a dormir. Trata-se de uma furgoneta com capota de lona e dentro dela está um sargento calculador às voltas com as tábuas de tiro. Como se encontra arrumada a poucos passos da linha das peças, é nela que os oficiais procurarão abrigo. Chegam de corrida, batem as botas para sacudir a lama e tiram os capacetes.

«E esta?», resmungam.

São dois, o capitão que comanda a bateria e um tenente. Diz o capitão:

«Oxalá o vento não mude.»

O sargento, lá no fundo da viatura, fecha as tábuas de tiro. De costas para ele, estão os dois oficiais: de pé, à boca da furgoneta, contemplando as grossas cordas de água que escorrem dos céus. E escuta-os.

Um murmura:

«Poderá o P.O. fazer uma observação decente com esta visibilidade?»

O outro responde:

«É com eles. Com isso não temos nós que nos preocupar.» E remata: «Felizmente.»

«*Alô, Lobo, alô, Lobo...*» A voz de um telefonista perdido na chuva parece um rastro de navio galgando a tempestade. «*Alô, Lobo, alô, Lobo...*»

«Veja você», suspira o comandante da bateria. «Se alguém podia adivinhar uma coisa destas.»

«Deixe lá, meu capitão, que os americanos ainda devem estar mais lixados. Apresentar material novo com um tempo destes não é brinquedo nenhum.»

«Parece-lhe. Os tipos conhecem o material como as mãos deles. Não ouviu o Guélar?»

«Não ouvi quem?»

«O da barbicha. Capitão Guélar, ou lá como se chama.»

«Ah», diz o tenente. «O Gallagher.»

«Como?»

«Gallagher. *G-a-dois ll-a-gh-er*. Que disse ele, meu capitão?»

«Que em toda a guerra não encontrou material que se comparasse a este.»

«Pudera... Foram eles que o fabricaram.»

«Mesmo assim, mesmo assim... Nunca nos devemos esquecer que são tipos batidos.»

Ambos pressentem que o sargento se aproxima. Sabem-no, quanto mais não seja, pelos balanços que um corpo assim lerdo e desconforme provoca ao deslocar-se na furgoneta, e não tardarão a sabê-lo ainda melhor quando tiverem pegada a eles essa respiração difícil e ruidosa. De qualquer maneira, não se mexem. Quedam-se, lado a lado, impotentes diante do aguaceiro.

«E também», continua o capitão (e desta vez fala como se confiasse um segredo à chuva), «não devemos esquecer que guerra é uma coisa e que manobras são outra. Em manobras os erros saltam mais à vista.»

E o tenente:

«Claro, não temos o inimigo para nos ajudar a corrigir...»

A frase fica-lhe gravada: *em manobras faz-nos falta o inimigo*, etc. Acha-a certíssima, demasiado correcta e brilhante para ser um simples parecer de momento e não uma regra ou um conselho de um respeitável táctico como Vauban ou Du Picq.

É que, além do mais, precisamos de compreender que este tenente é um tenente novo e o camarada um capitão velho – pelo menos aquilo a que se chama «velho» num artilheiro de carreira, dentro da sua escala e da sua promoção. Apesar de tenente talvez não esteja ainda embebido do cheiro do soldado, das minúcias infantis do soldado, e, por isso, só Deus sabe quanto resta nele do sonho e da ambição dos tempos de estudante militar para lhe ocorrer, a propósito de uma frase, a venerável memória de Vauban e de Du Picq, engenhosos cabos de guerra que ilustram os manuais.

«O inimigo ajuda», repete, de si para si. «Pela maneira como responde aos ataques, o inimigo aponta-nos os erros. Não todos, evidentemente, mas alguns.»

«*Alô, Lobo... daqui Tigre. Um, dois, três, a ouvir em boas condições. A ouvir em boas condições. Passo à escuta. Kapa.*»

O capitão inclina-se levemente para as águas que rolam em levadas nos trilhos abertos pelos pneus:

«Piso mole, repare. Ainda vamos ter de modificar as pontarias.»

«Muito possível, meu capitão.»

«Possível? Tão certo como dois e dois serem quatro. A esta hora já as peças se afundaram um ou dois palmos.»

«Ou mais», junta o sargento, muito pronto. «O meu capitão dá-me licença que fume?»

Cheira a caserna e a massa do rancho, e, mole e pesado, especou-se atrás dos oficiais, quase a cobri-los

com o bafo. Mas quer o comandante da bateria, quer o seu camarada tenente estão desinteressados dele, da voz e dos cheiros que anunciam o sargento. Imaginam, para lá da cortina da chuva, um punhado de homens abraçados aos canhões, e o dilúvio a crescer, o rodado das peças a enterrar-se na lama. Um palmo, dois palmos ou mais – o suficiente para terem de corrigir os aparelhos de pontaria.

«Chatice, caramba.»

O capitão, comandante de bateria, bate um cigarro no isqueiro:

«Você viu a limpeza com que entrámos em posição?» Pelo tom e pelas palavras não deixa dúvidas de que fala para o tenente e só para o tenente. «Dezoito minutos, se tanto.»

«Dezassete, pelo cronómetro.»

«Ou isso, dezassete. Dezassete minutos é bonito. Diz que o Gallagher até ficou vesgo. Gallagher, não é?»

«Exactamente, meu capitão.»

«Gallagher! Estupor de nome!»

«E o do ajudante ainda pior. Alabama, calcule. Alabama Jackie ou Alabama-Qualquer-Coisa. Mas deve ser alcunha. Alabama é o nome dum estado.»

«Obrigado pela informação», reponta o comandante de bateria, muito sério. Deixa passar algum tempo, e depois: «Alabama! Sargento Alabama!» No fundo, pensa ele, é como as alcunhas do Mouraria ou do Santarém que se encontram nos nossos regimentos. Em cada caserna há sempre um Mouraria, um Lisboa ou um Santarém, ou outros nomes ainda mais bem caçados. «Uma ocasião tive um impedido chamado Maré-Baixa», acrescenta.

«E teve o Mija-Gatas, meu capitão.»

Era outra vez o sargento, metendo a sua palavra.

«Pois», responde-lhe o capitão, «pois.» E para o tenente: «Maré-Baixa era um nome a matar. O tipo vivia

dos sargaços e, como você sabe, esse trabalho só se faz na vazante. Portanto, Maré-Baixa... Bem visto, não está?»

O companheiro, oficial jovem, sorri delicadamente.

Cercados, depositados no segredo de uma esfera de água, os militares dentro da furgoneta são como três sementes de vida à espera do sol. De tempos a tempos chega-lhes um farrapo de grito ou adivinham a mancha dum vulto que passa a correr. Mas tudo, sombras e vozes, embora a meia dúzia de passos deles, tudo se perde dissolvido numa grande névoa.

*«Um, dois, três... Um, dois, três, alô Cobra, alô Cobra...»*

Só a mensagem se desfia com precisão e com destino. Chama pelo Cobra, pelo Lobo, pelo Cão e passa à escuta, kapa. É um espinho teimoso, um rasgão, a libertar-se daquele universo, fechado.

«Queira Deus que as cargas estejam bem protegidas», torna o capitão.

O tenente consulta o relógio:

«O que eu não sei é como vamos dar o rancho aos homens com o tempo que está.»

«Nem eu. Mas agora preocupa-me mais o material. Os homens conhecemos nós, e pela cara do Gallagher está mais que visto: os tipos podem ter muito dinheiro, podem ter feito a guerra e tudo o que eles quiserem. Mas melhores homens não têm.»

«É o têm», corta o sargento.

Capitão e tenente suspiram com enfado. Mudam de assunto.

«Dezassete minutos é esgalhar bem», diz o primeiro.

E o segundo:

«Sim. É bonito, lá isso é. Aqui e em qualquer parte do mundo.»

O tenente põe-se a regular o binóculo que traz ao peito. Aponta-o para os céus em todas as direcções, mas



para onde se volté esbarra fatalmente com a muralha cinzenta da chuva. Um vidro fosco diante do vidro das lentes. Entretanto vai falando, falando para o comandante ou percorrendo para seu próprio descanso – não se sabe:

«Do que não resta dúvida é que é um material assombroso. Simples, rápido, e, no fim de contas, levíssimo para o alcance que tem.»

«O ideal para ofensivas rápidas. De resto, foi por isso que o utilizaram na Alemanha.»

«E na Itália. O meu capitão não ouviu o Gallagher?»

«Exacto, em Monte Cassino.»

«Creio mesmo que quase toda a barragem de flagelação foi feita com ele.»

«Na Normandia também?», pergunta o tenente, através do binóculo.

«Na Normandia, pois então. Na Normandia, na Áustria e, se não me engano, até no Pacífico. Ou será confusão minha?»

Aqui a voz do sargento vem, por detrás deles, muito só e pensativa:

«Consta que também andou nos campos de concentração...»

O tenente deixa o binóculo e olha para o comandante da bateria; o comandante da bateria olha para o tenente. E voltam-se, os dois ao mesmo tempo, para o interior da furgoneta.

«Andou onde?»

«Nos campos de concentração. Parece que foi lá que ele deixou crescer as barbas.»

«Barbas?»

«Sim», insiste o sargento, «o nosso capitão americano.»

De braços levantados a apoiar-se no tejadilho, tinha o aspecto dum militar estremunhado – um militar à boca duma furgoneta, vindo de longe e levado para não se sabe onde, a atravessar com indiferença a paisagem.

«Nosso capitão americano», rosna o comandante da bateria, virando-se outra vez para a chuva. «Nosso capitão uma gaita.»

«Perdão?», diz-lhe o tenente.

«Nada. Estava a pensar no material...»

## XII

Nisto, rompe o sol iluminando os céus de tempestade. Desfaz-se o manto de água que toldava o firmamento, vai-se a tristeza da terra. No mais apagado dos galhos a aranha do mato estende a sua gota de baba e a teia prateada cintila entre as estevas.

A chuva sumira-se na planície, rumo ao sul. Passara sobre os soldados de Cercal Novo e lançara-se como uma besta cinzenta à conquista da terra abandonada. Podia-se tê-la visto avançar, numa vaga sombria a crescer no horizonte, dando tempo a que os cavaleiros de Leandro, apanhados aqui e ali, em plena charneca, alcançassem a árvore mais próxima.

Não é difícil adivinhar o tempo para quem leva, como eles, vida errante – ou quase. Hoje guardas, ontem cavadores, filhos ou irmãos de cavadores, os enviados de Leandro aprenderam muito com o corpo e herdaram a ciência de soletrar as nuvens e os astros. À mais discreta brisa, à menor turvação, o camponês olvidado que há em cada um deles desperta e vem socorrê-los.

Por isso, dificilmente a chuva ou os trovões os apanham sem recursos; e esses homens, aos pares, como

sempre andam, acolhem-se debaixo da primeira árvore protegidos pelas montadas e, numa ou noutra circunstância, cobertos com as mantas que transportam enroladas na sela.

Agora que o aguaceiro já lá vai, vemo-los sair dos abrigos, conduzindo os cavalos pela mão. Encaram o sol violento que se declarou de surpresa e movem-se estonteados, como figuras de pesadelo, um tanto de ciganos errantes, outro tanto de soldados envolvidos em cobertores de caserna.

Lá longe, à distância, passam dois homens, atravessando a charneca. Os guardas de Leandro não lhes prestam grande atenção. São camponeses viajando de dia, malteses ou não pouco importa – e andam à vida. Dois como muitos, vão de ombros curvados, carregando a inquietação de quem busca trabalho, mas nos lugares e nas aldeias espera-os sempre o mesmo desamparo: malteses ao sol, mulheres às portas, patrulhas rondando.

Estes que ali vão, um moço e um velho, deixaram Cimadas há cerca de três dias. Cortaram estevais, untaram-se de pó e de resina, descansaram nos ribeiros secos onde, na força do calor, existe, pelo menos, a frescura que se liberta debaixo das pedras roladas. Saltaram aos caminhos, rondaram temerosamente as paragens de autocarro e as estações de serviço, acenando aos viajantes com um tordo mirrado, uma lebre, o que fosse:

«Amigo, compre-me esta caça.»

De noite arrumam o corpo em qualquer canto que encontrem. Um palheiro, umas vezes, uma cabana outras, e já que estamos no Verão, podem dormir até em campo aberto, na enxerga de ervas e terra viva que dá a natureza. Depende do tempo e do lugar.

Dos dois, o mais novo chama-se João do Rosário Portela – João Portela, simplesmente. Pelado, duas manchas ralas em lugar de sobrancelhas e umas vistas ardidadas, sem

pestanas, correm-lhe nas veias galiqueiras antigas, injeções de 914, arsénio, e bismuto em doses de cavalo. Sua desalmadamente e daí trazer aquele lenço na cabeça, por baixo da boina. Vai mais refrescado assim, mais leve, mas o suor, que é frio e abundante, como acontece a quem sofreu as febres do arroz, ensopa-lhe o lenço que, uma vez enxuto e misturado com poeira, fica quebradiço como se fosse tripa seca.

Já o velho que o acompanha não se queixa do mesmo. É tão seco, tão áspero, que não tem um pinga de gordura que o sol derreta. Suar não é com ele, cansaço ainda menos. Vem um tudo-nada dobrado? Embora. O que importa é o modo como traz a caçadeira: aperrada, sempre à mão. Mas não é tudo: à sombra do chapéu saltam uns olhinhos de conta que furam por baixo de toda a folha. Quando menos se espera, desencanta buracos de mocho, revolve camas de coelhos, ninhos de perdigoto, mil coisas que lhe lembrem comida. E nesta ansiedade nem os cágados se salvam. Agora mesmo leva ele um na algibeira, enrolado num lenço cheio de nós.

«Pois e você come isso?»

«Não. Deixava-o para ti.»

«Semelhante porcaria», censura-o o Portela. Marcha adiante do velho, firmando-se num cajado. «Se no Lavre sabem disso não faltará.»

Solta uma gargalhada sem vontade e abana a cabeça, a ameaçar:

«Correm-no a calhau, tio Aníbal.»

Aníbal é o nome do outro. Aníbal e de Cimadas... Não pode deixar de ser o mesmo velho que comentou na taberna as histórias de soldados e as ofensas dos guardas.

«Pois, sim», vai ele teimando. «Mas dantes, no pego do Romão, havia quem deixasse a melhor enguia para os apanhar.»

«Cágados, senhor?»

«Cágados, cágados. Carne como esta encontras tu pouca. Macia e branca que nem a melhor galinha.» João Portela faz uma careta:

«Homem, você com fome até ratos comia. Estou certo que sim. Com fome marchavam ratos e tudo.»

O velho encolhe os ombros. Poderia ter provado, se merecesse a pena e se estivesse em maré de o fazer, que nem sequer isso dos ratos era alguma coisa que o ser humano já não tivesse experimentado. Fosse quem fosse que vencesse a repugnância de tal alimento, nunca lhe poderia caber a honra de ser a primeira pessoa na História a fazê-lo. Lera, salvo erro, num anúncio de certo veneno para os celeiros, que, na China dos mandarins, os pobres matavam a fome cozinhando esses animais. («Seriam bons?», perguntavam-lhe os seus escrúpulos de velho curioso. «Se fossem ratos do campo eram pelo menos asseados. Mas comeriam só os do campo?») E Aníbal agora associava tudo isso a uma conversa que ouvira a alguém de Benavente, relacionada com os célebres exércitos de ratazanas que inundaram as ruas por ocasião do terramoto. «Ratazanas?» Aqui cuspiu para o lado: «Essas não, que têm peçonha. Mordidela de rata é pior que uma bala de sal. Onde toca nunca mais cicatriza.»

Sobre isto, como sobre várias outras coisas, o velho prefere calar-se. Vai de cara fechada, chapéu enterrado – entendendo-se com ele mesmo, e chega. Mas vá como for, ao mais leve sinal da caça, sonhos e recordações da História varrem-se-lhe da imaginação num abrir e fechar de olhos. A espingarda salta-lhe para os dedos, e fica bravo e lesto, a rodear o mato.

«Sus», segreda então ao amigo. «Sus.»

Ei-lo assim, precisamente. Estuda umas marcas de perdiz, um restolhar entre as moitas, olha, torna a olhar. Fareja, é o termo.

João Portela já se pôs junto dele, de cacete no ar, pronto a arremeter. E o velho, mirando e remirando uma fiada de pontinhos corridos na poeira:

«Sus, sus.»

Sem perda de tempo investiga as redondezas, toma a força e o sentido do vento para poder decifrar melhor aqueles sinais. Sabe que são de perdiz nova, pelo tamanho e pela profundidade das marcas, mas sabe igualmente, pela separação entre eles, que, embora novas, estas aves já devem ter asa bastante forte para cobrirem um voo razoável.

«Agora só se as alcançarmos para lá daquele zambujal», diz o Portela. E esticando o pescoço, solta meia dúzia de sons ásperos, como se gargarejasse para as nuvens. «Grorreou... grorreou...»

Imita o canto das perdizes e nada, nenhuma lhe responde.

«Hum...», o velho aprecia os ares, os arredores: «Pode ser que me engane mas a caça anda batida de longe.»

«Também digo, tio Aníbal. Já por cá passou muito caçador, é o que isso quer dizer. E senão, veremos no Lavre.»





### XIII

Aníbal acomoda a arma à bandoleira. Não parece muito convencido porque se volta a todo o passo na direcção em que julga estarem as perdizes. Se de facto elas andam tão batidas naquela área, é prova certa de que vêm atacadas de outros lados ou de que alguém, antes deles, passou por ali. Alguém, isto é, vários caçadores, várias levadas de gente. João Portela vai mesmo mais longe, João Portela afirma que, de acordo com um homem de Santana com quem se tinham encontrado, havia trabalho no Lavre e por isso os caminhos até lá andavam tão despovoados de caça.

«Já constou, tio Aníbal. Com tanta demora, veremos os malteses que encontramos no Lavre.»

«Pode ser que não. Quem te garante a ti, Janico, que a caça não venha levantada de outro lado?»

«Cantigas. Vem daqui que eu bem vejo. Foi gente que passou antes de nós que pôs as perdizes assim desconfiadas. Você, com essa teimosia do Cercal, é que alongou o caminho escusadamente. Fôssemos pela Boa Fé e já agora estávamos no Lavre.»

«Quem te garante a ti, Janico», insiste o velho, «que não é mesmo do Lavre que a caça vem batida?»

«Do Lavre? Diabos me comam se eu o entendo.»

«Fácil, muito fácil. Pode muito bem suceder que o vento tenha mudado, ora essa. Podem os do Lavre ter vindo aqui levantá-la e nesse caso...»

«Nesse caso, o quê?»

«Nesse caso», respondeu o velho, «se ela vem batida do Lavre é porque anda lá muito pessoal de mãos a abanar. É sinal de que já não existe trabalho para os que vierem de fora.»

O Portela pensa um instante, depois não quer ouvir mais nada. De raiva, atira uma cajadada aos tojos e enfia por um atalho de piteiras, num assoprar danado.

Aníbal segue-o ou, por outra, segue a boina e o lenço encardido que é tudo quanto sobra do companheiro por cima das folhas das pitas. Daí a pouco nem isso: o Portela sumiu-se como se a terra o tivesse engolido. Saltou para algum valado, calcula o velho, travando à cautela os fechos da espingarda.

Tinha calculado bem. As piteiras acabavam de surpresa à beira dum barranco e lá em baixo, num carreiro que atravessa a charneca, o Portela esperava-o:

«Então?»

Aníbal, entre as pitas, guarda uns momentos de reserva.

«Seja», acaba por resolver. Pula para o carreiro e rompe a direito. «Vamos para o Lavre, está dito.»

Vendo-o tão decidido, o rapaz não perde tempo. Provavelmente tem medo de que ele arrefeça, que se volte outra vez para a ideia do filho-soldado; e cai-lhe em cima com uma porção de razões sobre o trabalho no Lavre.

«Não ouviu o de Santana? Vossemecê ouviu-o tão bem como eu, tio Aníbal. Reparou no que ele disse do arroz? E que não fosse o arroz. Ainda há as cavas, há a deslavra, o corte do mato... Sei lá. Trabalho não falta a quem lhe queira pegar.»

O caminho que levam é uma destas rotas do Alentejo que no calor do Verão são um traço de poeira, fumo da terra. Sem dúvida que os aguaceiros da manhã tornaram o piso mais firme, mas, passadas algumas horas de sol, o terreno voltara a secar e a desfazer-se em pó. No fundo da sua alma, João Portela amaldiçoa esse sol, essa poeira, porque lhe ardem nas goelas e nas chagas dos olhos. Não importa. Rouco e dorido, não se cala:

«Corto-os rentes se não ajeitarmos nada no Lavre.»

E Aníbal abanando a cabeça, cheio de paciência:

«Vamos para o Lavre, está dito.»

«Só num arrozal contrataram eles o ano passado para cima de duzentos homens. E pelo que ouvimos ao de Santana não chegaram.»

O velho tanto ouviu, tanto ouviu, que não pôde mais:

«O de Santana, o de Santana», atira-lhe numa toada de desalento.

«E depois? Não foi do seu agrado?»

«Ai, ai...»

«Não é ai, nem meio ai. Vossemecê escusa de vir com desculpas, que aquilo que o moço disse foi bem claro.»

«Bem claro? Deixa-me rir, Janico. Então tu não vês que o que esse quis foi livrar-se da gente? Não entendes mais, Janico? Não vês que te despachou para longe? Que em Santana ou seja onde for quantos menos braços aparecerem a oferecer-se, melhor? Não abranges mais, desgraçado?»

«Mau», ameaça o Portela.

«E vais tu para o Lavre. E vamos nós para o Lavre fiados nas conversas dum garotelho.»

«Mau...»

«Mau e bem mau. Deixa-te chegar ao Lavre, deixa... Hás-de ouvir lá o mesmo que ouviste em Santana. Hão-de-te mandar para Lisboa ou para mais longe ainda.»

O Portela morde-se de desespero. Enterra o cajado com força e para disfarçar a ira põe-se a cantar o Lírío

Roxo, metendo pelo meio frases da sua invenção, azedas e carregadas de vontade de ofender:

*«laralá...*

*ao romper da bela aurora*

*quem me manda a mim ser parvo*

*sai o pastor da cabana...»*

«Canta, canta, que no Lavre também te hão-de cantar. No Lavre e em toda a parte onde se quiserem livrar duma boca para comer.»

*«Meu lírio roxo, meu lírio roxo*

*eu bem devia ter juízo...»*

«... E eu», completa o velho. «Nunca pensei que viria a fazer figuras destas. Na minha idade, senhores.»

Volta-se. O amigo estava parado no caminho, cobrindo os olhos com a mão. Abria a boca a sorver o ar.

«Que foi, Janico?»

Em duas passadas fica junto dele e, vendo-o assim, a ofegar, não se atreve a tocar-lhe. «É a fraqueza», considera Aníbal. «Tenho visto muita gente com este padecimento e não me engano. Se eu tivesse aqui um queijito ou um pedaço de conduto passavam-lhe os tremores.» (Sem dar por isso, tinha levado a mão à algibeira onde guardava o cágado.) «Não, isto não, que ele ganhou-lhe nojo.»

Entretanto o Portela reage, deixa cair os braços e, ainda de olhos fechados, apalpa o rosto e o tronco como se viesse à tona dum sonho negro e precisasse de saber que estava inteiro, vivo. Enche o peito de ar, recompõe-se, apoiando-se no cajado.

Lentamente, quase a arrastar-se, recomeça a marcha. Vai curvado, sulcando a poeira do caminho, e já não enterra o cacete com ódio no chão. Já não resmunga. Não canta.

## XIV

Não resmungue, não canta e neste andar consegue ir ter a uma venda que havia à margem da charneca, arredada do mundo. Chegam, e Aníbal manda assar uma chouriça e encomenda vinho.

«Vinho com gasosa», acrescenta.

O Portela, que à entrada da loja tinha encontrado um banco, sentou-se sem a mínima palavra. Tirou a boina e ficou de lenço colado ao cabelo, como uma touca. Depois espalhou as pernas pelo sobrado, deixou pender os braços e, esgargalado e satisfeito, descansou na frescura da casa. Diante dele estava uma seira com figos secos.

Veio o petisco, bebeu-se o vinho e Aníbal e o tendeiro puseram-se a falar da vida dos campos e do lugar de Cimadas que a Guarda rondava ultimamente.

Diz-lhe o tendeiro:

«Pois acolá, naquele banco que ali vê, estiveram ontem à noite dois marchantes de Santana. Pelo que contaram e pelo que não contaram, amigo, a crise é geral.»

«Mesmo no Lavre?», pergunta o velho deitando um olhar ao Portela.

«É crise. Se apanha o Lavre ou não, isso é que eu já não posso garantir.»

«E o Cercal?», torna Aníbal. «Também lá chegou a crise, ao Cercal Novo?»

O dono da loja não compreende. Cercal Novo é terra de soldados: lata de água e marmitta quente. Crise como?

«Crise em que sentido?», pergunta.

«Bom...» O velho também não consegue explicar-se. Muito naturalmente, queria notícias de Cercal Novo. Tinha lá um filho a prestar serviço, interessava-se por tudo quanto dissesse respeito a essa terra.

«Ah», faz o tendeiro. «Vão-se então ao Cercal?» E imediatamente o velho espreita o Portela. Não lhe pareceu que estivesse a seguir a conversa, nada disso. Todo ele se voltava para a planície deserta que se estendia para lá da porta da venda. Tinha a boca untada de gordura e as moscas passeavam-lhe pelo corpo.

«Faço essa tenção», responde Aníbal a meia voz (aqui outra olhadela ao companheiro). «Sempre lá tenho o arrimo do rapaz.»

«Fraco arrimo, a tropa. No tempo em que lá andei só me arranjaram chatices.»

«Muito certo, mas hoje as coisas não se passam como dantes.»

«Dois dias de cadeia por causa duma cantiga», continua o tendeiro.

«Uma cantiga?»

«Olá. E uma cantiga inocente. A da moça e do capitão, conhece?»

– Onde leva a moça,  
senhor capitão?

– Levo-a roubada  
prò meu batalhão...

«Bem sei, bem sei», diz o velho, sorrindo. «São versos antigos, dos tempos em que ainda se metiam mulheres nos quartéis.»

«Mulheres?»

A estranheza da pergunta faz recuar Aníbal. Nem toda a gente compreende os exércitos do passado e nem ele estava disposto a ficar por mentiroso. Portanto, as mulheres que se deixassem para outra altura.

«Bem... Quero eu dizer que são versos antigos, versos de há muito ano.»

«Antigos ou modernos, por causa deles gramei eu dois dias de prisão. Obrigaram-me a cantá-los umas poucas de vezes diante dos oficiais e, que remédio, cantei-os. Versos duma cana... Ninguém escapa, metem-se com toda a gente. Com o capitão, com o sargento, com o coronel...»

«Com o coronel também?»

«Ai não, que não metem.» E o tendeiro põe-se a cantarolar:

– Onde leva a moça,

senhor co-ro-nel?

– Levo-a roubada

para o meu quartel...

«É verdade», murmura Aníbal, imaginando uma vez mais as vivandeiras que, sem dúvida, fizeram parte dos mais antigos regimentos e que, melhor do que ninguém, poderiam ter ajudado os militares, quer na guerra, quer na paz, remendando roupa, fazendo comida e, muito principalmente, lembrando-lhes que eram homens. «É verdade, é verdade», repete o velho, encantado.

O Portela não abriu boca. Está alheado de tudo, ape-tece-lhe, quanto muito, dormir mas, recordando-se da jornada que tem pela frente e vendo baixar o sol sobre a charneca, levanta-se.

«Espera», pede-lhe o velho. «Deixa-me levar uns figos para comermos pelo caminho. Avie-me dez tostões deles, faça favor.»

Quando tudo está arrumado, figos, conversa e despesa, o Portela, entre a porta, ajeita o lenço e a boina:

«Vamos?»

«Um momento. Ainda não dei água ao cágado.»



## XV

«Tu ouviste, Janico, a cantiga da moça roubada?»

O Portela, nem uma nem duas: calado, apreensivo com a rapidez com que a tarde ia baixando. Caminhava atrás do amigo, muito só.

«Reparaste como falava de mulheres nos quartéis, dessas a que chamavam vivandeiras? É para que saiba, Janico. Antigamente havia disso.»

Sentiu-se agarrado. Sem mais nem menos, o Portela barrava-lhe o caminho:

«Escute aqui, tio Aníbal.»

O velho parou.

«Você não larga a ideia do Cercal e eu sinto que as vamos ter duras por causa dessa gaita. Escute, deixe-me falar. Suponha que se dá o caso de haver trabalho no Lavre. Que contas tem você destinadas se isso acontecer?»

Aníbal passou a mão pela nuca num gesto demorado. Pensava, ganhava tempo.

«Trabalho no Lavre?», repetiu como se ouvisse pronunciar tal coisa pela primeira vez na vida; e com isso fazia ainda mais tempo para encontrar uma resposta. De

repente deitou-lhe à cara uma gargalhada que o rasgou de meio a meio: «Trabalho no Lavre, vejam lá.»

João Portela apertou os dentes:

«Tio Aníbal, tio Aníbal. Você cumpre o ajustado ou quando não temo-la rija.»

«Ajustado? Pois que ajustado?» A voz de Aníbal era serena, com aquele travo de inocência que têm a troça e a manha.

«Raios me nunca partam», berrou o companheiro, calcando o chão a pés juntos.

E o velho, voltando-lhe costas:

«Cala-te. Melhor fora que tivesses vergonha e te calasses.»

O Portela encabritou-se, incendiado. Largou o pau, largou tudo e atravessou-se diante do velho, de punhos estendidos.

«Você manda-me calar? Com que direito me manda você calar? Com que direito, diga lá?»

Cuspinhava, cheio de fel, diante da casca de rugas que era o rosto do velho. Dizia uma palavra e cuspiam para o chão, enraivecido, dizia outra e tornava a cuspir: «Com que direito?» – e cuspiam. «Com que direito, vamos?» – e cuspiam de novo.

Pendurava-se no colete do outro, comia-o com os olhos. E Aníbal sorria. E só quem lhe visse o sorriso: um rasgão de navalha, uma brecha.

«Cala-te», ordenou-lhe então esse sorriso, ao mesmo tempo que uns pulsos descarnados se abatiam sobre o Portela abalando-o por dentro e por fora: «Vai para o Lavre, vai para a Borda-d'Água, para onde te comam os ossos, mas não te passe pela cabeça insultares-me. Tem respeito, João Portela. Respeito, entendes?»

Largou-o, deixou-o assombrado, de braços escorridos ao longo do corpo.

«Agora podes ir. Some-te, que ninguém dá um traque por ti.»

O velho a dizer isto e o amigo a cair-lhe redondo, aos pés.

Espojava-se e revirava os olhos; babava-se com estí-  
ções bruscas, uns atrás dos outros. Os diabos ou a fúria  
dos fracos tinham-se apoderado daquele corpo doente,  
e Aníbal, ajoelhado junto dele, era incapaz de os sossegar.  
«E agora?»

Agora, para ser franco, pouco ou nada poderia fazer.

Para já, abanava-o com o chapéu, enquanto que, com  
a mão livre, ia desapertando a camisa e o cordel que lhe  
servia de cinto.

Em redor, nem vivalma. Duma margem e outra do  
caminho abria-se o mais pobre descampado. Faltava-lhe  
ali água, uma gota que fosse – não muita, porque ouvira  
dizer que para certos ataques a água, em vez de curar,  
mata. Como a não houvesse, continuou a refrescar o  
doente com o chapéu, inclinando-se muito para o cobrir  
com o corpo e dar-lhe sombra. Depois, quando come-  
çasse a melhorar, carregaria com ele para um sítio onde  
encontrassem providências. A taberna talvez.

Pensou melhor: «Ná...» Nem aquilo era verdadeira-  
mente uma tontura, nem ele, velho, aguentaria até à tenda  
com o peso do amigo. Teria sido a comida que lhe caíra  
na fraqueza? Seriam os nervos? O venéreo? Não podia  
muito bem ser o venéreo de que tanto padecera o pai  
do rapaz e, por herança, ele próprio, o Portela? A esta  
ideia, dobrou-se ainda mais sobre o doente.

«Janico», chamava baixinho, a medo.

Era o segundo ataque em três dias de viagem e este  
agora mais sério. Não estava na mão de ninguém calar  
os demónios ou os vermes da sífilis que se revolviam num  
corpo assim, sem governo, e Aníbal sabia-o. Quando  
muito amparava-lhe a cabeça para evitar que se ferisse  
nas voltas e reviravoltas que dava ao estrebuchar.

João Portela rastejava de costas e rasgava as faces com  
as unhas. Estremecia, tal e qual uma cobra apanhada pelo

meio: sulcando a poeira mas sem sair do mesmo sítio, e vibrando, vibrando.

Pouco a pouco, os assaltos violentos foram-se tornando mais espaçados; mais breves, mais brandos. Depois, a muito custo, conseguiu sentar-se e ficou de boca aberta, a olhar vagamente o companheiro e o companheiro a olhá-lo a ele.

O que impressionava era o silêncio e a resignação com que duas pessoas, uma sã, outra doente, aguardavam o novo ataque que se fermentava no corpo de uma delas e que iria surgir dum instante para o outro sem que se lhe pudesse dar combate. João Portela, muito tenso, parecia escutar o que lhe ia no sangue; preparava-se para receber esse momento, esse castigo da sua natureza infeliz, triste e conformado como uma vítima à mercê duma ordem a que não pode fugir. O velho também.

O golpe veio num esticão tão rápido que quando Aníbal quis segurar o amigo já ele se tinha torcido no ar, com um urro, e espalmado no pó, inteiriçado. Escumava por entre dentes e, pior ainda, arrefecia. Alarmado, o velho jogou-se a ele como doido. Esfregou-lhe os pulsos, aqueceu-lhe a pele até lhe arderem as mãos.

«Homem... Oh, homem...»

Falava alto, aflito, estendendo a vista pelos campos ermos. Já não podia mais. Empurrava os braços sobre o corpo desfalecido do companheiro, pelas fontes, pela testa gelada, mas não podia, não podia. E pensava não num homem prestes a desaparecer mas numa criança adormecida no caminho.

Até que o Portela serenou, abriu os olhos e, perante isso, o velho respirou fundo. Lentamente, endireitou-se, passou as costas da mão pela testa. Sentado sobre os calcanhares deixou pender a cabeça para trás num alívio prolongado, todo aberto ao céu imóvel da tarde. Nuvens e luz, eis o que o chamava lá de cima depois de tanta

miséria e sofrimento. Nuvens, pensou, ofuscado. Então qualquer coisa se desprende do mais fundo dele, qualquer coisa suave que lhe rolou em duas gotas lentas: lágrimas. Pôs-se logo de pé.

«Ora esta?»

João Portela tinha-se sentado e procurava manter-se direito, amparando-se nos braços. Não encarava a luz, não se mexia. Era um vulto estremunhado a ganhar coragem para enfrentar a charneca. A tarde ia arrefecendo a olhos vistos, com o sol no horizonte a desfazer-se em labaredas e a dar a mão à lua branca que, dentro em pouco, começaria a iluminar-se de acordo com a noite.

«Vamos», murmurou o Portela, pegando no bordão. Com mil cuidados, o velho pôs-lhe o lenço na cabeça e, por cima do lenço, a boina. Em seguida sacudiu-lhe o fato, abotoou-o e meteu-lhe no bolso todos os figos secos que tinha comprado na taberna.

«Come-os, Janico. Daqui ao Lavre já não falta muito...»

Lembrava uma mãe preparando o filho para o primeiro dia de escola.



## XVI

A manhã seguinte despontou num arrastar de fumos sobre o polígono de tiro. Eram os restos da madrugada a despedirem-se da terra, as trevas brancas libertando-se dos carreiros e subindo para as nuvens sossegadas.

Um viajante que por qualquer razão andasse naqueles sítios ficaria abismado se, ao levantar da neblina, encontrasse debaixo dos pés dois olhos a espiar. Olhos? Exacto, olhos; duas gotas de vida rolando na fresta dum barranco com a lentidão dos monstros antigos. Espreitavam entre a folhagem, pertenciam a um corpo que repousava nas entranhas da terra, no convívio das larvas e das raízes.

Agora, admitindo que o dito viajante se enchesse de curiosidade (e de coragem) e que mergulhasse na fenda onde giravam esses olhos, descobriria: em primeiro lugar, uns dentes miúdos – de toupeira, possivelmente; depois duas mãozinhas sapudas; depois barriga redonda, pernas curtas, e, a terminar, dois pés assentes no fundo da toca. Um ser completo que vomitava sons estranhos, coisas incompreensíveis.

*«You see, meo colonel?»*

Era realmente um homem, um estrangeiro fardado e de barba ruiva. Uma pessoa, humana como qualquer de nós, e que por isso mesmo falava e tinha companhia a quem falar: dois oficiais portugueses, um coronel e um tenente. Havia ainda outro indivíduo mas esse não conversava nem ouvia. Mascava goma. Era comprido, muito longo, e estendia o corpo pelas paredes da toca até lhe sobrar a cabeça lá do tecto, pendurada como a dos enforcados.

Segue-se, pois, que algures, no polígono, havia quatro criaturas debaixo do chão. Uma espiando o mundo dos filhos de Deus, outra a mascar goma, rangendo os queixos, e mais duas a estudarem um mapa.

«*Good Gosh*», rosnava o militar que espiava – o tal da barbicha, «*It's a real wonderful weather.*»

Ocupados com os mapas de campanha, os dois oficiais trocavam opiniões nas costas dele. Um era o tenente-intérprete e dizia:

«O capitão Gallagher insiste nas correcções do vento. Acha que não há necessidade, com o tempo que está.»

O outro era o coronel:

«Ele que pense mas é nos ricochetes. Fale-lhe nisso. Lembre-lhe a ridicularia deste ângulo de queda.»

«Outra vez?»

«Homem, faça o que lhe digo...»

«Muito bem, meu coronel. *Captain Gallagher, we think...*»

«*Okay, okay*», cortou logo o estrangeiro da barbicha, sem se desviar da paisagem.

Desiludidos, os nossos oficiais debruçaram-se, muito juntos, sobre o mapa onde estava desenhado o caminho das granadas, a morte concebida num gráfico calculado.

«Teimoso», remordia o coronel à socapa. «Há seis anos que fazemos fogo desta posição e vem este tipo agora com partes.»



«Conta com a segurança do material, é o que é.»

«Há-de valer-lhe de muito a segurança, com um ângulo de queda destes.»

Falavam disfarçadamente, passando o dedo pelo mapa, fingindo que o discutiam. Por cima deles, no tecto da caverna, os dentes do grandalhão continuavam a moer *chewin' gum*, a moer, a moer.

«Tem os vícios da guerra», disse o tenente. «Tanto se lhe dá que uma granada de ricochete limpe meia dúzia de casas como não.»

«De acordo. Em guerra compreende-se, mas aqui é preciso proteger as populações. Nós é que sabemos o terreno que pisamos.»

«O pior, meu coronel, é não conhecermos o material.»

«O pior é atirarem-nos com as responsabilidades para cima, diga antes assim. O resto é cantiga. Tenente, chame a ordenança.»

«Ordenança.»

«Pronto.»

À porta da casamata perfilava-se já um soldado em continência:

«Vossa Excelência, meu coronel, dá licença?»

Atiraram-lhe para as mãos uma pasta e um binóculo, e esqueceram-se dele. Deixaram-no, a um canto, pequeno e obscuro, debaixo do capacete de aço.

«*Sergeant*», disse o estrangeiro de pêra ruiva para dentro da caverna. «*Do you remember Sammy Myers and his damned curves?*» Dirigia-se ao sargento, ao homem enorme que mascava lá no alto. Sorria-lhe.

O coronel sorriu também ao acaso. («Que diz ele?», perguntou ao tenente; «Nada, está a falar dum tipo que tinha a mania das trajectórias...»)

«*Sammy Myers... Don't you remember?*»

«*Please*», implorou o Sergeant, com ar enojado. Pálido, apertando os queixos, encheu-se de branduras de

velhaco: «*Will ya please stop talkin' about that fuggin' kike? Will ya, captain?*»

«Que disse o sargento?»

«Que não quer que lhe falem no judeu. No tal das trajectórias.»

«Ah», fez o coronel; e pensou: «Estas crianças grandes.»

O capitão Barbichas deitava olhares entendidos a Sergeant e ria. Devia ser conversa antiga entre eles, «camaradagem de guerra», concluía o tenente, reparando na maneira como o oficial americano, muito brincalhão, arreliava o ajudante.

«*Sergeant...*»

Do canto onde o arrumaram com a pasta do seu coronel e o binóculo de campanha, o soldado-ordenança só tinha olhos para o estrangeiro de má cara que mascava, irritado, sobre as cabeças dos oficiais. Estava encadeado com aquela figura bizarra; de boca aberta e tão preso a ela, tão impressionado, que, depois de algum tempo, mastigava também – mas em seco – sem dar por isso.

Foi acordado desse pasmo pelos gritos do americano da barbicha. O homem chamava gente à boca da vigia, queria que vissem com ele qualquer coisa lá fora, no polígono:

«*Look over there... look.*»

«Ah», disse o coronel com os olhos espetados na fresta que se abria no mundo dos filhos de Deus. «*It is a peneireiro. A bird.* Explique-lhe você, tenente.»

«*It's a... a hawk. A Portuguese hawk.*»

«*A hawk?*» Um falcão? Gallagher torcia a barbicha ruiva e não aceitava. Pelo tamanho, pela forma das asas, tomara-o por um pequeno condor.

«*Sure*», insistia, seguindo as curvas lentas que o pássaro traçava no céu. «*It looks like a small condor.*»

«Condores em Portugal?», perguntou o tenente.

O coronel encolheu os ombros:

«Tanto faz. Se ele quer que seja um condor deixe-o ser.» E reparando no soldadito: «Ouve cá, tu já viste alguma vez um condor?»

«Condor, meu coronel?»

«Sim, pá», adiantou-se o tenente. «Um pássaro, como os peneireiros. Mas maior, mais pesado.»

O soldado-ordenança encolheu-se, enfiado.

«Peneireiros, meu tenente... Bem, os peneireiros conheço eu...»

Pela fresta do barranco, três pares de olhos seguiam o voo lento da ave sobre o polígono. Nos campos, o pastor e o viajante da madrugada levantaram também o rosto para esse pássaro solitário, monge das alturas, que planava ao sabor da aragem e que afagava a terra com o deslizar da sua sombra tranquila.

«Um peneireiro, pá», bradaram os soldados que aguardavam o primeiro tiro.

E era. Um peneireiro, uma ave familiar que representa a majestade da força livre e a calma imensa da planície.



## XVII

No Lavre, conforme fora previsto pelo velho, não havia trabalho para ninguém, e desse modo os viajantes de Cimadas dirigiram-se a Cercal Novo. O Portela no entanto avisou:

«Vamos, mas, cá por mim, não me demoro. É cumprimentar o seu Abílio e abalar logo para Lisboa. E vossemecê?»

«Veremos, Janico. Depende do que der essa tal questão do amparo.»

Fizeram parte da jornada numa camioneta de carga que os largou às portas de Montemor. Ali ofereceram uma cerveja ao condutor e como não estavam cansados partiram sem mais demora. Lá vêm eles através das extensões arenosas que se perdem nas vizinhanças do polígono de tiro. João Portela à frente, como de costume; o velho, de espingarda à bandoleira, a magiciar nos seus planos.

Mas desta vez há qualquer coisa entre ambos: um coelho que o Portela leva pendurado à cinta e que o amigo, à distância de umas escassas passadas, vai namorando com os olhos.

Diz o velho com os seus botões:

«Eu, o meu Abílio e esse que aí vai damos conta dele à vontade. Faz-se uma canja para o moço, guisa-se o resto e, Janico duma cana, tu verás como te passam as febres.»

Entretém-se a acompanhar os balanços do animal morto contra as pernas do companheiro, e alegra-se:

«Um caldo de coelho. Há lá melhor dieta para um doente.»

O Portela, pela parte que lhe toca, tem ideias mais largas, outras ambições. Cercal Novo é uma paragem, uma estação de militares – logo, sem futuro. Sonha com Lisboa e com andaimes de grande altura; com legiões de calceteiros (não de guardas) que patrulham a cidade todas as noites, desmontando as ruas, consertando jardins; com trabalhadores formigando nos blocos de construção, percorrendo (se não se arranja ofício mais limpo) os colectores de cimento que são os intestinos da capital, já que nela (é voz comum) por baixo e por cima do chão, e por dentro, por toda a parte, se encontra gente do campo construindo a cidade do dia-a-dia. Nos eléctricos, no comércio, nos cais, em toda a parte. «Até nas cadeias», pensa o Portela. «A propósito, a Floripes?»

A lembrança não lhe convém. Escolheu Lisboa para rumo da sua vida, os desgostos agora só podem entravá-lo, esmorecê-lo. Coragem e cabeça ao alto. E rumo a Lisboa, aos andaimes, aos jardins.

Mas para lá chegar tem de passar primeiro pelo Barreiro, a grande chaminé negra que uiva entre multidões de operários (hoje serventes na indústria, ontem cavadores como ele); e essas oito letras, «*Barreiro*», que toda a vida se habituou a reconhecer nas sacas de adubo, nos calendários da CUF ou nas caixas de sabão, essas letras, imagina o Portela, mesmo para um analfabeto são inconfundíveis e mais fortes do que tudo porque cabe nelas o país – Cimadas e outras terras menores.

«No teu caso ia-me a Lisboa», aconselhara-o Aníbal. «Fazem-se lá prédios de hora a hora, estradas, palácios. Cabem mais automóveis em Lisboa do que em todo o resto da nação.»

«E você, tio Aníbal?»

O velho põe-se a alinhar uma desculpa: tinha de se informar do auto de amparo, precisava da opinião do filho antes de se decidir. «Vamos a ver, vamos a ver...», diz baixinho, sabendo perfeitamente que jamais a idade lhe permitirá dar serventia nas obras da grande capital.

Entretanto, o outro vai-o atijando constantemente:

«Por este andar não chegamos ao Cercal antes das quatro... Por este andar, tio Aníbal, já não vê o seu Abílio antes do recolher... Por este andar...»

Seguindo o amigo, Aníbal compreende a pressa que ele leva e segue igualmente o sonho que o chama de longe, aos andaimes ou às chaminés das fábricas. Mas o rosto pelado do Portela convence-o de que, nunca por nunca ser, poderá escapar à primeira inspecção dos médicos onde for pedir trabalho, a menos que, naquela doença, não se trate de febres nem de sangue podre e que tudo seja derivado da fome ou do calor.

«Ora essa? Porque não?», pergunta de si para si. «O alimento é a melhor de todas as curas. Quem sabe se, comendo, o moço não se põe forte como os mais?»

E firma imediatamente os olhos no coelho morto, vê-o a aloirar no espeto.

O resto da marcha fazem-na quase em silêncio. O velho concentra-se todo nas pernas do Portela onde batem as orelhas do animal que lhe pende à cinta. Não precisa de escolher o terreno, de medir as distâncias; segue aquele norte, aquele pêndulo que marca o andamento em que vão e que, se quisermos, regista até as próprias hesitações do companheiro.

Tudo quanto pode haver de belo numa peça de caça tão esquiva e de tantas subtilezas vai diante dele, para o atrair: as orelhas nervosas, espertas e sensíveis, o focinho astuto e, já agora, o pêlo macio, tão leve, tão fino.

«Pêlo liso, pêlo liso, patinhas mimosas de bicho asseado...» O velho deixa-se levar por um sem-fim de minúcias que o seduzem.

Eis senão quando o coelho sacode-se num esticão repentino e fica imóvel: o Portela tinha parado. Estava a observar um vulto negro pousado numa riba de areia.

Aos dois caminantes aquilo apareceu-lhes brusca-mente, com o sobressalto e a vingança com que um cardo seco desponta debaixo de uns pés descalços. Olharam em redor. Como estavam cercados por uma corda de dunas não havia outro recurso senão escalar a ribanceira que tinham pela frente.

A pouco e pouco foram distinguindo melhor o espantalho negro que dominava a cadeia de pequenos montes: uma velha. Uma velha erguida lá no alto e de costas para eles. Tinha uma cesta enfiada no braço e as pernas entapadas e levemente abertas.

Na cabeça usava um chapéu de palha por cima do lenço.

«Estará a mulher a mijar?»

Pelo menos assim parecia. Mas, mais perto dela, os viajantes de Cimadas vêem-na voltar-se lentamente. Não os saúda, deita-lhes uns olhos brancos pregados numa caveira forrada de peles sujas. Muito mirrada, do tamanho duma criança, era uma velha ao mesmo tempo escura e desbotada. Era da cor do barro mais pobre, do tom das ervas mortas ao sol.

Ora bem. A mulherzinha assim como apareceu aos dois homens, assim se deixou estar, sustentando os tais olhos brancos neles. Mas quando menos contavam ouvem-na aos gritos:



«Para trás, homenzinhos de Deus.»

Lá de cima acena-lhes a mãos ambas, meio curvada, como quem enxota galinhas.

«Para trás, para trás.»

Aníbal sorri, desconfiado:

«Não querem lá ver? É maluca, o estardalho da mulher.»

«Para trás», clama ela, do cume das areias. «Depressa, homenzinhos de Deus.»

«É maluca, que eu bem no digo.»

Mesmo assim, os dois amigos vão-se chegando. Estão quase à mão da velhota e já lhes surge o que fica para lá dela, um plaino nu, fechado por uma cintura de montes iguais àquele, revolvido de ponta a ponta e coberto de charcos. Ao fundo avistam-se uns esqueletos de árvores, um chaparral queimado a estorcer-se à boca de uma pedreira, mas a impressão é a mesma do resto: braveza, abandono e mortandade.

E a velha no meio daquilo. Para quê? A que propósito?

«É maluca», confirma Aníbal.

Enquanto pensa e não pensa ouve-se uma voz. Adiante, à entrada do chaparral, um garoto esbraceja em altos brados:

«Minhá... vóó... ó.... nhá... vóó...»

«Uiii...», acode a velha; e de repelão, lança-se num salto. Já no ar ainda avisa: «Fujam que vai começar o fogo.»

Atira-se pela ribanceira, resvalando quase sentada, a correr e a gatinhar, e aos guinchos:

«Ui, ui...»

O Portela e o amigo vão-lhe no rasto. Em dois saltos chocam-se com aquele monte de trapos que desliza na areia e que grita «ui... ui...», como qualquer mocito que se apanhasse a brincar nas dunas. Em baixo, no terreno

plano, colam-se a ela e correm a passo miúdo. Ouvem-na ofegar, soltando da boca uma roufenhada contínua.

«Cheira aqui a pólvora.» A fala de Aníbal sai cortada pelo cansaço.

O outro nem o ouviu. Vai de corpo à banda, caído para diante, tão vergado que quase beija o chão. «Ui», pia a velha, comandando a fuga.

Velha maldita que mal pisa a terra, considera Aníbal. E não admira. Com um corpo daqueles tinha por força que ser leve como um pássaro.

«Ui, ui...» Um pássaro pica-flor aos saltinhos pelo campo.

Do chaparral chega uma balbúrdia de gritos e pancadas. Vão-se aproximando, e o piar da mulher na sua corrida ligeira ouve-se menos e menos. O ar escurece, as pernas vergam ao peso do cansaço. Pancadas sobre pancadas, barulho de metais e uma algazarra de vozes desconhecidas abafam os dois companheiros. De cambulhada, velha, Portela e companhia galgam os primeiros chaparros daquele porto de salvação que tresanda a pólvora e a desordem. Estacam, não olham porque o pavor cega. E ali mesmo jogam-se no chão, rebentados de todo, a ofegar, a ofegar.

Só passados momentos é que começam a avaliar a emboscada para onde foram levados. Tinham escapado a um perigo que não sabiam ao certo medir, tinham-se entregue ao cansaço, perdidos de susto. E agora, agora que vêem eles?

## XVIII

Vêem, entre meia dúzia de árvores em frangalhos, um bando de crianças a contas com um tesouro. Granadas esventradas, montes de cobre torcido, cacos de aço, cacos e mais cacos, e os garotos numa roda-viva, gritando e chegando lume a esses pedaços de morte para lhes tirarem os restos de pólvora.

«Pfe», faz a pólvora.

«Pfe», fazem também eles, em grande galhofa. «Pfe, pfe.»

Empurram-se e brincam, acendendo fósforos, e pulam na terra queimada entre labaredas breves. A mulherzinha, sentada no chão, assiste a tudo. Cansada, de goelas abertas, procura dar sinal de si. Mói-se e remói-se para que lhe prestem atenção.

«Nelinho.»

Os garotos nem se dignam saber dela. A velha, à parte, estrebucha:

«Tu ouves-me, Nelinho?»

É o mesmo que nada, é perder tempo e saliva. Nelinho e os companheiros só têm olhos para o tesouro que rebuscam com tanto alarido. Andam excitados com o

cheiro da pólvora e perderam o medo aos adultos. Aqui e ali, entre os troncos enfarruscados, nascem e morrem continuamente pequenas chamas, luzes de naufrágio ou quase, sopros de alegria: «pfe, pfe.»

«Nelinho», torna a mulher em voz doce e paciente.

Perante a confusão não se lembra, não tem tempo sequer, de se envergonhar dos dois homens que estão para ali, em qualquer lado. Sentada, a rojar pelo chão, vai empurrando à frente dela a cesta e o chapéu de palha, abeirando-se como pode do grupo dos garotos:

«Escuta cá... Escuta, Nelinho.»

«Senhora», urra o Nelinho.

Até que enfim. A velha alegra-se, os olhos brancos iluminam-se.

«Queima bem a pólvora, meu menino.»

Ajoelha, talvez para se pôr de pé, mas como tem pressa e está esgotada avança mesmo a rastejar. Estende os braços:

«Deixa ver, meu menino. Deixa, que eu ajudo-te.» Nelinho escapa-se para longe:

«Não.»

A velha deixa cair os braços. Fica pegada ao chão, ran-corosa e a mastigar vinganças que ninguém entende.

«Tia Liberata», salta então uma rapariga do bando. «Limpe-lhas vossemecê que o Nelinho não sabe.»

E, sem mais aquelas, vai-se ao garoto para lhe roubar os estilhaços de granada que ele tem nas mãos.

Nelinho troca-lhe as curvas, a rapariga volta à carga; Nelinho corre, a rapariga insiste; e os dois, à roda, à roda, acabam por cansar-se. Estudam-se à distância, perseguido e perseguidora. A mocinha afasta o cabelo dos olhos. «Vó, olhe a Angelina», queixa-se o garoto.

«Está queda, cachopita.»

Angelina respira alto, de cansada. Sem deixar de estar atenta ao Nelinho, sacode o avental enorme que lhe dá

pelos pés e prende com um atilho os cabelos claros, de estopa.

«Nelinho...», chama a velha do seu poiso.

Mas o neto embezerrou. Morde os beiços, bate com dois cacos de ferro um no outro.

E Angelina:

«Leve-o consigo, tia Liberata. Leve-o que ele não sabe tirar a pólvora das granadas. Não sabes, pois. Não sabes, não sabes, e não sabes.»

«Põe-te queda, mafarrico.»

A rapariga, sem fazer caso da velha, avança para o Nelinho, batendo com um punho na palma da mão para o arreliar:

«Não sabes, não sabes, não sabes, e o Mar-Ferro nunca mais te compra nada. Não sabes, não sabes, não sabes, e ontem querias apanhar uma espoleta quente. Não sabes, e és um troncho, e as tuas granadas não entram no nosso monte. Não sabes, pois. Não sabes, não sabes, e não sabes...»

Um garoto de beijo rachado trepou a uma árvore para assistir à cena da Angelina com o amuado Nelinho. Trazia um colete enorme, de homem – as abas davam-lhe pelos joelhos, semelhantes a duas asas partidas, penduradas. Ao passar por Aníbal sorriu, de cabeça baixa. Lá se foi pôr no seu galho, a esfregar os pés descalços um no outro. Sempre que os dois forasteiros olham para ele, vira a cara com um sorriso mono e malandro.

«Zé Galito, Zé Galito...», anuncia do alto do poleiro.

«Turululu», responde o resto do bando. «Pena amarela, curucucu...»

A parada vai começar no carrascal. Nelinho recua olhando a toda a volta, sabendo que não pode sair daquela meia dúzia de árvores chamuscadas. «Se ele foge?», pergunta a velha, inquietada com o deserto entre as dunas que se abre ali, à mão de semear.

Zé Galito, Zé Galito  
Turululu...  
Pena amarela  
curucucu...

Saltando para o chão, o rapazito do beijo rachado veio juntar-se aos outros. Não bate palmas como eles mas, cobrindo-se com os da frente e espreitando os dois viajantes, sacode as abas do colete e ri.

Zé Galito, Zé Galito...

Nos olhos de Nelinho faíscam lágrimas. Açulado pelos companheiros, tem um gesto salvador; levanta o braço e enfrenta o grupo com um pedaço de granada. Todos se encolhem, menos a Angelina. Essa vai para ele, devagar, é certo, mas de frente.

«Atira», desafia-o, torcendo o avental nos dedos.

E o Nelinho a recuar, o Nelinho a procurar ganhar distância. Pára, faz uma finta. A moça fecha os olhos, leva as mãos à cara. Nada. Espera um instante. Nada ainda. Entreabre os dedos; perde o medo, ergue a cabeça: «Vá...»

Só então o garoto decide arremessar o golpe – mas sem força, para o chão.

«Comias, minha cabra», ameaça em ar de vitória.

Angelina aproveita o instante, corre para ele, embravecida. Está-lhe em cima, vai agarrá-lo quando o vê cair e espernear. A velha Liberata tinha-o apanhado. Estivera ali de emboscada para deitar a mão ao neto logo que ele passasse ao seu alcance.

«Diabelho, que mas hás-de pagar.»

Dobra-se sobre ele, lutam um com o outro na presença de todo o bando. Nelinho torce-se, chora, esbraceja no chão. De boca aguçada, procura os pulsos da avó e, numa sacudidela, fila-lhe um braço. A velha abre-se num berro.

Mas um estrondo terrível vem ao mesmo tempo lá de longe. Os dois homens olham com pavor os céus, e os garotos, a velha e o neto estendem-se por terra.

Por cima deles um silvo medonho rasga os ares. Veio de Cercal Novo. O primeiro tiro tinha soado.





## XIX

Céus e terra, tudo tremeu. Nas dunas onde pouco antes andava a velha levantou-se uma nuvem terrosa, lenta.

A casamata do P.O. oscilou com o estrondo, o dia cegou por instantes. Depois, no silêncio que se abriu, ficou a escorrer das trevas do tecto uma chuva humilde de areia e de galhos de árvore sobre os três oficiais. Nenhum deles, Barbichas, Coronel ou Intérprete, pareceu incomodar-se com isso; nenhum largou o binóculo com que sondava o objectivo. E quando nesse ponto sacrificado, a terra ferida cuspiu pedaços dela mesma e soltou uma nuvem violenta (tal como o dorso de um peixe atingido no fundo das águas lança um esguicho de sangue que se eleva e se espalha à superfície, ocultando-o, defendendo-o), os oficiais puseram-se a trocar cumprimentos uns com os outros:

«Bem regulado, meu coronel.»

«*Muy bien... Congratulations, colonel.*»

«Mais uma referenciação e estamos-lhe em cima.»

O coronel agradecia para a direita e para a esquerda. Com o capacete enterrado na cabeça, os óculos redon-

dos e aquela boca rasgada de orelha a orelha, tinha uma cara de sapo contente.

Entretanto já uma nova descarga cortava os ares em direcção às extremas do polígono. À esquerda da primeira, ergue-se outra nuvem do volumoso corpo de areia, subindo, adensando-se, e pairando a meia altura à espera que o vento a empurre.

Estirados ao comprido, homens, velha e garotos são um pequeno lago de rostos a boiar à tona das cinzas de pólvora, entre os troncos do chaparral. Apenas Angelina está de pé, como um capitão de naufrágio. Com a mão em pala a proteger a vista, aguarda o quarto tiro que não deve tardar.

Desde madrugada acompanhara o fogo da bateria, o que lhe dera uma ideia segura do número de disparos que se faziam antes de cada intervalo. Eram quatro, como em quase todos os exercícios do polígono; quatro descargas e um espaço de tréguas que os garotos aproveitavam para correr sobre o objectivo e para marcar os destroços encontrados. Angelina sabe que a última granada não pode tardar. Os cabelos de estopa e o atilho de ouro estão imóveis, brilhando ao sol.

Aí vem o momento desejado: um trovão medonho, abalando os ares.

O bando firma-se num pedaço de céu em que irá passar um ponto negro – o projectil. Alguns vêem-no, outros inventam-no, mas desta vez, qual não é o espanto deles, sentem-no explodir no ar, desabando numa saraivada de bicadas secas sobre as magras árvores que os abrigam. Tec, tec, tec... Angelina atira-se para o chão, a rajada de fogo morde sem piedade o reduzido chaparral.

«É de balas», grita uma voz, parece que a de Nelinho.

Silêncio geral. O perigo passou mas apesar disso ninguém se mexe. Aníbal experimenta levantar a cabeça e quando vai a levantá-la toda aquela gente despona ao

mesmo tempo do chão. Num abrir e fechar de olhos, a velha e os garotos partem à desfilada sobre o areal. E o Portela?

«Janico!»

Atordoado, procura orientar-se, perdido numa onda de berros. É a debandada, o assalto ao campo de tiro, com uma mulherzinha a silvar entre as crianças e a brandir uma cesta como um estandarte conquistador. O velho dá uns passos ao calhar, perseguido pelo aviso de Nelinho:

«Granada de balas, granada de balas...»

«Janico!», berra com todas as forças.

O Portela aparece-lhe à boca da pedreira. Vem a coxear levemente, sem grandes pressas.

«Aleijei-me», diz ele.

Aníbal puxa-o por um braço, esforça-se por salvá-lo daquele inferno, fugir para longe. Mas ao debruçar-se sobre a perna do amigo arrepia-se: por baixo do coelho alastra uma mancha escura, pesada. Estende a mão, apalpa-a. Os dedos vêm quentes e molhados: sangue. O Portela tinha levado uma bala.

A princípio quis gritar por socorro. Só encontrou tristeza e cinzas, garotos rebuscando as terras que ainda fumegavam. Da margem de lá das dunas outro bando veio disputar os sobejos das granadas. A batalha está acesa e do nosso campo é a velha, essa aventureira esparvoadá, quem dá a alma ao combate, caindo, espadeirando com a cesta amigos e inimigos, insultando e chamando pelo neto Nelinho. Crianças e uma velha, eis tudo. «E ele ferido», lamenta-se Aníbal.

Se por um lado tem de abandonar aquele refúgio a todo o custo, por outro receia ser atingido pelo fogo durante a travessia das dunas. Ficariam ali, resolve então, até que Angelina ou um desses pequenos batalhadores fossem aos soldados pedir auxílio.

«Isso, ficamos acolá.»

Antes de mais nada, tira a arma da bandoleira para ficar mais livre de movimentos. Seguidamente traz o ferido para a sombra dum chaparro, estende-o de bruços, enxugando-lhe a carne retalhada; e pede-lhe calma, paciência, porque os rapazes não demorariam. Se demorassem, ele próprio subiria às dunas e, com os braços ou com a camisa, faria sinais aos canhões para que se calassem. Haviam de vê-lo, garante-lhe Aníbal. Haviam de mandar saber do que se tratava.

João Portela, a arma e o coelho morto alinham-se debaixo do chaparro. Repousam na fina camada de cinzas que cobre a terra e que é o sal, o adubo de pólvora onde vão buscar alimento as azinheiras torturadas que os protegem. Estonteado, o ferido aparenta um sossego, uma indiferença que desorientam o velho. Mas às primeiras guinadas que lhe rompem na carne adormecida, os nervos entesam-se, eriçados. O homem cerra os dentes, cravando as unhas na casca da árvore e, no meio das maiores dores, ainda consegue dizer:

«Por causa do seu Abílio, tio Aníbal... Maldito do seu Abílio que me desgraçou.»

Ao chaparral chega a gritaria das crianças a guerrearrem pelos estilhaços de fogo.

## XX

Casimira, a velha de Cimadas, saiu de manhãzinha para a Vila.

«Não vá», tinham-lhe recomendado as mulheres do lugar. «Se o sargento não lhe diz onde está a sua neta é porque não quer que a visitem.»

«Não queria ontem», respondeu ela. «Mas hoje pode ter mudado de ideias.»

«E vossemecê tem a certeza que a Floripes está no posto?»

«Se não está, esteve. Vou-me à cadeia. Se não a encontrar dirijo-me ao sargento. Tantas vezes hei-de lá ir que se há-de cansar.»

«Olhe o que arranja, tiazinha.»

Mas a velha meteu-se nas suas razões e foi.

«Criatura geniosa», suspiravam as mulheres de Cimadas.

Ao tempo em que elas faziam os seus comentários, ia Casimira por atalhos e quebradas com um saquinho na mão e uma cesta à cabeça. Na cesta levava uma muda de roupa, um corpete, saia de baixo, e o mais; na saquinha, uns dinheiros e um punhado de maçãs miúdas. Foi

indo, foi indo, até que chegou, muito apressada, à praça onde ficava a cadeia da comarca.

A cadeia, ah, a cadeia. Antigamente, quando ainda era a sacristia da Igreja da Relíquia, não passava duma sala de pedra com pias de água benta e versículos em latim pintados nos madeiros de castanho. Mas por ocasião da República uns tantos politiqueiros foram-se a ela, trancaram a prego e tijolo a porta que dava para o altar-mor e, uma vez isolada do corpo da igreja, a sacristia desapareceu para dar lugar à cadeia.

Dali em diante, sempre que se abriam as portadas da janela sobre a praça, não saía de lá aquele cheiro a religião que é uma espécie de incenso velho à mistura com mofo de beatas. O que saía era um travo a suores e a comida azeda, e um vozear de celerados.

Aos domingos, à saída das missas e aos dias de feira, além das vozes, apareciam entre as barras de ferro pequenas bolsas de esmola que desciam e subiam, na ponta dum fio, como anzóis de pescadores. Eram os alforges dos presos, dizia-se por graça. E muitos lavradores punham ali a sua moeda, o seu cigarro, pelo menos.

«Pst, pst», chamavam os condenados, mostrando à Vila e aos forasteiros que também estavam ali, que também existiam. «Pst, pst.»

Os saquinhos andavam num vaivém pegado, e era uma chilreada de ensurdecer: «Pst, pst. Um cigarrinho»; «Pst, pst. Uma esmolinha pelos filhos que tenho em casa»; «Pst, pst... Pst, pst...»

Hoje isso acabou. Desapareceram os saquinhos e as vozes, mas ficaram os presos. Também, se não fossem esses cartões atravessados nas grades e a diferença do cheiro que vinha detrás deles, da escuridão, ninguém diria que uma parte da Igreja da Relíquia se tinha transformado num antro de bandidos. Por fora continuava como dantes: a velha sacristia revestida com os mesmos

azulejos do resto do edifício e conservando, por sinal, o nicho da Senhora da Apresentação que sempre ali esteve exposto à praça onde param as camionetas da carreira.

Mas só quem viu a Senhora e a vê agora pode avaliar como ela murchou na sua redoma de vidros escavacados. Já não tem florinhas de papel e enfeitá-la; caixa de esmo-las nem pensar; mãozinhas de cera ou velas de promessa que é delas hoje?; e o vestido azul desbotou tanto que não se lhe sabe a cor. Está uma santa triste, humilhada. Com o calor e as invernadas que tem suportado ficou queimada e seca, com a aparência duma camponesa de sol a sol.

Em todo o caso a imagem resiste, como resiste a fachada da sacristia apesar dos remendos de cal e dos palavrões dos presos. Por fora nada de novo, mas por dentro montaram tarimbadas, arrancaram as pias de pedra, e quanto aos versículos em latim foi letra que se apagou. O que se vê nos madeiros são pragas, ameaças, datas e nomes riscados a cabo de colher. E percevejos, gerações assanhadas de percevejos.

«Um esqueleto bichoso», era como lhe chamava a velha de Cimadas.

Tinha vindo pelo caminho a recordar a cadeia.

Via-a como uma gruta de demónios vizinhos dos santos que estavam no altar, do lado de lá da porta pregada. Uns vencem os pecados com rezas, outros com a liberdade – era a lei geral, e ambos prestavam contas, à sua maneira.

Casimira guardava ainda a memória de certo sapateiro da Vila que durante sete anos de cárcere pagara ali a morte dum inocente. Apurara-se que o tinha acabado à nascença e que sem se repugnar de pertencer, enfim, à sua carne, ao seu sangue, o enterrara debaixo duma figueira. Uma figueira brava, veja-se a coincidência, a árvore escolhida por Judas para se enforcar.



E como Judas, o caso é que o sapateiro acabou por se arrepender do seu acto. Está ainda vivo o carcereiro que muitas vezes presenciou a mulher do condenado a rezar ladainhas ao altar-mor da igreja, enquanto, detrás da porta trancada, o sapateiro lhe respondia com *miserere nobis*. Parece (segundo o mesmo carcereiro) que o homem se metia em leituras e em doutrinas, que devorava tudo o que trouxesse o *imprimatur* dos bispos. Bíblias e catecismos eram com ele e não se passava dia nenhum em que não repetisse a Epístola aos Coríntios naquela parte importante que diz que «nada será digno de espanto já que o próprio Satanás se transformou em anjo de luz...».

Era ele o anjo de luz? Resta saber. A frase da Epístola citava-a o prior velho, hoje falecido, para provar que Deus tudo pode através do castigo e da misericórdia. E dava o exemplo do sapateiro que, para cumprir os deveres de crente, tinha passado a respeitar o trabalho. As velhas benziavam-se e quando precisavam de citar um milagre já sabiam: entre a manhã e o pôr do sol lá estava o assassino atrás das grades, anjo de luz ou não, mas de sovela em punho e martelo na sola, ganhando o sustento do lar. Nos dias de festa ia umas horas a casa acompanhado do guarda. Chorava se lhe recordavam o inocente morto, ceavam os três, ele, a mulher e o carcereiro, e, na opinião de muitos, pedia licença por uns momentos para cumprir a sua obrigação de macho.

O sapateiro arrependido era, naquele tempo da República, o único hóspede certo da cadeia. Os anos rodaram e com os anos vieram mais crimes, mais males. O cárcere começou a povoar-se de bandidos menores, como sejam os ladrões de águas, os ciganos, este ou aquele incendiário vingativo, e os pescadores sem rede, os pescadores de coca e troviscada.

À medida que iam entrando novos condenados o sapateiro era empurrado para o fundo da sala, e a tal



ponto que a praça acabou por só saber dele pelo martelar da sola que vinha lá de dentro, pois os outros presos enchiam a janela, sacudindo as grades.

«Misérias», resumia a Casimira Sota, e perguntava lá no íntimo o que faria a sua neta entre tanto desgraçado.

Corria na vila que em breve a haviam de mudar para Lisboa, como aconteceu a Aleixo Serrador e outros, depois do levantamento de Ferreira.

«A Casimira das Cimadas bem pode dizer adeus à neta», sentenciavam uns.

«Ela que crie as mais novas, que aquela já não a vê criada», entendiam outros.

A vila discutia e pasmava. «Jesus, Jesus», murmurava a velha de Cimadas.

Agarrada à cesta da roupa e à bolsa das maçãs, ela vai agora pelo meio da praça, direita à cadeia. Vem gente às portas do comércio, os miúdos ficam quedos, muito atentos. Cala-se tudo a vê-la avançar. E ela, como se estivesse sozinha em plena praça, pousa a cesta no chão e segreda forte:

«Nina. Ó Nina.»

Ninguém. Insiste:

«Nina.»

Então faz-se o sol de repente. Floripes aparece às grades e, com ela, outros dois presos.

«Nina!», grita a velha num salto de alegria.

Floripes sorri-lhe. E toda a praça, em silêncio, assiste à velha, cá em baixo, revolvida pelo choro, a sorrir e a acenar com a saquinha das maçãs.

«Ó Nina. Ó Nina. Ó Nina.»



## XXI

Há um corpo na enfermaria do quartel de Cercal Novo e encontra-se da seguinte maneira: estendido sobre uma marquesa, a fralda da camisa puxada para cima, nu dos pés à cintura.

Não está porém descalço; antes que lhe pusessem o garrote (um pouco abaixo das virilhas) a perna tinha inchado de tal modo que fora impossível tirar-lhe as calças. Assim, a golpes de tesoura, com a autoridade brusca e impaciente própria dos enfermeiros, dois soldados de bata branca abriram de alto a baixo as peças de pano grosseiro expondo à luz uma pele tensa, ensanguentada, as canelas encardidas a transbordarem do cano da bota e um sexo mirrado, pálido ou adormecido. À parte essa mancha parda, esquecida, à parte o sangue, todo o homem é da cor da cera virgem, a luzir na penumbra e voltado para a eternidade.

«Conhecem-no? Algum de vocês o viu antes?»

«Não é de cá. Andou muitas léguas para chegar aqui.»

«Donde veio o homem? Quem é e como se chama?»

O homem é o Portela, João do Rosário Portela. Diante da marquesa desdobra-se uma procissão de vultos e as

vozes que saem deles são pausadas, tristes. E que vozes. Sopros frios, ecos de sono a velar o forasteiro.

«Veio de algures, de Beja. Ou de mais longe, quem sabe?»

«Cimadas, diz a cédula. *Natural e residente em Cimadas, distrito de Beja.*»

Durante algum tempo deixaram-no com a perna sã oculta pela calça que não tinham chegado a rasgar, mas antes da visita do médico, despiram-na também e tiraram-lhe a bota da perna sã. Ficou, pois, como um corpo surpreendido, despojado à pressa – um pé calçado, outro não – e imóvel e a brilhar na claridade mortiça da sala, como um defunto ao luar farejado por vultos curiosos.

«O que é o destino. Vir uma pessoa de tão longe para um petisco destes.»

«Acontece. Quem não sabe o terreno que pisa sujeita-se a surpresas.»

«E quem se pode gabar de saber o terreno que pisa?»

«Também é verdade. Debaixo dos pés se levantam os trabalhos.»

«Escutem. Deixem ouvir...»

De cima da marquesa principia a escorrer um gemido:

«Ai eu... ai eu...»

«Voltaram-lhe as dores», comentam os vultos reunidos em confidência.

Foram muitos os que desfilaram por ali mas desses ficaram três a velá-lo: dois de bata branca, soldados da enfermaria, e um terceiro fardado de mescla. Este está desabotoado por causa do calor, o capacete pende-lhe do ombro, enfiado no braço; além disso traz correias de cartucheira cruzadas no peito. É, tudo indica, uma praça da guarda. De correias e capacete de aço, não pode ser senão um soldado de sentinela fazendo horas para render o posto que lhe vai ser confiado.

Devido à posição e às dores, o ferido não abrange bem as figuras que lhe fazem companhia. Vislumbra umas sombras esfumadas, uma escura, as outras brancas – dois penedos de cal. Apanha aqui e ali uma palavra, uma opinião, e os vultos soam-lhe distantes ao interrogarem-se sobre as possíveis razões que teriam arrastado um desconhecido de tão longe para um polígono debaixo de fogo.

«Andaria à caça, uma vez que o companheiro trazia um coelho e uma arma?»; «Procurava espoletas?»; «Andaria ao destino?»

«Ai eu...», geme o Portela.

«Está cheio de dores», torna o soldado do capacete, a sentinela. Aproxima-se do doente e cobre-o.

«É de esperar, a bala apanhou-lhe a veia.»

«E podem-na coser?»

Os serventes à enfermaria ignoram:

«O nosso tenente só disse para lhe telefonarmos se as dores piorassem muito. Pôs-lhe esse garrote e foi-se embora.»

«Ah», murmura o soldado-sentinela. «Vai ter mais dores?»

«As que forem precisas. A não ser que o nosso tenente mande dar uma injeção para o adormecer...»

«Anestesia, não é?»

«Isso, anestesia. Uma injeção especial para as dores.»

De pé, os três militares testemunharam o sofrimento do camponês. O do capacete está na sua hora de descanso antes do render da guarda mas entretanto espera, com os dois faxinas à enfermaria, a chegada do tenente médico, a sua resposta e a sua sabedoria, para libertarem aquele corpo martirizado da bala que o penetrou.

«E se telefonasses?» Cada vez que o ferido geme, o soldado-sentinela franze muito a cara.

«É cedo, o nosso tenente não gosta que o incomodem. Só em caso de força maior. Não é assim, Rapa-Tacho?»

Rapa-Tacho, o outro militar de bata, concorda.

«Só no caso», diz ele, «de ter de levar a injeção.»

«A anestesia?»

«Sim, essa.»

Acendem cigarros, vão pôr-se ao fundo da sala, calados, soprando fumo, cada qual afastando também para longe os pensamentos. O tempo corre, a hora do render da guarda aproxima-se, contada pelos gritos das sentinelas que giram à volta do quartel na noite morna.

Talvez o tenente médico já esteja a caminho, depois da reunião do café com as famílias dos oficiais ou depois do relato do futebol. Talvez tenha ido discutir o caso com outro médico (o da Misericórdia, por exemplo) e venha aí, estrada fora, sem pressas, resolvendo as coisas com a segurança de quem conhece a morte na intimidade e sabe afugentá-la com um golpe certo, uma receita. E talvez até, talvez, o infeliz, como homem civil e fora das leis militares, não possa ser tratado no quartel e tenha de ser transferido para um hospital. Nunca se conhecem todos os caprichos dos regulamentos, pensa e repensa a sentinela.

Na enfermaria do quartel três praças e um camponês esperam pelo médico, pela sua palavra salvadora. À cautela, o militar Rapa-Tacho prepara a seringa e o soldado-visitante interroga-o uma vez mais:

«Sempre lhe dão a injeção?»

«Depende.»

Rapa-Tacho acende outro cigarro:

«Se tu visses um ferrador que a gente teve aí...» Troca olhares entendidos com o camarada de bata branca. «O do tétano. Se este aqui estivesse é que havia de ser...»

«Poça, senhor prior. Dores como aquelas é que eu espero não tornar a ver em toda a minha vida.»

«Também deixámos-lhe a pele como uma serapilheira. Lembras-te, Rapa-Tacho? Volta não volta, injeção...

Volta não volta, injeção... Eram tais as dores que o homem pedia por tudo que o matassem.»

«Mas escapou. Ao fim de três dias estava livre de perigo.»

«E este?», pergunta o soldado do capacete. «Também escapa?»





## XXII

Este (diria mais tarde o sargento enfermeiro) não suspeita, nem de longe, a sorte que lhe está reservada. A má sina levava-o para sítios nunca sonhados e ele, esquecido numa enfermaria, tremia de febre e de pavor, desprezado pelo mundo.

«Ai eu...», lastimava-se, a chamar as atenções do mundo.

Alta noite, chegou o cirurgião da cidade com a sua comitiva. Vinha ele, vinha o médico do quartel e vinha igualmente um sargento enfermeiro. Não faltava sequer o oficial de serviço, de pistola e braçadeira.

O sargento destapou o ferido, o cirurgião viu a perna inchada, enorme e coberta de sangue seco, e endireitou-se rodeado de todo o silêncio. Perguntaram-lhe se queria que tirassem a bota ao infeliz, que a cortassem para sair melhor; respondeu que não – e inclinou-se novamente sobre a marquesa. Procurava o pulsar de uma artéria na dobra do joelho.

Finalmente chegou a uma conclusão, àquela que o sargento, o tenente e o enfermeiro há muito temiam. E disse: «Vamos!» – e todos lhe obedeceram.

Saíram à porta de armas, a passo vagaroso. À frente iam os médicos, trocando opiniões, a seguir o sargento e, por último, o Portela numa maca levada pelos dois faxinas de bata branca. Não se ouvia um pio de ave, não corria uma aragem. Os morcegos, que no Verão rasam as janelas tardias da praça, naquela noite estavam recolhidos, suspensos de cabeça para baixo nos tectos das suas tocas.

Os soldados da enfermaria jamais poderiam esquecer a imagem da Vila adormecida atravessada por um cortejo lento, quase secreto. Recordariam por muito tempo a aparição do velho, na altura em que deixavam o quartel, e o silêncio que também envolvia o seu perfil. Quase não se mexera, era uma mancha nocturna como tantas outras, ao longo do desfile de todos eles.

Voltariam a encontrá-lo, mais de frente, recortado num portal, quando passaram por ele com a maca. Mas até dessa vez foi um instante de presença, um relance. Depois nem isso; aquela figura de salteador tresnoitado, olhos acesos, barba de espinhos e caçadeira a tiracolo, ficou reduzida praticamente à condição de sombra, ao apagamento com que se consideram as sombras dum caminho sem perigos.

No entanto, o espectro agreste de Aníbal (agreste como uma piteira, como um penhasco) não deixaria dali em diante de seguir o amigo na solitária procissão em que o levavam. Segui-lo-ia à distância, como um cão receoso, cosido com as paredes e parando de esquina a esquina para não se aproximar demasiado. Os maqueiros sabiam que o traziam no rasto, adivinhavam-no, não precisavam sequer de o procurar.

Entre o quartel e o hospital da Misericórdia, entre a saudação da sentinela à porta de armas e as mãos de cera de uma freira que os levou à sala de operações, a travessia da vila foi uma marcha solene comandada pelo zumbido contínuo dos médicos. Esses mesmo procuravam não

perturbar as trevas, falando muito baixo, de coisas estranhas e em termos tão complicados como a caligrafia das suas receitas ou os responsos dos padres. Discutiam – julgavam os soldados cá atrás – se deviam levar o doente à faca ou se lhe deixariam a bala no corpo, como aconteceu a muitos combatentes da Primeira Grande Guerra. Estariam a combinar a maneira de lhe poupar mais sofrimentos? Os maqueiros davam tratos à imaginação para traduzir a conversa dos médicos.

Muito depois, quando os mesmos soldados da bata branca regressavam com o ferido ao quartel, era quase manhã. Havia gente, movimento na estrada; rebanhos que seguiam pelo bordão do pastor, carroças que abalavam para o dia-a-dia da lavoura, luz ensonada nos cafés vazios, por abrir. Mas os dois colegas da bata vinham tristes, enfiados, porque não conseguiam esquecer a perna inteira, ainda com a bota calçada, que tinham visto num balde da sala de operações.

«E agora?», perguntavam um ao outro, só com os olhos.

Agora é aquilo. Têm-no acolá, de novo na enfermaria, numa cama modesta, muito branca. Reparem: está desmembrado, um resto de homem; encontra-se alheio a si mesmo, debaixo da anestesia.

Apareceu o oficial de serviço que perguntou: «O homem?» – Os faxinas da enfermaria levaram-no à cama e mostraram-lhe o coto envolvido em ligaduras. O oficial regressou ao gabinete.

Veio depois o sargento. A mesma coisa: «O homem?» – Os serventes mostraram-lho e ele partiu. Veio inclusivamente um alferes e, para terminar, o soldado da guarda que, horas antes, fizera companhia ao ferido juntamente com os dois faxinas e que acabava de sair do seu quarto de sentinela. Esse sabia tudo. Tinha encontrado à porta de armas um velho sentado a chorar.

«Um fulano de caçadeira? Era o amigo.»

«Vi-me à rasca com ele», contou a sentinela. «Agarrava-se com tais ganas ao portão que tive de chamar o cabo da guarda. É duro... Um homem inutilizado para o resto da vida, é duro.»

«A bala apanhou-lhe uma artéria», explicou um dos soldados da enfermaria.

E o outro, Rapa-Tacho:

«Uma artéria é o diabo. Quando acontece uma coisa destas não há remédio possível...» Parecia desculpar-se, falando com os olhos no chão: «Agora ainda não é nada. O pior vai ser quando acordar. Diz o nosso sargento que as pessoas continuam durante muitos dias a julgar que têm perna, braço ou seja lá o que perderam. Chegam a sentir dores, vê tu. Já pensaste o que é ter dores numa coisa que não existe? Procurar aqui e não achar nada?»

Era triste e cómico vê-lo dizer isto. Espetava a cabeça rapada e miúda, e batia na perna.

«Já pensaste?», insistia.

Ele e o outro servente andavam assombrados com as dores fantasmas, com os membros fantasmas que continuam a pesar e a doer, mesmo depois de desligados do corpo a que pertenceram e de apodrecerem, numa fossa ou num balde de esmalte, ainda com botas e tudo.

A isto – esclareciam – só aos médicos cabia responder; ou ao sargento, que não era um simples recruta mas um enfermeiro com diploma. Eles, soldados de faxina à enfermaria, pouco ou nada podiam adiantar. Atormentavam-se, procurando uma justificação para tão misterioso flagelo.

«Já pensaste?», perguntavam ao soldado da guarda.

O outro, militar desprevenido, arrepia-se com o que acabam de lhe contar. Senta-se numa cadeira, olhos no chão, abanando a cabeça, tristemente.

«Gaita», diz quase num sussurro.

A manhã, com o seu clarão pálido nas vidraças, envolve-o pelas costas. É um visitante pensativo, silencioso agora; e abandonado. Os serventes deixaram-no. Andam lá dentro, noutro quarto, preparando o café da enfermaria, café mais forte e mais saboroso que o do rancho. E na ausência deles a luz cresce à volta do soldado, espalha-se pelo soalho, envolvendo as botas negras, a cadeira. Já não é claridade apenas; é sol, um brilho ainda frio, mas vivo.

Quando os dois faxinas regressam à sala, esvoaçando nas batas brancas atrás de uma cafeteira a fumar, o soldado-sentinela está na mesma. Permanece sentado, afaçando o capacete de aço que tem sobre os joelhos – e rodeado de luz.

«Vamos ao alcatrão», gritam-lhe os outros; e puxam-no para uma mesa de ferro, ao pé da janela.

Sentam-se os três, os serventes bebendo por copos, o soldado pelo cantil.

«E ainda há quem diga que a vida na enfermaria é uma peluda», lastima-se o Rapa-Tacho. Repara no soldado da guarda: lá o tem outra vez esquecido, o cantil entre os dedos. Acorda-o:

«Bebe isso, lanzudo.»

Mas o homem, em vez de obedecer, aponta para a cama do ferido:

«Se calhar ainda lhe dão alguma porrada.»

«A esse? Não me admirava muito. Não respeitar o fogo é contra os regulamentos.»

«Uma porrada grande?»

«A que eles quiserem. Bebe isso, pá.»

Os faxinas espreguiçam-se, diante dos copos vazios.

«Aaa...», roncam em coro, bocejando à boca larga.

«Deixa-me ir indo», diz o soldado, encaminhando-se para a porta.

«E o café? Não bebes?»

«Na caserna, quando me deitar.»

De cantil na mão, atravessando a parada por entre recrutas madrugadores que se dirigem às retretes, em alpargatas e tronco nu, o soldado da guarda começa a sentir os dedos húmidos, mornos. Sabe que é o café a escorrer, ouve-o salpicando o chão, traçando uma linha delicada até à caserna. O conforto desse calor agrada-lhe. Demora-se um instante para abrir o peito, com alívio, à frescura da manhã, e, parado, é sacudido pela ira dum clarim que toca à alvorada.

Então levanta as abas do capote e segue.

### XXIII

O ferido, depois de se ter despenhado no vazio de um imenso poço, sumiu-se no coração das trevas até ficar reduzido a uma gota de sangue, a um ponto vivo, alma ou minúscula recordação humana assente no mármore da terra. E acordando, jazendo vivo lá nas profundezas, encarava os altos céus desabridos e os fumos que rolavam à boca desse poço.

Era um ponto – um corpo estendido num lençol como um pequenino papel, uma mensagem lançada numa cisterna. De tempos a tempos parecia-lhe entender vozes, distinguir vultos por entre as ondas de névoa que tapavam a entrada para o mundo, e reconhecia logo os chacais brancos, debruçados lá em cima a espiá-lo. Uivavam uns para os outros, disfarçados com palavras humanas.

«Veio de Cimadas, veio de Cimadas... Residente e natural de Cimadas...»

Não o largavam. Segredavam, assoprando o pequeno pedaço de papel para o devolverem ao vazio donde se vinha libertando; e eram manchas sem rosto, chacais de bata branca, parceiros da morte a cobiçarem-lhe a carne. O enfermo e os diabos.



Vezes sem conto subiu das entranhas do delírio ao reduzido mundo da enfermaria e outras tantas regressou, toldado pelas nuvens e pelos ecos dos fantasmas em conspiração. A folha branca, esse sinal vivo (que era ele) baixava e subia, soprada pelas vozes; e, em certos momentos de calma, planava, deslizava mansamente, como um lençol suspenso, navegando a dois passos do chão pelas ruas desertas da vila dos militares. Sempre noite, sempre tudo a velocidades desaustinadas. Mas nem ali deixava de ter a ameaça de um chacal, a rondá-lo de largo. Via-o surgir a cada esquina, direito, silencioso; escorraçava-o: «Maldito, mil vezes maldito» – e o eco das trevas repetia «Maldi...» por outras tantas mil vezes.

Então, o chacal (que trazia a caçadeira de Aníbal, o chapéu e o colete de Aníbal), o chacal virava lentamente a cabeça e mostrava-lhe o rosto do filho-soldado, o rosto de Abílio, mas com cabelos compridos de mulher.

«Maldito...», insultava-o o ferido, ao passar por ele.

Como resposta, o fantasma de Abílio arrepiava uns dedos cinzentos e rugosos como os dos cágados, soltando das unhas aguçadas pequeninos seres que semeava pela calçada. Eram bichos-cágados, também, que cresciam rapidamente e se desdobravam em milhares e milhares, rolando as cascas duras sobre as pedras das ruas. A enxurrada abafava a Vila num barulho infernal, estremecia tudo à passagem, como uma invasão, como um rufar de tambores.

E na realidade era uma invasão, mas não de cágados – de tropa: o desfilar de pesados *matadores* roncando com os seus canhões a reboque, motocicletas, cozinhas rodadas, soldados em camiões e cavalos estouvados recolhendo ao quartel.

«Acabou o fogo, acabou o fogo», comentava-se por todo o lado – no prostíbulo, nas casernas e à porta das lojas de Cercal Novo. «As peças deixam as manobras.»



O relógio da praça bateu o meio-dia.  
Uma sentinela gritou às armas...

E pronto, repete-se a ladainha do costume. As mulas foram para os currais, os *matadores* para os parques. Vai recommençar o dia-a-dia do soldado, sempre tão triste e tão igual. As sentinelas percorrem o longo círculo do tempo, revezando-se sem parar; por tudo e por nada soam ordens e clarins, por tudo e por nada marchas, formaturas; os recrutas marcam passo; lêem castigos os sargentos.

A um canto da parada, Aníbal, junto do filho, desfia e torna a desfiar a terrível desgaça do polígono, e na sala dos sargentos joga-se às cartas. Entre sota e manilha, o Portela vem à baila.

«Tremia como varas verdes. Apareceu ontem aí com um velho e um maqueiro e tanto um como o outro vinham ensopados no sangue do desgraçado.»

«Rompeu qualquer veia. Por isso lhe cortaram a perna.»

«Ao que isto chegou. Antigamente eram só os catraios que andavam às espoletas. Agora até homens, vejam vocês.»

«E mulheres. Já te esqueceste da cigana da burra?»

«Alto aí. Com a cigana mais respeitinho. Não é verdade, nosso primeiro Nunes?»

Os sargentos divertem-se, troçando de certa cigana que, pelos vistos, passava os seus bons momentos no polígono, na companhia de diversos militares.

«Fosse como fosse», dizem, «nunca ninguém a viu apanhar espoletas.»

«Preferia a arma branca. Chamem-lhe parva...»

«Calúnias. O que vos morde é a inveja. Perguntem aqui ao Nunes e verão se não é assim.»

«Caluda, que vai falar a experiência. Tem a palavra o nosso primeiro Nunes.»

«Sentido. Atenção ao nosso primeiro Nunes.»

«Mulas...» O citado sargento Nunes sorri, envaidecido. «Que reais mulas vocês me saíram.»

Assim, de conversa em conversa, os militares matam o tempo, como é uso depois dos rudes exercícios. E ao passo que vão matando o tempo, um bando de crianças, com Nelinho e Angelina à cabeça, atravessa a vila de Cercal Novo a caminho do Café Moderno onde se encontram os cadetes milicianos.

Correm alegremente, acotovelando-se como se levassem um pássaro vivo, um ninho encantado, mas na verdade não é jogo nem diabrura o que os anima. Trazem uma espoleta de granada que não chegou a rebentar e trazem também, como se calcula, a sombra em farrapos da velha Liberata. Podia lá faltar a mulherzinha que tudo vê e tudo orienta?

Ela e o bando ficam à porta do café, Angelina entra. Vai de mesa em mesa dirigindo-se aos milicianos que engraxam as botas altas e bebem cerveja ou jogam poker de dados. Há alguns que escrevem às famílias, e há-os que lêem revistas estrangeiras; outros ainda estudam, preparando-se para a vida que os espera fora do cerco das marchas e das sentinelas. Na generalidade, embora de camisa de oficial, embora oficiais dentro de meses, todos eles se sentem parentes dos recrutas em face das leis do quartel. São homens arrancados aos estudos, ao noivado ou ao gabinete – mais soldados do que oficiais. Sabendo-os assim, militares de passagem e com dinheiro, Angelina procura-os sem temor:

«Senhor cadete, compre uma recordação.»

A espoleta, desarmada e livre de perigo, transforma-se num objecto com passado e prestígio. Um amuleto de guerra, admitamos, um adorno original, pesa-papéis, ou qualquer coisa no género.

Angelina está a oferecê-la a este e àquele, quando um grupo de oficiais se põe a chamá-la da rua:

«Pequena, ó pequena.»

Desconfiada, recua cautelosamente, à procura duma saída.

«Vai, parvalhona», incita-a a tia Liberata, ferrando-lhe as garras no bracito.

Angelina deixa-se conduzir. Aos empurrões disfarçados da velha, olhos baixos, cara envergonhada, vai à presença dos oficiais que estão reunidos à entrada do café. Um cavalheiro de barba ruiva sai do meio do grupo e estende a mão para a espoleta.

«*Brave girl*», diz ele, felicitando a mocinha, com muitas festas. «*Guapa mé-ni-na.*»

Todos riem, e a velha também. Mas só por vê-los rir; ou melhor, por razões que muito bem sabe.



## XXIV

A venda da espoleta a porta do Café Moderno teve, se quisermos, o seu lado simbólico. Foi, por assim dizer, um acto de entrega, o gesto de uma criança da localidade para com um hóspede de honra, acompanhado de toda a corte de maiores e de capitães. Angelina depositou nessas mãos o testemunho da sua coragem e o visitante, por sua vez, presenteou-a com uma nota e uma moeda luzidia. Em resumo, foi isto.

*«Brave girl. Guapa mé-ni-na...»*

Aquela hora da tarde a tropa passeava nas ruas, depois de um dia de quartel. Havia soldados nas tendas, comerciantes na paragem das camionetas à espera dos jornais; raparigas namoradeiras segredavam risinhos, estrada abaixo estrada acima, de braço dado umas com as outras e fingindo-se entusiasmadas com as confidências que contavam. E isto era o pôr do sol na vila dos militares.

Só o Aníbal e o filho andavam por fora, distantes dos soldados em liberdade. Tinham corrido de casa em casa, oferecendo a caçadeira a lojistas e a particulares mas, por uma razão ou por outra, não encontraram comprador.

«Paciência. Só nos resta entregá-la a esse tal ferro-velho», decidiu Aníbal.

A tarde entristecia, no calendário dos recrutas riscava-se mais uma jornada. Na enfermaria, o Portela já tinha acordado (sabe Deus como) e soluçava de mansinho, estendendo as mãos ávidas por baixo do lençol; Barbichas de Chibo e o seu grupo passeavam na estrada; Sergeant, o enorme, levantava os braços tatuados por cima do bando de Angelina e despejava moedas.

Alheio a esse espectáculo, o velho caçador, levando por companheiro o filho-soldado, vagueava nos arrabaldes à procura de Mar-Ferro, por ruas onde as ervas cresciam à vontade e as mulheres se catavam às portas, mesmo ao lusco-fusco. Da última casa, quase em pleno campo, esgueiraram-se dois recrutas de calças na mão. Fugiam como coelhos, perseguidos por uma algazarra de raparigas.

O velho, ao vê-las saltar para a rua, muito pintadas e de punhos ameaçadores, não pôde deixar de se lembrar das cortesãs dos antigos acampamentos militares. «Não há dúvida, são estas as marafonas», concluiu. «São elas que substituem aqui as vivandeiras do soldado. Adiante.»

Adiante. Deixaram a vila propriamente dita e bateram a um barracão de pinho.

«Cá estamos», anunciou Abílio, o filho-soldado.

«Quem vem lá?», bradou alguém, assim que empurraram a porta.

Pai e filho estacaram. Procuraram com os olhos o dono daquele grito mas a penumbra e o desalinho do armazém desorientaram-nos.

«Que desejam?», tornou a voz lá do escuro. E então distinguiram um indivíduo acororado como uma galinha, em cima de uma montanha de latas.

«Negócio», respondeu Abílio, do lado de fora da casa.

O homem, que não podia deixar de ser o Mar-Ferro em pessoa, desceu do seu poiso e atravessou o barracão. Devia ter qualquer doença na espinha porque caminhava dobrado pelos rins e com o traseiro espetado para o ar. Isso e a maneira de balouçar a cabeça quando andava ainda o assemelhava mais a uma galinha.

«Artigos militares não recebo», começou por esclarecer, com a mão no fecho da porta.

Aníbal entregou-lhe a arma. «É isto», declarou.

«Traz o livrete?»

«Sim, senhor. Está tudo em dia. Tenho a licença paga até ao fim do ano.»

Satisfeito com as respostas, Mar-Ferro mandou-o entrar. Só ao velho; o filho ficou na rua.

«Tenha paciência», desculpou-se. «Com a tropa não quero sarilhos.»

Foram para as traseiras discutir o negócio. O comerciante cheirava a pólvora; deitava um calor áspero, de aço.

«Hum», rosnava ele, avaliando a arma. «Hum...»

Sondou os canos, bateu os cães, a fecharia e, tudo muito bem apreciado, fez a sua oferta que era baixíssima para as necessidades do vendedor.

«É um modelo antigo», justificou.

Aníbal, pobre dele, ainda que quisesse não podia aceitar aquela quantia. Precisava do dinheiro para as viagens até Cimadas – primeira coisa; precisava de comprar calças e uma muleta para o Portela; precisava, por último, de encomendar em Beja, quando fosse a altura própria, uma perna de pau. Quatro notas, nunca menos.

Enquanto ele deitava contas à vida, o ferro-velho deixou-o com a caçadeira nos braços. Pôs-se a dar voltas pelo barracão, fingindo-se altamente ocupado com as ninharias que esgravatava naquele monturo de latas e de lixo. Debicava aqui um papel, acolá uma meada de arame.

E sempre de rabo espetado, sempre com a cabecinha a dar a dar.

Enfim, ao cabo de várias ofertas, chegaram a um entendimento. Aníbal trouxe o dinheiro e um par de calças de cotim, usadas mas em bom estado.

«São calças da farda», disse o filho quando as viu. «Embrulhe-as bem nesse jornal, não vão julgar que fui eu que as roubei.»

«Está descansado que como estas tinha ele lá muitas», respondeu-lhe o velho. «Calças, botas e cinturões é o que menos lá falta. Até capotes.» Lembrou-se de mais lixo: granadas. Mas não as nomeou, não queria lembrar-se do bando de Nelinho. «Havia lá de tudo», resumiu.

O rapaz teimou em insistir nos perigos de uma compra daquelas sem testemunhas. Recitou castigos, descontos no pré, prisões. Era soldado e fica tudo dito.

«Está descansado, está descansado...»

Subiram a rua onde as mulheres de cabelo pelas costas se catavam às portas e, ao passarem, abriram-se postigos e caíram-lhes em cima desafios de muita espécie.

Não se voltaram, não responderam. Iam de orelha murcha, cada qual metido consigo. O filho esquecera os castigos e o quartel, e pensava em cortinas de chita e em combinações de renda perfumadas; em moças de barraca de feira e noutras de robe e a fumar. O pai apalpava no bolso as notas que trazia enroladas no lenço, o mesmo lenço em que envolvera o cágado e que nunca mais deixara de cheirar a lodo depois disso. Ouvia ainda os risinhos e os convites das raparigas, mas não as comparava já às soldadesas que noutro tempo faziam parte da vida dos regimentos. Em vez disso, recordava o cágado morto, de pescoço pendurado para fora da casca como uma tripa. Quanto tempo teria andado com esse pequeno cadáver envolvido na mortalha do lenço?



Ambos, velho e soldado, faziam o caminho como dois estranhos. Desviando-se, passo a passo da estrumeira dos arrabaldes, esperava-os a estrada, esse longo nervo que atravessava a planície de lés a lés, o País, a solidão, animado por camionetas, comércio, gente a passar, americanos, moças namoradeiras, e, à margem de tudo, uma cama de enfermaria encravada na dureza dum quartel.

«Já não me servia de muito», disse Aníbal a despropósito. «Mas o que se não pode negar é que me prestou bons serviços. Muitos serviços, só eu sei.»

O soldado compreendeu que o pai falava da caçadeira. Preferiu guardar silêncio. Tinham chegado ao centro da vila e precisavam de decidir o que deviam fazer, qual o sítio onde poderiam ir mastigar qualquer coisa, pouca que fosse, e como repartir o dinheiro da venda da arma. Mas o velho, parado no coração da vila e envolvido pelo vago resplendor que vinha das tabernas e dos cafés, o velho continuava a falar.

Dizia que era tempo de ter feito o que fez em relação à caçadeira; que desde há muito sentia tremer a mão e que, para ser sincero, também a vista o começava a atraí-lo. Era a idade – dizia.



## XXV

Logo ao acordar, os soldados de bata branca carregavam o doente para o jardim das traseiras da enfermaria e sentavam-no à sombra dum muro com uma bilha de água ao lado.

Se tentaram consolá-lo (e é natural que tivessem tentado) foram malsucedidos. Ordenanças e particulares, as raras pessoas, além dos oficiais, que podiam passar naquele local tranquilo, a todos o Portela respondia de cabeça baixa e em poucas palavras. Media a própria figura: uma perna estendida na terra e a outra acabando onde mal começava – numa calça dobrada e num alfinete-de-ama. Mais para diante não lhe interessava fosse o que fosse, nem sequer as moscas que o mordiam.

Certa ocasião sonhara com uma lagartixa azougada e com uma ratazana (ou coisa semelhante) que a perseguia. Passava-se tudo num areal e o mais estranho é que a lagartixa, sempre espertina, sempre alegre na sua ingenuidade, escapava-se às dentadas do inimigo peçonhento e continuava a correr, contente e descuidada, sem ao menos se voltar para trás. Tomava aquilo por pura brincadeira, já tinha a cauda toda esquartejada e não sabia,

não sentia. Para ela, as mordeduras raívosas que lhe dava a ratazana peluda, sempre que a podia abocar, não passavam de beliscaduras sem importância ou nem isso.

Divertiu-se, deu voltas de doida, e nos lances do jogo ficou-lhe o rabo espetado na areia, a vibrar. Correu mais, deitou outro rabo; logo adiante, outro; outro, outro, e mais outro. No fim, andava por entre muitos pedaços vivos de cauda, brincando com eles com grande alegria, sem se aperceber de que lhe pertenciam e sem se dar ao cuidado de olhar para trás...

Mais cena, menos cena, foi este o sonho que dali para o futuro tanto havia de preocupar o Portela pelo medo de que viesse a repetir-se. Se tal não aconteceu (pelo menos até ao presente) isso deve-se a ter meditado muito nele. E tanto que, dormitando muitas vezes à sombra do muro, sabia acordar à primeira ameaça de pesadelo, deduzindo, mesmo a sonhar, que não tardaria a aparecer-lhe a lagartixa azougada na tal floresta de pequenas caudas a tremularem.

João Portela estava por terra como um pobre de pedir que se arrasta pelas feiras. À sua frente alinhavam-se umas tantas janelas com reposteiros de palácio e cá em baixo, no sossego do jardim, saltitavam os pardais. Andavam em passinhos corridos, muitas vezes ao alcance dele mas em perfeita segurança porque já se tinham habituado à sua figura impassível ou porque, na maneira de ver do ferido, o instinto lhes dizia que estavam diante de um mutilado, de um infeliz. «É a natureza», pensava. «Estes pássaros já perceberam que daqui não lhes pode vir mal.»

O jardim, jardim de oficiais onde morriam as agruras do quartel, fazia lembrar o pátio dum convento. Um horto: pequeno, antigo, recolhido; roseiras velhas, abelhas e pássaros inocentes. A dominá-lo, as janelas erguidas em grave respeito, ao fundo o Portela aos pés dum

muro, cobijado por nuvens de moscas. E sobre isto nada mais, a paz dos dias.

Estando ele assim, entre canteiros, aconteceu numa bela tarde abrir-se uma das janelas e ouvir-se o cavalgar duma máquina de escrever através de folhas e folhas de papel. Alguém trabalhava lá em cima, no salão da biblioteca, e esse alguém era Gallagher, o capitão americano, que, entre uma garrafa de whisky e um cinzeiro a fumar, compunha o seu relatório sobre as armas e os soldados de Cercal Novo.

Pergunta-se: que escrevia ele?

Coisas secretas, naturalmente. Contava à sua maneira, por meio de cifras e de mapas, a história dos bons guerreiros que encontrou em tal ponto assim e assim. Morte e soldados – eis do que falava; e combinando uma coisa e outra, como se a morte e o soldado fizessem um jogo, uma inteligente sociedade.

Ora, a morte e o espectáculo da morte também repugnam ao homem em armas, e senão veja-se Aníbal com os seus ouvintes da parada:

«E ele escapará?», perguntam-lhe constantemente, sofrendo com o sofrimento dum camponês baleado. E piscam os olhos, franzem a testa, impressionados com a narrativa do velho.

«Ele escapará, nosso amigo?»

O mesmo, por outras palavras, disse o soldado da guarda nas visitas que fez à enfermaria; o mesmo pensavam os serventes, que não eram chacais da bata branca mas recrutas, seres humanos. E a ladainha dos médicos, comandando a procissão do ferido até à sala de operações? Não era ainda para esconjurar a morte, para salvar o Portela do destino oficial dos bons soldados? Não seria?

Decerto que sim.

Havendo esta estranheza perante o sofrimento, e não desprezo, os militares do conto de Aníbal não vêem na

morte a razão do ofício ou a justificação natural do inimigo. («Inimigo? Que é dele, o inimigo?», acudiria aqui o cabo ferrador Três-Dezasseis no seu discurso da taberna do homem de luto.)

Não vêem, não aceitam. Mas Gallagher escrevia o seu relatório sem os ouvir. Devorando cigarros, correndo folhas sobre folhas, compunha o elogio dos bons soldados e a vitória das armas.

A páginas tantas, bebeu uma golada de whisky e veio à janela tomar alento. Lá em baixo, pregado num muro de cicatrizes, Job contemplava, com olhos mudos, o cair da tarde e os pássaros que saltitavam à sua volta.

## XXVI

Entretanto, a outra parte do Portela, a falsa, ia sendo fabricada na carpintaria do regimento por um marceneiro de bom coração. Era de madeira de freixo para ser leve e resistente como convém a uma muleta, mas todo o segredo da construção estava nas medidas do garfo, na distância a que devia ficar a pega e, bem entendido, na perfeição da almofada do sovaco. Por consequência chamou-se o correeiro, que disse:

«O melhor, o melhor, seria fazê-la de alumínio. Hoje em dia as muletas são quase todas de metal. A do filho do farmacêutico, não vamos mais longe.»

«Impossível», declarou o marceneiro, «neste caso não há nada a fazer. Primeiro porque não temos tubo de alumínio nem quem o saiba soldar, segundo porque descobri umas peças de freixo como raramente se podem descobrir.»

«Além de que se trata apenas dum remedeio», completou Aníbal.

«Nem mais. Trata-se de uma muleta para aguentar enquanto não se põe a perna de pau. Que eu saiba, não é esse o caso do filho do farmacêutico.»

Conferenciaram como mestres escrupulosos, fechados na oficina. O velho a princípio inquietou-se com a ideia de que eles se desentendessem, movidos pelo gosto da discussão. Mas respirou fundo quando percebeu que todas as dúvidas apresentadas vinham do seu brio de artistas, do prazer da caridade e da alegria de poderem falar das saudosas profissões, de quando ainda não eram soldados. Uma vez tudo assente, moldes, medidas e tarefas, era de esperar que cada qual fosse à sua especialidade.

Assim sucedeu. O correeiro desencantou não se sabe onde dois palmos de vitela, da melhor; o ferrador forneceu a crina cortada aos cavalos mais luzidios para encher com ela a almofada da muleta; o marceneiro deu a madeira; e o velho o resto – vinho e companhia.

Deitaram mãos à obra. Aníbal passava a maior parte do dia na oficina do marceneiro (o que era uma maneira habilidosa de o não deixar pôr de parte o trabalho da muleta) e de fugida ia visitar o amigo ao jardim dos oficiais. Levava-lhe sempre novidades, contava coisas, passagens de cartas que nunca recebeu nem viria a receber, promessas e mais promessas. Às vezes, o Portela não se continha:

«Cale-se, senhor.»

O velho, que nessa altura já começava a acreditar naquilo que tinha inventado para consolar o amigo, caía em si. Metia o rabo entre as pernas e marchava para a oficina.

Ia por corredores sombrios e de sentinela para sentinela com o à-vontade de um hóspede familiar. Mas lá na sua consciência estava amargurado porque não fora essa a imagem que idealizara (ou que realmente conhecera) dos parentes dos recrutas ao serem recebidos nos quartéis de Évora do tempo dos dragões. Ali não era ao pai do soldado que abriam as portas, bem percebia; era ao companheiro duma vítima, que nessa qualidade é visto



com olhos curiosos e merecedor também do seu quinhão de piedade.

«Sinto-me tão ferido como ele», confessava nos momentos em que se punha a rememorar as suas ilusões e o seu lugar no quartel onde o filho servia a nação. «Sinto-me tão ferido, tão ferido...»

E na oficina, em conversa com o marceneiro:

«Palavra que é do coração. Se estivesse nas minhas mãos, sei lá. Era capaz de dar a minha perna só para não ver o que tenho visto.»

«Acredito. Muitas vezes sofre mais quem vê do que quem sente. Que idade tem o moço?»

«Vinte e oito ou vinte e nove», respondeu o velho.

«Solteiro?»

«Solteiro e ainda por cima fraco. Porquê?»

O mestre marceneiro desapertou uma peça do torno, precisamente a que viria a ser a ponta da muleta. Enquanto a corrigia com um olho fechado, outro aberto, foi dizendo:

«Há pessoas que julgam o mal onde está a salvação. Quem nos diz a nós que não estamos aqui a preparar-lhe a enxada?»

Pousou o pedaço de freixo em cima da banca e, perante o ar desentendido do velho, explicou-se:

«Cada qual serve-se do que tem. Ou é algum mal? E já que lhe veio esta infelicidade ao menos que a muleta lhe sirva para alguma coisa.»

«Para pedir?», Aníbal baixou os olhos, magoado. «Homem, nem me fale nisso.»

Mas não era como pedinte que o marceneiro se tinha lembrado do Portela. Imaginava-o ganhando o pão como qualquer criatura, servindo-se apenas da muleta como sinal, como garantia do seu trabalho.

«Por exemplo, todos nós sabemos que certos ofícios não são muito próprios dum rapaz novo. Olhe: vender

sinas, por exemplo. Um rapaz da idade dele a vender sinas, não faltaria quem o criticasse. Mas um coxo? Um coxo já é diferente, tem outras defesas. Pode vender sinas, lotarias, bentinhos, que nada lhe fica mal.»

«Preferia», diz o velho, «que se dedicasse a folhetos e a bordas-d'água.»

«Ou isso. Sim, porque não folhetos? É uma mercadoria com muita saída nas feiras, acho eu.»

«E linda. A meu ver, talvez fosse o que mais lhe conviesse.»

O mestre voltou ao trabalho, vergado sobre a plaina:

«Depois, compreende, um aleijado tem outra vida. Menos mulheres, menos brigas porque, coitado, não pode. Tudo isto, feitas bem as contas, representa dinheiro.»

«É certo», concordou Aníbal. «E para um negócio desses pouco dinheiro é preciso. Tudo vai de saber escolher os folhetos e de procurar aqueles que são mais reais e verdadeiros. Mas não tem dúvida, para isso estou cá eu...»

Fechados na oficina do quartel, o velho e o marceneiro-soldado iam construindo pacientemente a parte falsa do Portela, aquela que lhe daria o sustento. Deslizava a plaina na alvura do pau de freixo, corriam as palavras sobre a banca do artista, e nos olhos de Aníbal reaparecia um certo brilho esquecido. O mesmo brilho sagaz com que adivinhava as perdizes, no tempo em que ainda tinha a espingarda.

## XXVII

Numa pousada à beira-mar, hora do nascer do sol. Gallagher, o capitão de barbicha, fuma à janela o cigarro do despertar.

O hotel dorme, na baía as embarcações dos pescadores foram surpreendidas pela claridade, com as lanternas acesas a balouçar na ondulação. O mar está lento, repousado, e o guerreiro em terra alheia relembra outras praias, outras viagens.

«Este pequeno país», escrevera ele à mulher, em Kalamazoo, Michigan, «é uma verdadeira praia a todo o comprimento, como podes verificar por um bom mapa. Basta que te diga que, de norte a sul, são mais de quinhentas milhas de costa e de areia fina como não conheço outra que se lhe compare, nem sequer na Itália. Já imaginaste o que seriam umas férias aqui com os pequenos? A vida é barata e tranquila, e os portugueses, embora tristes, são acolhedores. Acredita, *darling*, que começo a estudar seriamente essa possibilidade...»

A carta está, selada e pronta, em cima da cama. Foi escrita ao correr dos acontecimentos, serão a serão,

como é costume dos capitães das expedições ao redigirem os seus diários de bordo.

«Nada a assinalar», podia ler-se nela, a certo passo, «no que respeita ao meu estômago de avestruz. Noto apenas uma sede constante que me diverte. Aposto que, com mais uma semana, era capaz de consumir um caixote do melhor *bourbon*... O Sergeant (acho que já te falei nele, o Alabama Jackie que esteve comigo no Piave) começa a sentir a mesma reacção e atribui o fenómeno ao clima. Não digo que não, mas creio que a causa deve estar também na comida destes tipos, que é gordurosa e picante como a dos árabes. De qualquer maneira, *darling*, o estômago cá vai cem por cento *okay* e o fígado mantém-se sem nada a registar. Milagres da adaptação, que queres?»

Só ontem, dia da despedida da vila dos militares, a carta levava a assinatura final. Acabara-a, já naquele quarto, com duas ou três linhas à pressa depois duma viagem de cortesia às cidades fortificadas do sul, um passeio sobre brasas por uma estrada a tremer entre nuvens de calor.

«Região de cortiça», ia desfiando o intérprete, ao lado do motorista. «*We are just going through the real cork country. Look over there, sir: the cork oaks*, os sobreiros.»

Gallagher repetia, com acenos: *sabreiros... córrtiza... «I see», dizia, «I see.»*

Passaram por famílias de ciganos errantes, os homens montados em burros guedelhudos, as mulheres descalças, a pé; viram patrulhas da Guarda (iguais às de Leandro), polícias de trânsito nas suas couraças ameaçadoras; cegonhas e turistas de roulotte; aqui uma lagoa de arrozal, mais além touros em campo livre.

«*I see, I see...*»

Sergeant não se manifestava. Ia mudo, como habitualmente, só mascando, mascando.

Entre a manhã e o anoitecer, capitão, ajudante e toda a caravana de portugueses tinham percorrido a planície

até à fronteira. A voz do tenente-intérprete rolava à velocidade do carro e era de certa maneira a voz da paisagem, a tradução da vida que estava nela em cada momento fugaz, em cada pormenor abrangido por um olhar casual. Gallagher deixava-se embalar nesse som contínuo mas isso não significava que a natureza que ia descobrindo tão velozmente fosse aquela que estava nas palavras do oficial, e apenas essa. De modo nenhum. A dada altura os olhinhos sonhadores do capitão Barbichas tinham fixado na estrada um sinal familiar aos conquistadores do Novo Mundo, duas palavras: «*Go home.*»

*Go home...* pareciam repetir os automóveis, um por um, ao passarem em sopros enfurecidos pelos muros escritos, como se quisessem apagá-los. *Go home... zut... Go home...*

Na primeira paragem, Sergeant com uma alegria de Satanás chegara-se ao ouvido do Barbichas:

«*Did you notice, captain?* Estes analfabetos até sabem escrever inglês.»

Gallagher concordara com ele, mas desinteressado, por desfastio:

«*Sure, sure...*»

À noite, na carta que fechou para a mulher e que tem ainda ali, em cima da cama, pôs simplesmente: «Partimos, *dear* Mammy, a uma velocidade de quarenta e cinco milhas, atravessando quase sempre terras incultas e sem beleza. Na maior parte do trajecto seguimos o itinerário do general Ridgway na visita que fez a este país.»

«Demasiado fria», reconhecera ele próprio quando a tinha relido; mas selara-a e metera-se na cama. E agora, à janela diante do mar:

«Mil perdões, *darling*. Cada vez estou a escrever mais no estilo dos relatórios. Que é aquilo? Pescadores?»

Na base da muralha, sondando os rochedos da praia com trapos enfiados num gancho, andam caçadores de

polvos. Dispersos, mergulhados até ao peito, avançam lentamente, muito curvados e com a cara quase em cima da água para poderem ver o fundo. De vez em quando filam um polvo, arrancam-no à ponta do ferro e surgem com o braço enovelado nas garras lentas do animal. Então, com um dedo ágil e sábio, dão-lhe volta ao saco da cabeça e adeus polvo, adeus monstro voraz, que ficaste para sempre cego e inutilizado.

É manhã clara. As crianças esperam na areia molhada a colheita dos caçadores silenciosos. Lançados pelo ar, os polvos caem-lhes aos pés e elas torturam-nos, batendo-os contra as pedras, ou brincam com a agonia desses frios habitantes do mar, experimentando a força das ventosas a colarem-se-lhes à palma das mãos.

Observando-as da janela, Gallagher lembra-se da garota de cabelos de estopa que, num café de Cercal Novo, lhe entregara por oitenta e cinco cêntimos uma espoleta, um temível pedaço de morte capaz de destruir um *Patton* ou um ninho de adversários.

«*Bravo soldadito, nice kid...*»

Arrebatada às areias do polígono, a espoleta aguarda naquele quarto de hotel a viagem de regresso ao país em que, afinal, tinha sido engendrada. Onde estaria amanhã? Voando sobre o oceano? Nas mãos dos filhos de Gallagher que se viam na fotografia sobre a mesa-de-cabeceira?

Quando Sergeant lhe pegou pela primeira vez deu-lhe um nome, *First Kiss*, e ficou baptizada. *First Kiss*, o primeiro beijo das novas peças de guerra nas terras onde principia a Europa.

Era, na verdade, um nome militar – concordava o capitão Barbichas. Um belo nome para toda uma operação de manobras e muito em especial para uma espoleta. *Ofensiva «First Kiss»... Recordação «First Kiss»...* Sergeant merecia felicitações pela descoberta. «*Congratulations, Jackie boy.*» Sorri, como se naquele instante

cumprimentasse realmente o sargento. «Mas não a levaste», acrescenta, «essa é que é essa. E tenho muita pena. *Sorry, Jackie.*»

«*Three bucks*», tinha o Sergeant oferecido pelo troféu *First Kiss*: e aumentara a oferta para quatro e para cinco dólares na esperança de tentar o capitão. «Cinco dólares, *okay?*»

Simplesmente, *First Kiss*, a espoleta reconquistada, já não tinha preço. Na sua insignificância de lembrança pobre, de metal simples e sem ornato, tornara-se uma raridade que o dono tratava com ternura, forjando-lhe um sentido diferente na carreira que tencionava dar-lhe. Seria uma relíquia, um amuleto para a guerra. Talvez estivesse destinada a figurar no museu da fábrica onde nascera ou comparecesse, pela mão da senhora Gallagher e das suas amigas do Clube das Terças-Feiras, na Exposição Anual do Lar.

«Na Exposição nunca», reconsiderou o capitão americano. «Essas gralhas só se interessam por geleia de galinha.»





## XXVIII

Aí pelo meio-dia, vestido e pronto, chamou um criado e mandou vir um táxi.

O rapaz recebeu a ordem, curvou-se respeitosamente e saiu. «*A moment, sir.*»

Muito direito, na sua compostura de criado bem instruído, foi a passos calmos até ao voltar do corredor e aí, pernas para que vos quero: arrancou numa corrida de doido e apareceu na esplanada do hotel.

«O do quarto seis vai sair!»

Saltou sobre um grupo de mulheres que esfregavam uma parede e pôs-se a abrir os braços e a virar-se para todos os lados à procura duma tábua de salvação:

«Depressa, andem-me com isso.»

Acto contínuo surgiu, não se sabe donde, o porteiro:

«Aviem-se, diabos, despachem-se.»

«Venha cá você, a ver se é mais rápido», repontaram as mulheres, sem despegarem do trabalho.

O porteiro foi. Pegou numa escova de arame e entrou no grupo das desesperadas que se jogavam à parede com baldes e esfregões, facas e cal. Mas os gatafunhos resistiam. Eram meia dúzia de letras, se tanto, e um boneco

de barbicha e cornos de bode rabiscado à pressa no muro. *US Go Home...*

«Aviem-se», clamava o criado, sacudindo as mãos aos céus.

E logo outra voz, o gerente:

«Despachem-se, limpem-me essa vergonha.»

«Não sai», protestou o porteiro. «A tinta está entranhada.» Empertigou-se e dando com o gerente ficou estarecido. Fora apanhado de casaca e de galões, como um almirante humilhado em público, um almirante de escova na mão entre criadas sujas de cal.

O gerente estava desorientado, como se calcula. Dava ordens para diante, ordens para trás, e tudo continuava na mesma, o boneco a rir-se de todos eles e a miséria daquelas letras: *Go Home*.

«Raspem a parede, piquem tudo sem piedade», gritava. Deitou um braço ao criado: «Aguenta-o. Entretém-no. Põe-te no corredor e não o deixes sair. Um pretexto qualquer. Uma chamada de fora... Qualquer coisa, seja o que for.»

Veio um moço com um martelo e o cozinheiro com a pá do fogão. Nem assim. O insulto resistia e a urgência era maior de momento a momento.

«Que escândalo», bufava o gerente, muitíssimo penalizado. «Que escândalo.»

Enquanto ele andava às voltas, de mãos na cabeça a pedir uma ideia salvadora, o porteiro atreveu-se a uma opinião:

«E se tapássemos este bocado?»

O gerente pegou-lhe na palavra:

«Exactamente, tapar. Mas com quê? Espera, há para aí um cartaz. Aquele da aviação.»

«É pequeno. Só se puséssemos uma bandeira.»

«Isso, a bandeira. Vai já buscá-la ao escritório.»

E aqui está como o capitão Eustace H. Gallagher, de Kalamazoo, Michigan, deparou à saída do hotel com uma vistosa bandeira cobrindo meia parede da esplanada.

«Homenagem», calculou. E saiu.

Não teria dado mais importância ao caso se o fiel ajudante Sergeant não o tivesse procurado ao fim da tarde para uma conversa muito a sós. Entenderam-se por meias palavras e daí a pouco andavam os dois em ar de passeio diante da parede embandeirada.

À hora do jantar o capitão americano fechou-se no quarto e ligou para o gerente:

«Mande-me um táxi. Esta noite mudo de hotel.»

Falou em inglês. Sem se importar que o entendessem ou não.



## XXIX

À sombra duma faia, triste faia, sentaram-se os dois viajantes.

Tinham aproveitado em Cercal Novo um camião de fardos de palha até Santiago, até ao largo de Santiago, mais propriamente. Viagem sem novidade – o coxo na cabina, entre o condutor e o ajudante; Aníbal em cima da carga, atravessando a planície à altura da copa das árvores, mais próximo do que nunca das calmas cego-nhas que sobrevoavam os campos. E com os balanços do camião, era como se estivesse na ponta dum galho agitado pelo vento, num perfeito ninho de palhas. Um velho num berço de palhinhas e a terra a fugir por baixo dele, imagine-se.

Em Santiago mal teve tempo sequer de agradecer: o Portela ao ver-se apeado pelo ajudante e pelo motorista, quase ao colo de dois estranhos e em plena vila, atirou-se à muleta e desapareceu. Aníbal correu a alcançá-lo:

«Espera, Janico. A camioneta da carreira está a chegar.»

«Apanhamo-la mais adiante», respondeu-lhe o coxo. «Já me dói o rabo de estar sentado.»

O velho não o quis contrariar e acompanhou-o. Acreditava, e não acreditava, na explicação do amigo para se ausentar tão precipitadamente da vila, mas punha como provável que essa decisão, essa ânsia, derivasse do pavor de se ver rodeado de gente e de se julgar admirado na sua infelicidade. Era natural; Aníbal, em boa consciência, não deixava de lhe dar razão: «A bem dizer, o moço não falou com ninguém desde que saiu da enfermaria. Está estranho, está sentido. É natural.»

Fizeram uma boa hora de estrada, praticamente sem conversar: um mudo, outro calado. O velho ia cheio de escrúpulos, receoso de magoar o companheiro, e o companheiro, suando e torcendo-se debaixo do sol, não tinha força nem disposição para falar. Bordejava, encavalitado na muleta, empurrando o corpo entre as margens da estrada como um barco de um só remo: às guinadas incertas e desiguais.

«Vê lá», recomendou-lhe Aníbal por precaução. «Quando estiveres cansado paramos.»

O Portela, para a frente é que era o caminho. Tinha-se empenhado num combate com a muleta e isso, que se resumia a uma ideia, a um orgulho, é que o guiava passo a passo, mesmo quando já marchava entontecido de tanto acompanhar com os olhos a ponteira de freixo sobre o asfalto. «Preciso de me habituar a esta caneta», repetia aqui, acolá e mais adiante. «Preciso de me habituar, preciso de me habituar...»

À sombra da faia descansou. Estava atordoado e, para mais, dorido. A mão com que agarrava a muleta tinha bolhas abertas, em carne viva.

«Enrola-lhe um lenço», aconselhou Aníbal.

Sentaram-se debaixo da árvore e estenderam o farnel: vinho, queijo e pão – pão negro, pão de soldado.

Assim estão. Passou a primeira camioneta, passou a segunda, e eles, comendo e olhando, não se mostram

dispostos a abandonar a faia que os acolheu. Comem sem vontade, mexem os queixos – o Portela muito direito contra o tronco da árvore, Aníbal fazendo sinais na terra com o cabo da navalha. E olham, e pensam.

«A mim», principia o velho, «não sei porquê não me apetece voltar a casa. Porque será?»

Falando vagarosamente e ao mesmo tempo riscando o chão, parece que vai escrevendo tudo, letra por letra:

«O que vale é que não há-de ser por muito tempo. Se os cálculos não me falharem, arranjamos a vida mais depressa do que tu possas imaginar. A questão é haver sorte e saúde.»

Arrepende-se da palavra «saúde» e espreita de lado o amigo. Depois, pensando melhor, arrepende-se também da palavra «sorte» e apressa-se a disfarçar:

«Tudo vai de saber guardar a confiança. De não esmo-recer.»

O Portela fita uma nuvem e quebra distraidamente côdeas nos dedos. Pretende fugir à voz do companheiro, arredar-se para longe de tudo quanto ele lhe possa dizer, uma vez que já não suporta, que está farto de consolos e de desculpas de toda a gente. Mas o velho vai emba-lado, isto é, o velho já não consegue evitar a atracção ou o compromisso das próprias palavras. Deixa-as escorrer, desenhando arabescos com o cabo da navalha:

«Salvámo-nos, já não é pouco. Outros têm tido pior sorte do que nós em condições bem menos infelizes.»

Outra palavra desastrada: «infelizes». A navalha retrai-se, demora-se numa pausa, mas acaba por recommençar a escrita obscura sobre o pó e as formigas:

«É certo, Janico, que todo o tacto é pouco para saber-mos escolher daqui para o futuro aquilo que verdadeiramente nos pode convir. Cuido mesmo que tudo na vida vem dessa habilidade: saber escolher. Mas, enfim, agora dispomos de algum dinheiro e é isso que todo o negó-

cio exige antes de mais nada. Dinheiro, um mínimo para começar.»

Os traços da navalha sobre a poeira baralham-se num amontoado confuso e a mão de Aníbal gira impassível, alheada do companheiro que esfarela pão nos dedos e que fita o nada, uma nuvem. A voz que se desprende do velho (ou da escrita da navalha) prolonga-se pela tarde adiante, fala de pequenos negócios, de romarias e de folhetos, do mínimo de dinheiro necessário para começar. Fala, acrescente-se, do pão incerto que é dado ao cavador comparado com o dos feirantes que, sendo também incerto, o é por outras razões e tem, ao menos, aventura, música e acasos de boa sorte. Finalmente, Aníbal refere-se à coragem de muitos campeões da própria desgraça, entre os quais aqueles reis e aqueles fidalgos da História que deixaram pedaços do corpo nas batalhas e que, apesar de cegos e manetas, foram temidos e considerados, vindo a morrer na abundância – tudo isso em anos muito recuados, nos séculos dos reis e dos fidalgos que marchavam para a guerra à cabeça dos esquadrões.

«Ai, ai», suspira o Portela, cortando-lhe o discurso. Apanha a muleta e, firmado nela e no tronco de árvore, começa a içar-se. E já de pé:

«Mal adivinhava eu que no Cercal havia um tiro à minha espera.»

Este lamento, esta conclusão, deixaram o velho desasado, suspenso por um segundo no fio das palavras. E é como está: humilhado, à sombra do coxo, esfregando a cara às costas da mão com que segura a navalha.

O Portela chama-o à realidade:

«Tio Aníbal, vossemecê quer então que eu venda folhetos?» Corre-o de cima abaixo e arreganha os dentes. «Vossemecê nem ao menos se lembra que eu não sei ler, catano?»

E ri com ódio, com maldade.



Sentado na terra, o velho ouve e cala. Podia ter respondido se quisesse; podia ter-lhe dito, como sempre dissera a si mesmo ao estudar o futuro do amigo, que não tinha qualquer importância o facto de não saber ler, desde que alguém se encarregasse de fazer por ele a escolha da mercadoria, os folhetos, neste caso. «Talvez devesse mesmo dizê-lo», pensou.

Mas não valia a pena. O Portela já se arrastava, em direcção à primeira camioneta de carreira.

«Vai melhor», julga o velho, vendo-o tão decidido. E apega-se à ideia: «Vai melhor, isso é que ele vai. E tu, Aníbal, tens de prestar justiça a esse moço que aí vês à tua frente.»



### XXX

«Tens de prestar-lhe justiça», repetirá dali para o futuro, admirado com a coragem do amigo.

Viu com que vontade ele se tinha metido à estrada, cavalgando uma muleta por domar; viu-o na camioneta de carreira, quieto e resignado; vê-o agora, quase no fim da jornada, disposto a fazer frente a mais de uma légua de mau piso para chegar a Cimadas.

«Despache-se, tio Aníbal. Quanto mais escurecer mais me custa a andar nestes caminhos.»

Desde o cruzamento onde os deixou o autocarro, toda a viagem que se segue é feita entre silvas e penedos – portanto demorada, a menos que tenham a felicidade de encontrar qualquer carroça que os transporte.

«Não perca tempo, senhor. Aproveite a gente o resto da tarde e verá como nos pomos nas Cimadas num instante.»

«Também é verdade», concorda Aníbal, um pouco à retaguarda; mas nem por isso deixa de se voltar constantemente. «Eu só queria ver se passava algum carreiro.»

João Portela irrita-se: sonhos, sonhos do velho, como sempre – e atira-se com mais alma ao caminho. Anda que se desunha, pois a cantilena do outro tem o condão de

o pôr fora de si, de o fazer sentir-se enganado com tantas histórias, tantas fantasias. Chega a desejar-se sozinho mas, francamente, não pode. Lá quando lhe parece roda sobre a muleta:

«Despache-se, senhor. Por este andar não chegamos às Cimadas com sol.»

«Melhor», observa o velho; mas não o diz. Tudo quanto deseja é meter-se em casa sem ter de aturar os vizinhos, sem mais esclarecimentos; depois dar abrigo ao companheiro e na manhã seguinte decidir com ele, a sós, sobre o futuro que lhes pode interessar. Tem, pelo menos, dois folhetos numa gaveta (além da *História dos Mouros* e de meia dúzia de cadernos dispersos de *A Verdadeira Trágédia dos Távoras* e o *Fim Cruel Que Lhes Deu o Rei*). Sem querer deixa-se atrasar: «Não chegam, teremos de comprar outros novos. Mas... e as *Aventuras do João de Calais*? Que sumiço teria eu dado ao *João de Calais*? E *Os Três Corcundas de Setúbal*, é verdade?»

«Então, tio Aníbal?»

Diabo, é o moço a protestar. Tem de apressar-se e deixar para outra ocasião o caso dos folhetos. Para já conta com a *História dos Mouros* e com *Os Távoras*. Um começo que não é de desprezar. Tenciona mostrá-los ao Portela e discutir com ele um pequeno negócio, um rumo na vida. Depois tratará do *João de Calais* e das aventuras jocosas dos Corcundas. Tudo tem o seu tempo e no esperar é que está o ganho. «Oxalá o moço amanhã esteja bom e sem aquela mão tão inchada. Por enquanto acho-o bem-disposto e, ou eu me engano muito, ou temos homem para as feiras. Coragem não lhe falta. Essa justiça ninguém lha pode negar.»

«Tio Aníbal», torna o Portela lá da frente. «Mexa-se que vamos entrar no Murtal.»

Agora é o doente que puxa pelo são. Aníbal alarga o passo e só nesse instante dá conta da distância que tinha

percorrido enquanto o pensamento e a imaginação lhe correram, transviados, por outros caminhos, por praças e por tabernas de domingo, trabalhando o modestíssimo negócio do futuro e a redenção dum mutilado. A noite já anda à volta deles, com o seu primeiro jogo de sombras, a sua hábil manobra – e o Murtal fica acolá: é aquele amontoado taciturno de paredes a meio dum cabeçaço.

«Despache-se, senhor.»

Quando se chega ao Murtal depois do sol-posto, a estrada para Cimadas assemelha-se a um ribeiro sem água, um boqueirão cego entre balceiros. Indo por ele, passando um desvio que leva às casas do «monte», encontra-se, a um quarto de hora de marcha, um souto ralo mas espinhoso. Aí está sempre um cão à caça de quem vem, um lobo arraçado que de dia dorme e de noite ronda.

Os nossos viajantes conhecem muito bem o terreno que pisam e tomam precauções para o defrontar. O velho cobre o amigo e, de peito feito, mal sente o monstro a deslizar com patas de lã, disfarçado nas moitas, vai-se a ele com a correia do cinto e com pedradas ao deus-dará. Não o apanha, mas a fera, achando-se descoberta, raspa-se tão calada e sorrateira como tinha aparecido. Uma vez longe do alcance dos homens, senta-se nos quartos traseiros e, como se não se tivesse passado absolutamente nada com ela, põe-se a lambar o pêlo, a afiar a dentuça. Depois lá se lembra da desfeita que lhe fizeram e, por descargo de consciência, uiva.

«Cadelão dum corno.» Aníbal, pelo uivar, sabia-o distante e despeitado. «Isso, queixa-te que te há-de valer de muito.»

João Portela não se pronunciou. Estava transido de medo, pegado à muleta com ambas as mãos. Mas ao lado dele o velho pôs-se tenso, de orelha fita. Seria o cão outra vez?, pergunta, assustado, o coxo.

Felizmente que não. À distância, soam uns guizos e, à medida que os uivos do velhaco aumentam desesperadamente, vai rompendo do lusco-fusco uma carrocinha ligeira tocada por dois machos luzidios.

No meio caminho Aníbal abre os braços para a fazer parar:

«Boa noite, nosso amigo. Arranja-se aí lugar para um doente?»

O carreiro segura os animais, inclinando-se para trás, de rédeas esticadas. Como todos os carreiros de longa viagem, guiava sentado entre os varais, com os joelhos perto da cauda das bestas.

«Qual é o destino?»

«Cimadas. Mas qualquer lugar em caminho nos serve.»

«Hummm», faz o carreiro. Aníbal espera, meio a sorrir, meio ansioso. Os machos esfregam o focinho um no outro, agitando o carro e os guizos dos cabrestos. «Está bem, traga lá o homem.»

Foi o que o velho quis ouvir. Em menos de nada, levanta o amigo, mete-o na carroça, de costas contra os taipais, e vai sentar-se na borda da retaguarda com as pernas de fora.

«Ehoo, Carriço. Eh, macho.»

«Bonitos animais», considera Aníbal, voltado para a fita de caminho que se desenrola debaixo da carroça. «É possível que noutras estradas um cavalo seja mais apropriado e mais ligeiro. Mas para estas aqui, nada como um macho. Os ciganos que o digam.»

Vai embalado nos guizos e no trote das bestas. Nunca se tinha lembrado de acompanhar aquela melodia tão simples e que sempre lhe soara repetida e igual. No entanto os guizos têm as suas virtudes, parecem cantar eternamente a mesma música e, bem escutados, bem percebidos, cantam tudo o que se quiser. É só ajeitar o ouvido, forçar um pouco a memória para as cantigas de que se gosta – depreende o velho.

«Vossemecê para onde vai?», pergunta o Portela ao carreiro.

E o carreiro, falando para a estrada, por cima do lombo dos machos:

«Para o Lousado.»

«Para a herdade dos Melos?»

«Para a dos Melos. Mas posso dar a volta e deixá-los nas Cimadas.»

«Muito agradecido», diz o velho. E o companheiro igualmente: «Muito agradecido. Grande lavoura lá pelo Lousado?»

Aníbal, ou porque vá consolado com a corrida ou porque a música o prenda à memória das romarias e às trovas que conheceu de ouvido, Aníbal esquece tudo, as mágoas e os remorsos, e na alma dele põe-se uma voz a cantar: «Lousado, Lousado. Canudo que é andar com sorte.»

À flor da noite, a viagem faz-se numa esteira de guizos e de golpes de rédeas assobiando às orelhas dos machinhos tocadores. Com as suas cabeças espertas, suas ferraduras de prata, eles deslizam sobre nuvens minúsculas, breves sopros de poeira, levando o coxo amigo para longe do martírio, sempre mais próximos de Cimadas, desse desejo, desse cheiro familiar.

Quando Aníbal acordou pela manhã os habitantes do lugar andavam na limpeza do poço. Ficou a observá-los, pelo vidro do postigo, descalço e em ceroulas, reconhecendo-os um por um. Misturada com eles, andava (quem?) Floripes, a moça dos Sotas.

«Olá», murmurou com alegria, como se a cumprimentasse muito em segredo, daquele janelo.

Mais à esquerda, entre os muros do poço, elevou-se uma figura enlameada, rompendo das profundezas; as galinhas debicavam no lodo amontoado no chão, os garotos corriam, o azeiteiro dava opiniões ou parecia que as dava. Junto dele estava o sarilho, pronto a ser colocado, e mais além um balde novo faiscando ao sol. O velho apreciava tudo aquilo, maravilhado.

«Tio Aníbal», disse João Portela, erguendo-se na enxerga onde outrora dormira o filho-soldado. «Alcance-me a muleta, tenha paciência.»



Escrito, numa primeira versão, entre Março de 53 e Maio de 54, O HÓSPEDE DE JOB já nessa altura não visava à preocupação *documental* (aliás, legítima) de certas obras ditas «de testemunho». Seria, antes, e espero que continue a ser, apesar das sucessivas correcções que lhe fui introduzindo até agora, uma «história de proveito e exemplo» – um romance, no sentido tradicional do termo, destinado unicamente a ilustrar uma lenda, uma moral ou um clima humano, para lá de qualquer imediatismo de tempo e de lugar histórico.

As circunstâncias geográficas ou de acção e as personagens do livro são, pois, elementos *típicos*, recriados (como nas parábolas ou como nas narrativas populares do bom soldado e do mau ladrão) com o objectivo de um tom sentencioso, exemplar. Se alguma semelhança directa se lhes reconhecer com a experiência da vida real, isso deve-se à contingência de todo o acto do Homem em que interferem a imaginação e a memória, e que é a de criar ou destruir, utilizando o barro quotidiano de que ele próprio, Homem, vai sendo moldado.

J.C.P.

*Novembro de 1963*



**Language:**

Portuguese

**Author:**

Pires, Jose Cardoso

**Title:**

O hospede de job

**Fiction:**

Fiction

**ISBN:**

9789896600631

190

Kjpc-ltd.com

(+44) (0) 1422 384812

**UM ROMANCE, NO  
SENTIDO TRADICIONAL  
DO TERMO, DESTINADO  
UNICAMENTE A ILUSTRAR  
UMA LEGENDA, UMA MORAL  
OU UM CLIMA HUMANO,  
PARA LÁ DE QUALQUER  
IMEDIATISMO DE TEMPO  
E DE LUGAR HISTÓRICO.**

**JOSÉ CARDOSO PIRES, NOVEMBRO DE 1963**

**José Cardoso Pires** (1925-1998) nasceu a 2 de Outubro de 1925 na aldeia de Peso (Castelo Branco) e faleceu em Lisboa, a 26 de Outubro de 1998. Considerado um dos mais importantes escritores portugueses contemporâneos, a sua obra foi traduzida em diversas línguas e distinguida com os seguintes prémios: Prémio Internacional União Latina (Roma, 1991), XXV Prémio Internacional Ultimo Novecento (Pisa, 1992); Prémio Pessoa (Lisboa, 1997); Prémio Vida Literária, da APE (Lisboa, 1998); e Prémio Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa (Lisboa, 1998). Alguns dos seus livros foram ainda premiados individualmente, como é o caso de *O Hóspede de Job* (1963) – Prémio Camilo Castelo Branco; *Balada da Praia dos Cães* (1982) – Grande Prémio de Romance e Novela da APE; *Alexandra Alpha* (1987) – Prémio Especial da Associação de Críticos do Brasil; *De Profundis, Valsa Lenta* (1997) – Prémio Dom Dinis da Fundação da Casa de Mateus e Prémio de Crítica da Associação Internacional de Críticos Literários.



ISBN: 978-989-660-063-1



9 789896 600631